

Amor ao Bem



Volume I



Namo Dhammāya

Reverência ao Bem



“

A etiqueta de preço? Ausente.

Com a doação, um coração contente.

Nada pede ou espera em troca.

O Bem – o Dharma – é o maior presente.

Autor do poema 'Amor ao Bem:' **Monge Tyāgo**

Tradução dos textos canônicos para o português: **Monge Tyāgo**

Projeto gráfico de capa e miolo: **Renan Castro**

Prefácio

Uma vez, um monge disse a outro monge:

— No que tanto pensas?

— *Estou tentando descobrir como explicar para a minha família e para os meus amigos o que significa ter me tornado um monge.*

— Se descobrir, por favor, me avisa.



Escrito em Setembro de 2022, durante a minha estada no Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), em Alto Paraíso de Goiás - GO, o poema “Amor ao Bem” é, por um lado, uma tentativa de conduzir parentes e amigos interessados a um significado genuíno do Budismo. O formato do livro, talvez, seja inesperado. Quem sabe o leitor se alegre ainda ao descobrir que monges em séculos passados não fizeram diferente: eles escreveram epístolas poéticas explicando o seu entendimento sobre os ensinamentos do Bhagavam Gautama Buda. Por exemplo, o ven. Nāgārjūna, na Índia, escreveu para o rei Sātavahāna e, no Sri Lanka, o ven. Kavicakkavatti Ānanda escreveu para o seu amigo, o ven. Buddhasoma.

Assim, esta introdução ao Budismo continua uma tradição de mais de dois mil anos. Porém, enquanto que as palavras desses veneráveis do passado se tornaram textos raiz, fontes de comentários e alvos de estudos por parte das gerações posteriores, o “Amor ao Bem” é mera desculpa para apresentar as palavras do Bhagavam da maneira como foram primorosamente preservadas no cânone em páli (esta, a sua língua original). Para o monge que aqui escreve, esses, sim, são os textos raiz. Já os versos com os quais adorno-os são apenas pequenos comentários.

Se, por um lado, “Amor ao Bem” é uma carta dedicada aos que me rodearam nesta vida, por outro, eu espero que seja, para aqueles que buscam no escuro, uma preciosa lamparina.

Monge Tyāgo

Santuário Sāsanarakkha, Malásia

Setembro de 2023

Sumário

Textos canônicos originais e outras traduções podem ser consultados de acordo com as seguintes abreviações:

Abreviações

Kd	Vinaya Khandhaka	Dhp	Dhammapada
DN	Dīgha Nikāya	Snp	Sutta Nipāta
MN	Majjhima Nikāya	Ud	Udāna
SN	Saṃyutta Nikāya	Iti	Itivuttaka
AN	Aṅguttara Nikāya	Ja	Jātaka

Prefácio	5
Sumário	7
Amor ao Bem.....	15
As Palavras do Buda	25
<i>A primavera, ela envelhece</i>	
1. Ao Bahadrako (SN 42.11).....	26
2. Ao Hatthaka (AN 3.35)	29
“O tempo, como ele voa (SN 1.4).....	31
<i>Não crie marcas, seja inocente</i>	
3. Ações (AN 4.233).....	32
“Desenredado ele é da rede (Dhp 180)	34
<i>Um incêndio queima este mundo</i>	
4. Sem Lágrimas (Ja 328)	35
5. Não Há Quem Assegure (AN 5.48)	40
<i>Do bem e mal feito és resultado</i>	
6. Sobre o Impossível (AN 1.287-295).....	43
7. Censurável (AN 4.135).....	44
8. O Manto Importado (MN 88)	44
9. Motivos (AN 6.39).....	47
10. Resultados da Má Conduta (AN 8.40)	48
11. O Pequeno Discurso da Análise das Ações (MN 135)	50

12. O Fogo do Sacrifício (AN 7.47).....	57
13. Diligência (AN 4.121)	62
14. Conduta (AN 5.241).....	63
15. Sem Dívida (AN 4.62).....	64
16. Dívida (AN 6.45)	66
17. Garotos (Ud 5.4).....	68
<i>O dever de casa pra quem tem causa</i>	
18. A Virtude dos Kurus (Ja 276).....	70
“Irigador é quem guia a água (Dhp 145)	83
19. Absolutamente (AN 2.18)	83
20. Incansável (AN 2.5).....	84
“Sem raiva conquiste a raiva (Dhp 223)	84
21. Estagnação (AN 10.53).....	85
“Me insultaram, me atacaram (Dhp 3).....	86
22. O Pleno Conhecimento da Raiva (Iti 12).....	86
23. Intolerância (AN 5.215).....	86
“Tão feio é o raivoso (AN 7.64)	87
<i>Não senta e espera por boa notícia</i>	
24. A História de Magha (Ja 31)	90
“Quem planta jardins e, também, parques (SN 1.47)	93
<i>Fazendo o bem, planta boas sementes</i>	
25. O Rei Samvara (Ja 462).....	94
26. Em Sedaka (SN 47.19).....	99
27. Levados Pelos Outros (Ja 322)	99
<i>Tal como o vento, ele avança</i>	
“Uma ruína é para o tolo (Dhp 72).....	102
28. Autoconfiança (AN 5.171).....	102
29. Virtude (AN 5.213)	103
“Contra o vento, não corre o cheiro (Dhp 54)	103
30. O Cervo Chamado Nandiya (Ja 385)	104
31. Aparência (AN 4.65).....	107
32. Preceitos (AN 4.201).....	107
33. Aspirando pela Felicidade (Iti 76).....	109
<i>Sem avidez, contente e simples</i>	
“Nem mesmo ao chover dinheiro (Dhp 186)	110
34. O Grande Macaco Rei (Ja 407)	110
35. O Rugido do Leão de Sáriputra (AN 9.11)	113
“Calma é a sua mente (Dhp 96)	115

Violência: nunca! Inofensivo

“Aquele que ataca seres (Dhp 131)	116
36. Conselhos ao Ráhula (MN 61)	116
37. Com Abhaya (MN 58)	117
“Em vila ou em floresta (Snp 1.7)	117
38. Árvore Auspiciosa (Ja 465)	118
“O medo nasce das mãos armadas (Snp 4.15)	134

Caso o acusem de mal não feito

“Em meio à ventania (Dhp 81)	136
39. O Melhor Caminho (Ja 282)	136
40. Sundari (Ud 4.8)	139
41. Digno de Crítica (AN 4.83)	142

Se o insultarem ou maltratarem

“Opressão, prisão e abuso (Dhp 368)	144
42. A Parábola da Serra (MN 21)	144
“Cortando o que, há um bom descanso? (SN 1.71)	145
43. Paciência (AN 4.164)	145
44. Abuso (SN 7.2)	146
45. O Longo Discurso com Sachaka (MN 36)	147
46. Vepatitti (SN 11.4)	147
47. A Paciência de Ráhula (Ja 319)	150

Não bata boca, não se exaspere

“O debate e o bate-boca (Snp 4.11)	151
48. Confronto (SN 56.9)	152
“A ninguém mesmo seja grosseiro (Dhp 133)	152
49. Assembleias (AN 2.51)	153

Promova sempre a harmonia

50. Kosambi (Kd 10)	154
51. Em Sárandada (AN 7.21)	170
52. União (AN 4.32)	172

No feitiço, veja o feitiço

53. Nem Pela Própria Mãe (SN 17.37)	173
54. Poucos (SN 3.6)	173
55. Suavidade (Ja 66)	174

Observe, tenha cuidado

56. O Curto Discurso Sobre o Aglomerado de Sofrimento (MN 14)	178
57. Circunstâncias (1º) (AN 5.57)	183
“O pensamento apaixonado (AN 6.63)	183

Podendo, fuja da algazarra

58. Amor pelo Silêncio (DN 25)	185
59. O Rei Makhadêva	186

Fique onde o coração entenece

60. O Papagaio Sattigumba (Ja 503).....	188
“Com o tolo, viver à parte (Snp 2.4)	192
61. Com Esukári (MN 96).....	192
62. Circunstâncias (2º) (AN 4.192).....	192
63. Vivendo Confortavelmente (AN 5.105).....	193
64. Fraternidade (AN 6.12)	194
65. Metade da Vida Santa (SN 45.2)	195
66. Nobre Humildade (Ja 323).....	0
“Não preze más amizades (Dhp 78)	0

Aprenda a cuidar dos outros

67. Raros (AN 2.119)	0
68. Cuidando de Doentes (AN 5.124)	0
69. O Bom Paciente (Kd 8)	0
70. Fraternidade Monástica (Kd 8).....	0
71. Conselhos ao Sigálaka: Sobre Amigos (DN 31)	0
72. Conselhos ao Sigálaka: Sobre Empregados e Subordinados (DN 31)	0
73. Conselhos ao Sigálaka: Sobre Reclusos (DN 31)	0
74. O Recluso Kesava (Ja 346)	0
75. Riqueza (AN 5.227)	0
76. Utilizando a Riqueza (AN 5.227)	0
“Colocando-se no comando (Snp 1.6).....	0
77. Para o Bem de Si e dos Outros (AN 4.95).....	0

Perdoe-os pelo que fazem

78. Bem Treinado (Ja 23).....	0
79. Afastando o Ressentimento (1º) (AN 5.161)	0
80. Afastando o Ressentimento (2º) (AN 5.162)	0
81. Afastando o Ressentimento (3º) (AN 5.162)	0
82. O Pequeno Discurso da Adoção de Práticas Religiosas (MN 45)	0
83. Comida (AN 5.37)	0
“Quando a pessoa é muito rica (Snp 1.6)	0
84. Frutos das Doações (Iti 26).....	0
85. Famílias (SN 42.9)	0
86. Com o General Síha (AN 5.34)	0
“Por egoísmo e negligência (SN 1.32)	0

87. A Doação da Pessoa Sem Grande Caráter (AN 5.147)	0
88. A Doação da Pessoa de Grande Caráter (1º) (AN 5.148)	0
89. Velâma (AN 9.20)	0
90. Oito Doações (AN 8.31)	0
91. Estando Presente (AN 3.41)	0
92. Vacchagota (AN 3.57).....	0
93. Arco e Flecha (SN 3.24)	0
94. Ocasão para Presentes (AN 5.36)	0
95. A Nuvem Que Não Chove (Iti 75)	0
“Quando a casa está em chamas (SN 1.41).....	0
96. A Doação da Pessoa de Grande Caráter (2º) (AN 8.37).....	0
97. Difícil Façanha (Ja 401).....	0
98. Doações para Renascer (AN 8.35).....	0

Ao seu redor, feliz, sirva à todos

99. Os Seis Fatores da Doação (AN 6.37)	0
100. Insaciável (Ja 291)	0
101. Limites (AN 1.322-323).....	0
102. Realizações (AN 8.76)	0
103. Negócios (1º) (AN 4.79)	0
104. Negócios (2º) (AN 5.177)	0
105. Apreciando os Produtos Sedutores (AN 10.91)	0
106. Conselhos ao Sigálaka: Sobre Estudantes e Professores (DN 31)	0
107. Mangas (Ja 124)	0

Querendo e achando uma candidata

108. Mulheres Confiantes (SN 37.33)	0
109. O Poder das Mulheres (SN 37.27,31).....	0
110. Desagradável para as Mulheres (SN 37.2).....	0
111. Conselhos ao Sigálaka: Sobre Maridos e Esposas (DN 31).....	0
“De fé, um casal dotado (AN 4.53).....	0

Pois amizade é amor verdadeiro

112. Igualdade (AN 4.55).....	0
-------------------------------	---

Os pais idosos, sempre os ampare

113. A Morte do Bem (Ja 417).....	0
114. Devoção Filial (Ja 455)	0
115. Brâma (AN 4.63).....	0
116. Recomendações dos Sábios (AN 3.45).....	0
117. Pais (AN 2.33).....	0
118. Ferido e Arrasado (AN 2.33).....	0

“Quando a mãe e o pai idosos (Snp 1.6)	0
<i>Os mais velhos, sempre os respeite</i>	
“Quem respeita habitualmente (Dhp 109)	0
119. O Perdiz (Ja 37)	0
<i>Abra caminho, dê-lhes assento</i>	
120. No Princípio... (DN 27)	0
<i>Tão grande, ainda, é o dedicado</i>	
121. Senioridade (Kd 17)	0
<i>Seja inocente como a criança</i>	
122. Em Uruvela (1º) (AN 4.22)	0
<i>Tenha amor pela reverência</i>	
123. Irreverência (AN 5.21)	0
124. Guardiões do Mundo (AN 2.9)	0
125. Em Uruvela (2º) (AN 4.21)	0
126. Respeito ao Dharma (1º) (Ja 319)	0
127. Respeito ao Dharma (2º) (SN 35.133)	0
<i>Não faças que outros o respeitem</i>	
128. Elogio e Critica (MN 22)	0
<i>Aos teus olhos, teus próprios erros</i>	
129. Catarse (1º) (MN 8)	0
“Nem o que fazem ou o que não fazem (Dhp 50)	0
130. Grande Caráter (AN 4.73)	0
131. Aplanando a Terra (Ja 356)	0
<i>Antes de criticar, encorage</i>	
132. Catarse (2º) (MN 8)	0
133. Em Kusinára (AN 10.44)	0
“Uma flor adorável e bela (Dhp 51)	0
“A si mesmo, antes de tudo (Dhp 158)	0
134. A Fala (AN 5.198)	0
135. Potaliya (AN 4.100)	0
136. Limites da Fala (AN 4.183)	0
137. Não-conflito (MN 139)	0
138. Amigo (AN 7.36)	0
139. O Touro Nandivísála (Ja 28)	0
<i>Se criticado, ouça com cuidado</i>	
140. Acusação (AN 5.167)	0
141. Irracional (AN 3.5)	0
“Quem senta quieto é criticado (Dhp 227)	0

Seja aberto sobre suas falhas

“Ter à vista é muito fácil (Dhp 252)	0
142. Aos Kosambienses (MN 48)	0
143. Confessar é Crescer (AN 3.91)	0

Deixe suas crenças e os seus valores

144. A Rede de Brâma (DN 1).....	0
----------------------------------	---

Procure entender o que é a falta

145. O Cervo Sarabha (Ja 483)	0
146. O Egoísta (Ja 131)	0
“Ao que parece, então, é verdade (Ja 33)	0
147. O Rei Junha (Ja 456)	0
148. O Grande Cavaleiro (Ja 302)	0
“Visitando outra família (Snp 1.7).....	0

Em tempos de paz, tanta folia

149. Manhã (AN 3.155)	0
150. Ações Efetivas (AN 4.61).....	0
151. Desejável (AN 5.43)	0
152. Meios (AN 4.15)	0
153. Não Tema Fazer Boas Ações (AN 7.62).....	0
154. A Natureza do Mundo (AN 8.5).....	0
155. As Perguntas de Sakka (DN 21)	0
156. Suppavása (Ud 2.8).....	0

Largue as drogas e álcool pra sempre

“Mulherengo, alcoolizado (Snp 1.6)	0
“Com a esposa de seus parentes (Snp 1.7)	0
157. Seguindo a Corrente (AN 4.5)	0
158. A Vigília em Nove Fatores (AN 9.18)	0
159. Sobre a Vigília (AN 8.43)	0
160. Longevidade (AN 5.125)	0
“A pessoa que ataca seres (Dhp 246-8)	0
161. O Lobo (Ja 300).....	0
162. Subjugar (AN 4.138)	0
“Bocejo, leseira e sono (SN 1.10)	0
163. Êxtase (AN 5.176).....	0
164. Com Subha (MN 99)	0
165. O Descanso dos Pensamentos (MN 20)	0
“Sem matar e sem causar morte (Snp 2.14).....	0

Tua presunção e tua arrogância

“Pelo orgulho sendo tomado (Snp 1.6)	0
“Aquele que se elogia (Snp 1.7)	0
166. Vícios da Mente (MN 7, AN 2.250-254, AN 4.69 AN 4.304-783)	0

Um terno coração, inofensivo

167. Aos Kalamas (AN 3.65)	0
“Ao hábil no bem, lhe cabe (Snp 1.8)	0
168. Os Benefícios da Bondade (AN 11.15)	0

Não há como praticar isso

“Maior felicidade, se é vista (Dhp 290)	0
169. A Parábola da Montanha (SN 3.25)	0

Pois é assim que há muitos frutos

170. Surge do Querido (MN 87)	0
171. A Escama da Cobra (Ja 354)	0
172. O Vaqueiro (Ud 4.3)	0

Assim a perdição se evita

173. O Soprador da Corneta (SN 42.8)	0
174. Incontestável (MN 60)	0
175. Dois Brâmanes (AN 3.51)	0
176. Medo (AN 4.184)	0
177. Perdas (AN 5.130)	0
178. Com Asibandhaka (SN 42.6)	0
“O que é bom até a velhice? (SN 1.51)	0
“Se de formas tão variadas (SN 1.75)	0
179. Fazendo Sorte (AN 8.36)	0
“Qual a maior riqueza do homem? (Snp 1.10)	0
180. Detentores dos Três Saberes (DN 13)	0

Epílogo (SN 7.18)	196
-------------------------	-----

Notas de Tradução	198
-------------------------	-----

Bibliografia	199
--------------------	-----



Amor ao Bem

Parte 1





*Bela como a primavera.
Estremeço como no inverno.
Houve paixão nesse veraneio.
Do outono sair não quero.*



*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*



*Deixe marcas, encante, assombre,
viva com graça, faça memórias.
Ria, divirta-se, apaixone-se,
abraçe, beije, dance na orla.*



*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abrande.
No papel, traços cor de água.*



*Flamejante flecha me atinge.
Pleno pulmão, grito em silêncio.
Meu peito diz: “como quero tê-la!”,
mas, mesmo a tendo, eu não a tenho!*



*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*



*De onde eu venho? Pra onde eu rumo?
O que eu faço aqui comigo?
Em meio a tanto desejo e medo,
besta, nem sei sobre o que pergunto...*



*Do bem e mal feito és resultado.
Ao fruto de tais ações, destinado.
Querendo alegria e não tormento,
sê inocente, larga o que arde.*



*Há tantos problemas neste mundo!
Estudo, estudo, tenho idéias:
“Eis o caminho pra melhoria,
mas este povo aqui é tão cego!”*



*O dever de casa pra quem tem causa
é criar pra si um grande caráter:
correto, sóbrio, não faz o errado
nem enraivece indignado.*

*Não senta e espera por boa notícia,
não desespera com o mundo em baixa.
Boa notícia, aprende a criá-la.
Boa notícia, assim ele é, de fato.*

*Fazendo o bem, planta boas sementes,
gentil, ajuda, firme e aplicado.
Verdadeiro, nele confiam.
Escrupuloso, humilde e sábio.*

*Tal como o vento, ele avança.
Rochas e pedras vão para os lados.
Não por causa de suas ideias,
mas pelo poder de seu caráter.*



*Como ser feliz nesta vida
em meio ao caos, trabalho e família?
Como se aguenta o sofrimento?
E sobre a morte, o que me diria?*



*Sem avidez, contente e simples.
Apague a raiva, seja bem manso.
Agente a dor sem pensar maldades,
lúcido, calmo e muito bondoso.*

*Violência: nunca! Inofensivo!
Jamais tomando o que é alheio.
“Dia da mentira”, o que é pros outros
que apenas seja-lhe Abril, primeiro.*

*Caso o acusem de mal não feito
não contra-acuse; esclareça os fatos.
Busque lugar seguro, em perigo.
E, mesmo a salvo, nunca retalhe.*

*Se o insultarem ou maltratarem
queime o convite pra dar o troco.
Firme, agente-os com paciência.
Fé no caminho mais poderoso.*

*Não bata boca, não se exaspere.
Veja a teia. Nela não caia.
Fale o que acalma, caso contrário
sinta o prazer em ouvir cigarras.*

*Promova sempre a harmonia.
Não divida unidos em partes.
Entre partidos, se una à verdade,
à inocência, ao bem e humildade.*

*No feitiço, veja o feitiço.
Vida de plástico, isso não queira.
Enfeitiçado, o bem é esquecido.
“Mero plástico” vê no espelho.*

*Observe, tenha cuidado
com as delícias várias do mundo.
Inebriados e apegados
agimos mal e ficamos sujos.*

*Podendo, fuja da algazarra.
Vá aonde a brisa suave o toque,
aonde o silêncio é sinfonia,
aonde o pôr do sol o comove.*

*Fique onde o coração entenece,
na companhia de gente simples.
Do humilde, faça o seu mestre.
Um paraíso assim que se cria:*

*Aprenda a cuidar dos outros
sem no entanto incomodá-los.
Constantemente, traga isto à mente:
“Precisariam eles de algo?”*

*Perdoe-os pelo que fazem
sem raiva – chore se necessário.
Do bolo, dê-lhes a melhor parte.
Aprenda o prazer que há nesses atos.*

*Ao seu redor, feliz, sirva à todos.
Aprenda a ser contente com pouco.
Muito estudo, um emprego saudável.
Pôr do sol, café, chá, biscoitos.*

*Querendo e achando uma candidata,
pergunte-a: “amor? ou, então, amizade?”
Se “amizade” ela responde,
convide-a ao altar. Com ela, case.*

*Pois amizade é amor verdadeiro.
Casal amigo é pra toda a vida.
Já inimigos que dormem juntos:
dia após dia, amarga ruína.*

*Os pais idosos, sempre os ampare.
Se difíceis, com paciência.
Se violentos, deles se afaste.
De longe cuide-os, não os maltrate.*

*Os mais velhos, sempre os respeite.
Ancestral é essa lei, de fato!
Quando anciões se fazem presentes,
levante-se e pause o papo.*

*Abra caminho, dê-lhes assento.
Fique em pé até que se sentem.
Mude seus modos e como fala.
Seja dócil estando com eles.*

*De coração, anciões bondosos
pelos jovens tem piedade.
Com as honras não se envergonham.
Deixam-se cuidar e são tão gratos.*

*Tão grande, ainda, é o dedicado
que não se tenta fazer mais alto
do que o irmão, amigo ou colega
que são mais velhos. Ele os acata.*

*Seja inocente como a criança.
Infantilidade, deixe de lado.
Sempre amável, jovial e sóbrio
e não, juvenil e mal-educado.*

*Tenha amor pela reverência,
seja modesto, oferte respeito,
tenha pudor; na cara, vergonha,
e será querido onde há bem presente.*

*Não faça que outros o respeitem.
Queiras apenas limpar tuas falhas.
Se elogio a ti é jogado
não o pegues; deixes que caia.*

*Aos teus olhos, teus próprios erros.
O erro do outro é como o seu cinto:
Embora ele o esteja usando
não há porque nos ocupar nisso.*

*Antes de criticar, encorage.
Antes de ensinar, seja o exemplo.
Não tire sarro, não faça escárnio,
seja apenas um bom amigo.*

*Se criticado, ouça com cuidado
refletindo profundamente.
Dê o braço a torcer pela verdade
(guarde sua queixa pra outro momento).*

*Seja aberto sobre suas falhas,
sempre sincero ao pedir desculpas.
Dedicado a redimir-se,
o sol brilha afastando as sombras.*

*Deixe suas crenças e os seus valores
e sentimentos por um momento.
Então, veja, sinta e entenda
como outros sentem e entendem o mundo.*

*Procure entender o que é a falta.
Gratidão terá, assim, por tudo.
O cheiro ruim do mimo o deixa
e sensível será com o mundo.*

*Em tempos de paz, tanta folia.
Em grande crise, o povo deprime!
Com fé no bem, os mansos solidários
em meio à crise ainda são felizes.*

*Largue as drogas e álcool pra sempre.
Faça um retiro a cada quinzena:
Durma pouco, jejum, silêncio
Medita muito (Abstinência!)*

*Tua presunção e tua arrogância,
o teu orgulho que te exalta,
tua vaidade e o teu cinismo...
tais poeiras: dá-lhes um basta!*

*Um terno coração, inofensivo.
A mente: lúcida e grandiosa,
sem uma mancha, muita bondade,
experiência divina toca.*

*Não há como praticar isso
imerso em si e no seu trabalho.
Sábio, escolha um meio de vida
que se harmonize à felicidade.*

*Pois é assim que há muitos frutos
quando há virtude e o mal é deixado.
Largue o que é ruim já, e o bem pratique
a hora da morte nunca se sabe.*

*Assim a perdição se evita.
Assim morrendo, não sente medo.
Do outro lado, feliz é a vida
e aqui mesmo feliz viveras.*



Buddhavadana

As Palavras do Buda



Isto é o que
foi dito:

A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!

Por que motivo
isso foi dito?



1. Ao Bahadrako

Uma vez, quando o Bhagavam Buda¹ estava vivendo entre os mallaenses², em uma vila chamada Uruvelakappa, o patriarca da vila, chamado Bhadrako, se dirigiu a ele, fez-lhe uma reverência e sentou-se em um canto. Sentado, ele disse ao Bhagavam Buda o seguinte:

— Mestre, por favor, que o Bhagavam me ensine sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento.

— *Patriarca, se eu vos ensinasse sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento no passado dizendo “era assim no passado,” vós duvidaríeis e ficaríeis consternado sobre isso. Se eu vos ensinasse sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento no futuro dizendo “assim será no futuro”, vós duvidaríeis e ficaríeis consternado sobre isso. Ao invés disso, enquanto estou sentado aqui e enquanto estais sentado aí mesmo, eu vos ensinarei sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento. Que o patriarca ouça e preste bem atenção ao que eu digo.*

1. **Bhagavam:** significa, literalmente, “cheio de fortuna”. É uma forma elevada de se referir à uma pessoa importante e é a maneira pela qual o Buda (lit. “o Desperto”) era chamado pelos seus seguidores.

2. **Mallaenses:** habitantes do reino de Malla, parte de dezesseis reinos poderosos da Índia antiga. Nos relatos da invasão da Índia iniciada por Alexandre o Grande eles são identificados como Malloi.

“Sim, mestre”, respondeu o patriarca Bhadrako. Então, o Bhagavam Buda disse o seguinte:

– *O que o patriarca acha? Existiriam pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

– Mestre, existem pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento.

– *Ainda, patriarca, existiriam pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não surgiram em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

– Mestre, existem pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento.

– *Patriarca, qual a causa, qual a condição para que, com a punição, prisão, multa ou condenação de uma pessoa de Uruvelakappa, surjam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

– Mestre, em relação às pessoas de Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento, eu tenho por elas desejo e paixão. E em relação às pessoas de Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento, eu não tenho por elas desejo e paixão.

– *Patriarca, por meio dessas experiências visíveis, imediatas, acessíveis e penetráveis, podeis inferir sobre o passado e futuro o seguinte: “Quaisquer sofrimentos surgidos no passado, todos eles surgiram tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento. Quaisquer sofrimentos que surjam no futuro, todos eles surgirão tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento.”*

— Mas que espantoso! Mas que incrível! Como isso foi bem dito pelo mestre! “Quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento”. Mestre, meu filho Ciravási vive em uma casa distante. Ao acordar cedo, eu digo pra alguém: “Rapaz, vá e descubra como está Ciravási”. Mestre, enquanto esse rapaz não retorna, eu vivo desorientado pensando: “Que nenhuma adversidade aconteça ao Ciravási!”

— *O que o patriarca acha? Se Ciravási fosse punido, preso, multado ou condenado, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

— Mestre, se Ciravási fosse punido, preso, multado ou condenado, a minha vida inteira seria alterada! Como não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— *Patriarca, dessa maneira, também, pode-se saber que “quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento”. O que o patriarca acha? Antes de terdes visto e ouvido a mãe de Ciravási, havia desejo, paixão ou amor por ela?*

— Não mesmo, mestre.

— *Patriarca, teria sido depois de vê-la e ouvi-la que passou a haver desejo, paixão ou amor por ela?*

— Sim, mestre.

— *O que o patriarca acha? Se a mãe de Ciravási fosse punida, presa, multada ou condenada, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

— Mestre, se a mãe de Ciravási fosse punida, presa, multada ou condenada, eu viveria desorientado! Como não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— *Patriarca, dessa maneira, também, pode-se saber que “quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o*

desejo como raiz, o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento.”

2. Ao Hatthaka

Uma vez, quando o Bhagavam Buda estava em Álavi, no parque de jasmim laranja sentado em um monte de folhas espalhadas sobre uma trilha de gado, Hatthaka de Álavi o viu ali sentado enquanto fazia a sua caminhada. Ao se aproximar e cumprimentá-lo, ele sentou-se em um canto e disse-lhe o seguinte:

– O mestre dormiu bem?

– *Sim, jovem. Entre as pessoas no mundo que dormem bem, eu sou uma delas.*

– Mestre, as noites de inverno são geladas e agora estamos no período em que neva. O solo pisado pelos cascos das vacas é duro e a camada de folhas no chão é fina. As árvores têm poucas folhas, as vestes estão frias e frio também é o vento que do norte sopra. E, mesmo assim, o mestre diz: “Sim, jovem. Entre as pessoas no mundo que dormem bem, eu sou uma delas.”

– *Sobre isso, jovem, eu responderei fazendo perguntas: da maneira que parece ao jovem, dessa maneira, então, que ele responda. Suponhamos que um dono de casa vive em uma casa bem coberta e bem fechada, sem correntes de ar, com as fechaduras trancadas e as janelas fechadas. Lá dentro haveria um sofá com cobertores de lã peludos, branco puro ou bordado com flores, coberto com uma bela pele de cervo. Ainda haveria um baldaquim acima e almofadas vermelhas nas duas extremidades. Enquanto uma lâmpada de óleo queima, as suas quatro esposas estariam servindo ele de forma extremamente agradável. O que o jovem acha? Ele dormiria bem ou não dormiria bem?*

– Mestre, ele dormiria bem. Entre as pessoas que dormem bem no

mundo, ele seria uma delas.

— *Mas seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da paixão que o queimariam, levando-o a dormir mal?*

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da paixão que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata³ abandonou a paixão, ele a cortou na raiz, fez dela um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto, eu dormi bem. O que o jovem acha? Seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas do ódio que o queimariam, levando-o a dormir mal?*

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas do ódio que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata abandonou o ódio, ele o cortou na raiz, fez dele um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto, eu dormi bem. O que o jovem acha? Seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da ilusão que o queimariam, levando-o a dormir mal?*

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da ilusão que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata abandonou a ilusão, ele a cortou na raiz, fez dela um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto eu dormi bem.*

3. **Tathágata:** um epíteto que se refere às pessoas que alcançaram a perfeição: “a pessoa suprema, a pessoa excelente, aquela que realizou a maior realização.”



“O tempo, como ele voa!
As noites, como elas passam!
Cada fase de nossas vidas
aos poucos nos abandonam.

Preocupado com o perigo
da morte, aquele que tem à vista
a paz suprema, então, procura
largar, do mundo, a sua isca.”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*

*Isto é o que
foi dito:*

*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abrande.
No papel, traços cor de água.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



3. Ações

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, eu declaro estes quatro tipos de ações tendo-os realizado por conhecimento direto. Quais quatro?

Monges, existem ações escuras cujos frutos são escuros. Monges, existem ações claras cujos frutos são claros. Monges, existem ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros. Monges, existem ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros e que levam ao esgotamento das ações.

Monges, e o que são ações escuras cujos frutos são escuros? Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental lesiva. Tendo produzido atividade corporal, verbal e mental lesiva, ela surge em um mundo lesivo onde contatos lesivos a tocam. Tocada por contatos lesivos, ela sente sensações exclusivamente dolorosas — como os seres no inferno. Monges, essas se chamam ações escuras cujos frutos são escuros.

Monges, e o que são ações claras cujos frutos são claros? Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental inofensiva. Tendo produzido atividade corporal, verbal e mental inofensiva, ela surge em um mundo inofensivo onde contatos inofensivos a tocam. Tocada por contatos inofensivos, ela sente sensações exclusivamente prazerosas — como os seres celestes gloriosos. Monges, essas se chamam ações claras cujos frutos são

claros.

Monges, e o que são ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros? Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental lesiva e inofensiva. Tendo produzido atividade corporal, verbal e mental lesiva e inofensiva, ela surge em um mundo lesivo e inofensivo onde contatos lesivos e inofensivos a tocam. Tocada por contatos lesivos e inofensivos, ela sente uma mistura de sensações prazerosas e dolorosas — como os seres humanos, alguns seres celestes e alguns seres em maus destinos. Monges, essas se chamam ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros.

Monges, e o que são ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros? Aqui, monges, é a intenção de abandonar quaisquer ações escuras cujos frutos são escuros, é a intenção de abandonar quaisquer ações claras cujos frutos são claros e a intenção de abandonar quaisquer ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros. Monges, essas se chamam ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros e que levam ao esgotamento das ações.

Monges, esses são os quatro tipos de ações que eu declaro tendo-os realizado por conhecimento direto.



“Desenredado ele é da rede.
Pela sede, não mais guiado.
Tal infinito campo do Buda.
Cadê seu rastro, se não há passos?”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abrande.
No papel, traços cor de água.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



4. Sem Lágrimas

Uma vez, na Índia antiga, um certo camponês perdeu a sua esposa. Após a morte dela, ele não mais trabalhava, não tomava banho e esquecia de comer. Todos os dias ele andava sem rumo pelo cemitério, chorando pela esposa falecida. Em uma certa manhã, o Bhagavam Buda foi com o seu atendente visitar o camponês. Assim que o camponês o viu, ele fez-lhe uma reverência, preparou-lhe um assento e convidou-o a entrar e sentar-se. Em seguida, tendo ele mesmo sentado em um canto, o Bhagavam Buda disse-lhe o seguinte:

— *Amigo, o que o preocupa?*

— Venerável senhor, minha esposa faleceu, por isso estou deprimido.

— *Amigo, o que é da natureza de morrer, morre. Quando isso acontece, portanto, não há por que ficar deprimido. Há muito tempo atrás, quando um sábio perdeu a sua esposa, sabendo desse fato, não chorou.*

Então, a pedido do camponês, o Bhagavam contou-lhe esta história:

Há muito tempo atrás, quando Brahmadatta reinava em Báranasi, o Bodhisatva⁴ nasceu em uma família de brâmanes⁵. Após

4. **Bodhisatva:** na tradição budista, um bodhisatva é alguém que passa muitas e

terminar a sua educação em Takkasílá, ele retornou à Báranasi, quando os seus pais passaram a insistir para que ele se casasse. Porém ele respondeu que não tinha interesse. “Quando vocês partirem”, disse-lhes, “eu me tornarei um recluso⁶, então, não faz sentido me casar”. Mas os seus pais continuaram a insistir para que se casasse:

— Bobagem! Nós iremos arrumar uma esposa para você.

Então, certo dia, ele mostrou-lhes uma estátua de ouro de uma belíssima mulher e disse-lhes:

— Queridos pais, se conseguirem encontrar uma esposa tão bela quando esta estátua, eu aceitarei casar-me com ela.

Colocando a estátua em uma carruagem, os pais instruíram os seus empregados a levá-la por toda a região em busca de uma mulher que se parecesse com ela. Ao encontrar tal mulher, eles deveriam presentear os seus pais com a estátua de ouro e pedir-

muitas vidas aperfeiçoando a sua generosidade, caráter, meditação e sabedoria, para que, com o desaparecimento do Budismo, ele se torne um Buda, redescobrimo as leis que regem a felicidade e sofrimento dos seres e reintroduzindo essa Doutrina no mundo. Muitas das histórias aqui contadas narram as vidas passadas do Bhagavam Gautama (aquele que se tornou o último Buda), antes de ter realizado o Despertar, quando ele ainda era um bodhisatva buscando realizar o fim do sofrimento.

5. **Brâmanes:** pessoas dedicadas à religião dos Vedas. Formavam clãs e se desenvolveram em castas hereditárias de sacerdotes. Nos tempos do Bhagavam Buda, as crenças e práticas espirituais que eles promoviam se tornaram bastante variadas. Nessa época, eles ainda experimentavam grande prestígio apesar das frequentes críticas que recebiam da sociedade devido a sua conduta duvidosa. Em certos discursos, o Bhagavam reformula o termo “brâmane” de tal maneira que esse termo passa a se referir à pessoa verdadeiramente erudita, a pessoa que realizou a verdadeira sabedoria.
6. **Recluso:** um asceta, eremita ou beguino. Uma pessoa que renuncia o mundo, o modo de vida da sociedade, e passa a viver uma vida dedicada à espiritualidade, vivendo em retiro, afastado, perto da natureza. Em certos discursos, o Bhagavam usa o termo “recluso” para se referir à pessoa que se dedica à calma, à paciência; que se dedica à pacificar a sua conduta. Assim, o par “reclusos e brâmanes”, frequentemente encontrado nos discursos do Bhagavam, por vezes, se referem não apenas aos reclusos e aos brâmanes, no seu sentido comum, mas também, metaforicamente, às pessoas que buscam realizar ambas as perfeições da conduta e da sabedoria.

lhes que ela case com seu filho.

Mesmo antes de sair do reino, ao vagar em certa vila, a carruagem despertou a curiosidade de algumas pessoas: “Por que é que Samíla está andando nesta carroça?”, murmuravam uns aos outros.

— Quem é Samíla? — perguntaram os empregados.

— Ela é a filha de um rico brâmane desta vila! E, nossa, ela parece muito com esta estátua de ouro!

Os empregados, então, perguntaram onde era a casa desta família, e as pessoas os levaram até lá. Ao chegarem, eles se apresentaram, presentearam os pais de Samíla com a estátua e disseram que o seu patrão gostaria que ela fosse noiva de seu filho. Os pais aceitaram imediatamente. Porém a filha não tinha interesse algum em casamento:

— Quando vocês partirem — disse-lhes — eu me tornarei uma reclusa, então, não faz sentido me casar.

— Bobagem! — disseram os seus pais. — Vá arrumar as suas bagagens, você partirá com os visitantes para se casar com seu noivo!

Foi, então, que o casamento aconteceu mesmo sem o desejo do casal. Após casarem-se, embora compartilhassem a mesma cama, eles não tinham paixão alguma e viviam como reclusos em um eremitério. Quando os pais do jovem faleceram, ele preparou o velório com todo o cuidado e devoção. Após as homenagens, ele se dirigiu a sua esposa e disse-lhe:

— Querida esposa, meus pais eram ricos, e estou certo de que os seus pais também são. Seja como for, você pode ficar com tudo, pois eu gostaria de ser um recluso.

— Querido esposo, eu não tenho desejo de continuar a viver a vida doméstica. Eu, também, quero ser uma reclusa.

— Muito bem! Vamos, então, viver na floresta.

Rapidamente eles doaram as suas posses para os necessitados e para os eremitas e religiosos que vivem de forma pura. Doaram tudo, como se toda a riqueza não fosse nada de especial para eles. Por fim, deixaram Báranasi e foram viver perto das montanhas, nos Himalaias, onde construíram duas cabanas e passaram a viver dedicados à meditação.

Certa vez, no início da estação das chuvas, eles saíram em busca de medicamentos. Ao chegarem em Báranasi, no entanto, Samíla teve disenteria e eles tiveram que se estabelecer no parque. Com o passar do tempo, sem terem conseguido medicamentos, ela enfraqueceu vertiginosamente. Assim, numa manhã, o recluso a deitou em um banco no parque e saiu com a sua tigela de mendicância para obter comida para os dois. Pouco depois de partir, Samíla deu os seus últimos suspiros. As pessoas que visitavam o parque naquela manhã notaram essa bela mulher deitada sem vida e, comovidos, choraram abertamente.

Quando o recluso retornou, encontrou uma aglomeração de pessoas ao redor do banco e se perguntou o que teria acontecido. Ao ouvir que uma bela mulher deitada no banco havia falecido, ele murmurou calmamente: “O que é da natureza de morrer, morreu. Todas as atividades são impermanentes, é assim que elas são.” Em seguida, ele sentou-se em um canto sozinho e comeu a comida em sua tigela de esmola. Ao terminar de comer, as pessoas lhe perguntaram:

- Venerável, o que esta venerável senhora era para o senhor?
- *Quando eu vivia a vida doméstica, ela era minha esposa.*
- Mas, venerável, por que o senhor não chora por ela? Nós, que nem a conhecíamos, não conseguimos nos controlar...

O recluso, então, respondeu em versos:

*Ó senhora, tendo partido
como a mim tu pertencerias?
Por ti chorar, então, eu não choro,
ó Samíla, esposa querida.*

*Por tudo aquilo que não se encontra,
por tudo isso, pessoas choram.
A si mesmos se amargurando
assim, às mãos da morte retornam.*

*Estando em pé ou mesmo sentado
ou, também, quando se caminha,
de olho aberto ou de olho fechado
eis, de repente, o fim desta vida.*

*Tudo é deixado pela metade.
Separação é uma certeza.
Sejam bons com os seres que restam
e abstenham-se da tristeza.*

Assim o recluso ensinou-lhes sobre a impermanência. Após o velório de Samíla, o recluso retornou aos Himalaias, onde viveu meditando. Ao morrer, ele renasceu no reino de Brâma⁷.

7. **Brâma:** o nome dado pelos indianos a Deus. O reino de Brâma é um paraíso superior no entendimento budista, povoado por seres exclusivamente bondosos em uma existência exclusivamente prazerosa – diferente de reinos celestes inferiores como Tavatimsa (ver nota 32) onde os seres que lá habitam ainda são levados por ganância, raiva, ignorância e presunção.

5. Não Há Quem Assegure

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem cinco coisas que ninguém consegue assegurar — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas⁸, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo. Quais cinco?

(1) “Que aquilo que é da natureza de envelhecer não envelheça:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(2) “Que aquilo que é da natureza de adoecer não adoeca:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(3) “Que aquilo que é da natureza de morrer não morra:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(4) “Que aquilo que é da natureza de esgotar não esgote:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(5) “Que aquilo que é da natureza de desaparecer não desapareça:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

Monges, aquilo que uma pessoa desinformada tem que é da

8. **Devas:** seres celestes, ou *devas*, são seres que vivem em paraísos e existências mais prazerosas do que a existência humana. Na tradição budista, entende-se que eles ajudam seres humanos de vez em quando, particularmente, as pessoas boas e virtuosas. Assim, são entendidos como anjos.

natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer, envelhece, adocece, morre, esgota e desaparece. Quando isso acontece, ela não reflete da seguinte maneira: “Não é apenas para mim que o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Para todos os seres que vêm e vão, que surgem e desaparecem, o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Se eu entristecer, ficar angustiado, lamentar, bater as mãos no peito e chorar confuso por conta disso, eu perderei o apetite, a minha aparência degradará, o meu trabalho não continuará, os meus inimigos ficarão satisfeitos e os meus amigos ficarão desanimados.”

Sem refletir dessa maneira, ela entristece, fica angustuada, lamenta, bate as mãos no peito e chora confusa por conta disso. Monges, essa se chama “a pessoa desinformada que, atingida pelo anzol envenenado da tristeza, atormenta a si mesma.”

Monges, aquilo que um nobre discípulo tem que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer, envelhece, adocece, morre, esgota e desaparece. Quando isso acontece, ele reflete da seguinte maneira: “Não é apenas para mim que o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Para todos os seres que vêm e vão, que surgem e desaparecem, o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Se eu entristecer, ficar angustiado, lamentar, bater as mãos no peito e chorar confuso por conta disso eu perderei o apetite, a minha aparência degradará, o meu trabalho não continuará, os meus inimigos ficarão satisfeitos e os meus amigos ficarão desanimados.”

Ao refletir dessa maneira, ele não entristece, não fica angustiado,

não lamenta, não bate as mãos no peito e não chora confuso por conta disso. Monges, esse se chama “o nobre discípulo que retirou o anzol envenenado da tristeza, o anzol que leva a pessoa desinformada a atormentar a si mesma”. Sem tristeza, sem anzol, ele encontra a paz genuína.

Monges, essas são as cinco coisas que ninguém consegue assegurar — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Do bem e mal feito és resultado.
Ao fruto de tais ações, destinado.
Querendo alegria e não tormento
sê inocente, larga o que arde.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



6. Sobre o Impossível

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, é impossível, não há como a boa conduta corporal, verbal ou mental resultar em um fruto indesejável, desagradável e repulsivo. Mas é possível que a boa conduta corporal, verbal ou mental resulte em um fruto desejável, agradável e adorável. Isso é factível.

Monges, é impossível, não há como alguém praticar má conduta corporal, verbal ou mental e, por esse motivo, por essa causa, com o perecimento de seu corpo, após a morte, partir bem, renascer em um paraíso. Isso não é factível. Mas é possível que alguém que pratica má conduta corporal, verbal ou mental, por esse motivo, por essa causa, com o perecimento de seu corpo, após a morte, parta para a desgraça, renasça no submundo, no inferno. Isso é factível.

Monges, é impossível, não há como alguém praticar boa conduta corporal, verbal ou mental e, por esse motivo, por essa causa, com o perecimento de seu corpo, após a morte, partir para a desgraça, renascer no submundo, no inferno. Isso não é factível. Mas é possível que alguém que pratica boa conduta corporal, verbal ou mental, por esse motivo, por essa causa, com o perecimento de seu corpo, após a morte, parta bem, renasça em um paraíso. Isso é factível.

7. Sobre o Impossível

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, essas quatro pessoas são encontradas no mundo. Quais quatro? A pessoa censurável, a pessoa muito censurável, a pessoa pouco censurável e a pessoa inocente.

Monges, e como uma pessoa é censurável? Aqui, monges, uma pessoa faz ações censuráveis com o corpo, faz ações censuráveis com a fala, faz ações censuráveis com a mente. Monges, é assim que uma pessoa é censurável.

Monges, e como uma pessoa é muito censurável? Aqui, monges, uma pessoa faz ações muito censuráveis com o corpo, faz ações muito censuráveis com a fala, faz ações muito censuráveis com a mente. Monges, é assim que uma pessoa é muito censurável.

Monges, e como uma pessoa é pouco censurável? Aqui, monges, uma pessoa faz ações pouco censuráveis com o corpo, faz ações pouco censuráveis com a fala, faz ações pouco censuráveis com a mente. Monges, é assim que uma pessoa é pouco censurável.

Monges, e como uma pessoa é inocente? Aqui, monges, uma pessoa faz ações inocentes com o corpo, faz ações inocentes com a fala, faz ações inocentes com a mente. Monges, é assim que uma pessoa é inocente.

8. O Manto Importado

Em certa ocasião, o rei Pasênadi de Kôsala⁹ desceu de seu elefante,

9. **Kôsala:** um antigo reino ao norte da Índia, parte de dezesseis reinos poderosos daquela região e época. Foi nessa região, cerca de 700 A.C., que uma forte cultura de reclusos e eremitas espirituais se desenvolveu. E foi nessa cultura, há cerca de 2.500 anos atrás, que o Bhagavam Gautama nasceu.

dirigiu-se ao venerável Ananda¹⁰ a pé, fez-lhe uma reverência e permaneceu em um canto. Ali, o rei disse-lhe o seguinte:

— Aqui, mestre, que o venerável Ananda sente neste tapete de pele de elefante.

— *Deixeis estar, grande monarca. Sente-se nele, eu sento no meu próprio pano.*

Então, o rei Pasênadi sentou-se no tapete e disse ao venerável Ananda o seguinte:

— Mestre Ananda, será que o Bhagavam se conduziria com o corpo, com a fala ou com a mente de tal forma que fosse censurável por reclusos e brâmanes?

— *Não, grande monarca, o Bhagavam não se conduziria com o corpo, com a fala ou com a mente de tal forma que fosse censurável por reclusos e brâmanes sensatos.*

— Mas que espantoso, mas que incrível! Pois eu não consegui expressar completamente a minha pergunta e o venerável Ananda a completou por mim. Mestre, eu não considero valiosos os elogios e críticas que pessoas bobas insensatas fazem sem terem examinado e investigado. Mas eu considero valiosos os elogios e críticas que os sábios, inteligentes e competentes fazem tendo examinado e investigado. Mas, mestre Ananda, quais são as condutas corporais, verbais e mentais censuráveis por reclusos e brâmanes sensatos?

— *Condutas corporais, verbais e mentais ruins, grande monarca.*

10. **Venerável Ananda:** primo do Bhagavam Gautama, ele foi um dos seus principais e mais devotos monges. Irmão de Mahanâma e do venerável Anuruddha, ele teria entrado na ordem de monges budistas no segundo ano após o Bhagavam realizar o Despertar. Vinte anos depois, o Bhagavam, com cerca de 55 anos, abriu novamente o posto de assistente. Este passou a ser ocupado pelo ven. Ananda, que cumpriu essa função por cerca de 30 anos, até o fim da vida do Mestre. Com a partida do fundador da religião, os monges anciões se reuniram para consagrar os ensinamentos do Bhagavam e foi o ven. Ananda quem recitou os discursos. A frase “Assim ouvi” no início dos discursos são as palavras do próprio ven. Ananda.

- Mestre Ananda, o que são condutas ruins?
- *São as condutas reprováveis, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas reprováveis?
- *São as condutas nocivas, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas nocivas?
- *São as condutas que resultam em sofrimento, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas que resultam em sofrimento?
- *Grande monarca, aquelas condutas que levam ao infortúnio para si mesmo, que levam ao infortúnio para os outros, que levam ao infortúnio para ambos, que aumentam as qualidades ruins e diminuem as qualidades boas. Grande monarca, essas são as condutas censuráveis por reclusos e brâmanes sensatos.*
- Mas, mestre Ananda, quais são as condutas corporais, verbais e mentais não censuráveis por reclusos e brâmanes sensatos?
- *Condutas corporais, verbais e mentais boas, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas boas?
- *São as condutas impecáveis, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas impecáveis?
- *São as condutas benéficas, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas benéficas?
- *São as condutas que resultam em felicidade, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas que resultam em felicidade?
- *Grande monarca, aquelas condutas que não levam ao infortúnio para si mesmo, que não levam ao infortúnio para os outros, que não levam ao infortúnio para ambos, que diminuem as qualidades ruins e aumentam as qualidades boas. Grande monarca, essas são as condutas não censuráveis por reclusos e*

brâmanes sensatos.

— Mestre Ananda, o Bhagavam apenas elogia o abandono de todas as qualidades ruins?

— *Grande monarca, um Tathágata abandonou todas as qualidades ruins. Ele é dotado apenas de qualidades boas.*

— Mas que espantoso, mas que incrível, mestre! Como isso foi bem dito pelo venerável Ananda!

9. Motivos

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem três motivos que levam à originação de ações.

Quais três motivos? Ganância¹¹ é motivo para a originação de ações, ódio¹² é motivo para a originação de ações, ilusão¹³ é motivo para a originação de ações.

Monges, ganância não origina não-ganância. Ganância apenas origina ganância. Ódio não origina não-ódio. Ódio apenas origina

-
11. **Ganância:** se refere, em particular, aos desejos sensuais, isso é, associados aos cinco sentidos (ver nota 21) e desejos ruins associados à identidade (como ambições, por exemplo). Por fim, quaisquer desejos auto-centrados, quaisquer desejos e apegos que, em algum grau, nos levam a fazer ações ruins são considerados “ganância”, embora variem em sua intensidade e gravidade.
 12. **Ódio:** mais do que o ódio em si, na doutrina budista essa palavra inclui mesmo experiências mais brandas como o incômodo, a impaciência, a aversão, o medo, a irritação e a raiva – experiências que nos levam a fazer ações ruins com o corpo, fala e mente. Ódio é uma expressão de desejos, aqui manifestados de forma corrompida devido a uma contrariação (ex. não ter o que se quer, ou perder o que se tem). Entre a ganância e o ódio, de maneira geral, o ódio tende a ser um vício mais grave e a ganância, um vício mais leve.
 13. **Ilusão:** em primeiro lugar, se refere a confusão a respeito da ética e moralidade — não saber o que são experiências e ações boas e ruins. Posto de outra forma, é acreditar que a ganância e o ódio são benéficos (parcialmente ou totalmente), ou acreditar que a não-ganância e o não-ódio (ver nota 14) são nocivos. As ilusões mais sutis se referem ao não entendimento do sofrimento e de suas causas.

ódio. Ilusão não origina não-ilusão. Ilusão apenas origina ilusão.¹⁴

Monges, não é por causa das ações nascidas da ganância, do ódio e da ilusão que os seres celestes, seres humanos e demais bons destinos são discernidos. Monges, é por causa das ações nascidas da ganância, do ódio e da ilusão que o inferno, o reino animal, o reino dos fantasmas e demais maus destinos são discernidos. Monges, esses são três motivos que levam à originação das ações.

Monges, existem outros três motivos que levam à originação de ações. Quais três motivos? Não-ganância é motivo para a originação de ações, não-ódio é motivo para a originação de ações, não-ilusão é motivo para a originação de ações.

Monges, não-ganância não origina ganância. Não-ganância apenas origina não-ganância. Não-ódio não origina ódio. Não-ódio apenas origina não-ódio. Não-ilusão não origina ilusão. Não-ilusão apenas origina não-ilusão.

Monges, não é por causa das ações nascidas da não-ganância, do não-ódio e da não-ilusão que o inferno, o reino animal, o reino dos fantasmas e demais maus destinos são discernidos. Monges, é por causa das ações nascidas da não-ganância, do não-ódio, e da não-ilusão que os seres celestes, seres humanos e demais bons destinos são discernidos. Monges, esses são três motivos que levam à originação das ações.

10. Resultados da Má Conduta

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, quando matar seres vivos é cultivado, desenvolvido e praticado, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos

14. A prática de **não-ganância** inclui a renúncia e a generosidade. A prática de **não-ódio** inclui a bondade e a equanimidade. A prática de **não-ilusão** inclui a sabedoria e a compaixão.

fantasmas. No mínimo, o resultado de matar seres vivos para um ser humano é vida curta.

Monges, quando tomar o que não foi oferecido é cultivado, desenvolvido e praticado, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado de tomar o que não foi oferecido para um ser humano é a perda de riqueza.

Monges, quando a má conduta em relação à sensualidade¹⁵ é cultivada, desenvolvida e praticada, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado da má conduta em relação à sensualidade para um ser humano é inimizade e alvoroço.

Monges, quando a mentira é cultivada, desenvolvida e praticada, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado da mentira para um ser humano é acusação falsa.

Monges, quando a difamação é cultivada, desenvolvida e praticada, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado da difamação para um ser humano é ser separado dos amigos.

Monges, quando a grosseria é cultivada, desenvolvida e praticada, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado da grosseria para um ser humano é ouvir o que é desagradável.

Monges, quando o papo-furado¹⁶ é cultivado, desenvolvido e

15. **Má conduta em relação à sensualidade:** trata-se do envolvimento sexual com pessoas protegidas pela família, com pessoas celibatas, com pessoas casadas, de maneira criminosa ou com pessoas comprometidas. Os cinco preceitos (ver texto 18 e nota 28) englobam a abdicação da má conduta em relação à sensualidade. Uma pratica mais elevada desse preceito é a completa abstinência da atividade sexual. Já a sua perfeição é a renúncia a todos os desejos sensuais (ver nota 45).

16. **Papo-furado:** inclui falar palavras inconvenientes, falar o que não é fato, falar o que é insignificante. Em especial, falar (elogiar, promover) o que é contrário à ética – aos preceitos – e ao Dharma. Inclui, ainda, falar palavras que não

praticado, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado do papo-furado para um ser humano é não ser levado a sério.

Monges, quando o envolvimento com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência, é cultivado, desenvolvido e praticado, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado do envolvimento com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência, para um ser humano é a loucura.

11. O Pequeno Discurso da Análise das Ações

Assim ouvi. Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia em Sávati, no parque Jeta, no jardim do Caridoso¹⁷, o jovem brâmane Subha, filho de Todeya, dirigiu-se ao Bhagavam Buda e cumprimentou-o.

Quando os cumprimentos corteses terminaram, ele sentou-se em um canto e disse-lhe o seguinte:

— Senhor Gautama, qual a causa, qual a condição para que, entre os humanos, sejam vistos seres inferiores e superiores? Pois humanos são vistos de vida curta e de vida longa, muito enfermos e saudáveis, feios e belos, irrelevantes e influentes, pobres e ricos, de clãs selvagens e de clãs civilizados, insipientes e sábios. Senhor Gautama, qual a causa, qual a condição para que, entre os humanos, sejam vistos seres inferiores e superiores?

valem a pena serem preservadas. Em momento inapropriado, falar palavras sem sentido, falar sem parar, falar palavras nocivas.

17. **Sudatta, o Caridoso:** discípulo e grande apoiador do Bhagavam Buda e da comunidade de monges. Ele foi um rico comerciante que ofertou para o Bhagavam e para os monges um jardim no parque Jeta, em Sávati. Foi neste lugar que o Bhagavam viveu e ensinou por mais tempo durante a sua vida pública. Sudatta era menos conhecido pelo seu nome que por seu apelido, Caridoso (em páli *anāthapiṇḍika*, lit. “comida aos pobres”) devido a sua prática de caridade assídua.

— *Jovem, os seres são donos de suas próprias ações, são herdeiros de suas próprias ações, eles nascem de suas próprias ações, são descendentes de suas próprias ações e têm as suas próprias ações como refúgio. São as ações que distinguem os seres em inferiores e superiores.*

— Eu não entendo o significado em detalhes das palavras do mestre ditas em resumo. Seria bom se o mestre me ensinasse o Dharma¹⁸ de maneira que eu pudesse entender o significado em detalhes das palavras do senhor ditas em resumo.

— *Nesse caso, que o jovem ouça e preste bem atenção ao que eu digo.*

“Sim, senhor”, respondeu o jovem Subha. Então, o Bhagavam Buda disse-lhe o seguinte:

“Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, mata seres vivos. Ela é temível, as suas mãos são sangrentas, ela é dedicada à violência, ela é implacável com os seres vivos. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, a sua vida será curta. Pois, jovem, esta prática leva à vida curta: matar seres vivos, ser temível, ter as mãos sangrentas, ser dedicado à violência, ser implacável com os seres vivos.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, abdica de

18. **Dharma:** O significado dessa palavra é bastante amplo. De maneira geral, dharma significa “o que é certo”, o que leva à felicidade ou, simplesmente, “Bem” (ou seja, os modos, costumes e qualidades associados ao Bem), enquanto que o oposto, adharma, significa “o que é errado”, o que leva ao sofrimento ou tudo aquilo que é contrário ao Bem. Dharma também denota a lei natural de causa e efeito, a lei ética que rege as ações dos seres e os seus resultados – as experiências e renascimentos. Frequentemente, o termo “Dharma” se refere ao que o Bhagavam Buda ensina mas pode significar, de forma mais simples, qualquer ensinamento, filosofia ou doutrina – mesmo aquelas que advogam a inexistência das leis éticas.

matar seres vivos. Abaixando as varas e as espadas, ela vive sensível e com empatia, piedosa com todos os seres vivos. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, a sua vida será longa. Pois, jovem, esta prática leva à vida longa: abdicar de matar seres vivos, abaixar as varas e as espadas, viver sensível e com empatia, piedoso com todos os seres vivos.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, é violenta. Ela machuca os seres com as mãos, com pedras, com varas ou com espadas. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é muito enferma. Pois, jovem, esta prática leva à muita enfermidade: ser violento, machucar os seres com as mãos, com pedras, com varas ou com espadas.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, não é violenta. Ela não machuca os seres com as mãos, com pedras, com varas ou com espadas. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é saudável. Pois, jovem, esta prática leva à saúde: não ser violento e não machucar os seres com as mãos, com pedras, com varas ou com espadas.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, é raivosa e enfurecida. Mesmo quando ela é levemente criticada, ela se ofende, se abala, se torna hostil, se irrita, mostra raiva, ódio e amargura. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso

contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é feia. Pois, jovem, esta prática leva à feiura: ser raivoso, enfurecido, e mesmo quando levemente criticado, se ofender, se abalar, se tornar hostil, se irritar, mostra raiva, ódio e amargura.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, não é raivosa e enfurecida. Mesmo quando ela é muito criticada, ela não se ofende, não se abala, não se torna hostil, não se irrita, não mostra raiva, ódio nem amargura. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é bela. Pois, jovem, esta prática leva à beleza: não ser raivoso e enfurecido, mesmo quando muito criticado, não se ofender, não se abalar, não se tornar hostil, não se irritar, não mostrar raiva, ódio nem amargura.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, é invejosa. Ela tem inveja e se ressentido dos ganhos, respeitos, reverências, estimas, venerações e honras dados aos outros. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é irrelevante. Pois, jovem, esta prática leva à irrelevância: ser invejoso, ter inveja e se ressentir dos ganhos, respeitos, reverências, estimas, venerações e honras dados aos outros.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, não é invejosa. Ela não tem inveja e não se ressentido dos ganhos, respeitos, reverências, estimas, venerações e honras dados aos outros. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um

paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é influente. Pois, jovem, esta prática leva à influência: não ser invejoso, não ter inveja e não se ressentir dos ganhos, respeitos, reverências, estimas, venerações e honras dados aos outros.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, não doa comida, bebida, pano, transporte, enfeites, perfumes, cremes, camas, abrigos e candeias para reclusos, brâmanes e pessoas pobres. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é pobre. Pois, jovem, esta prática leva à pobreza: não doar comida, bebida, pano, transporte, enfeites, perfumes, cremes, camas, abrigos e candeias para reclusos, brâmanes e pessoas pobres.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, doa comida, bebida, pano, transporte, enfeites, perfumes, cremes, camas, abrigos e candeias para reclusos e brâmanes e pessoas pobres. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é rica. Pois, jovem, esta prática leva à riqueza: doar comida, bebida, pano, transporte, enfeites, perfumes, cremes, camas, abrigos e candeias para reclusos, brâmanes e pessoas pobres.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, é relutante e arrogante. Ela não faz mesura quando há de se fazê-lo, ela não oferece assento a quem merece assento, ela não abre caminho para quem merece caminho, ela não respeita, não reverencia, não estima e não honra quando se há de fazê-lo. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do

corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, é em um clã selvagem. Pois, jovem, esta prática leva a renascer em um clã selvagem: ser relutante e arrogante, não fazer mesura quando há de se fazê-lo, não oferecer assento a quem merece assento, não abrir caminho para quem merece caminho, não respeitar, não reverenciar, não estimar e não honrar quando há de se fazê-lo.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, não é relutante nem arrogante. Ela faz mesura quando há de se fazê-lo, ela oferece assento a quem merece assento, ela abre caminho para quem merece caminho, ela respeita, reverencia, estima e honra quando há de se fazê-lo. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, é em um clã civilizado. Pois, jovem, esta prática leva a nascer em um clã civilizado: não ser relutante nem arrogante, fazer mesura quando há de se fazê-lo, oferecer assento a quem merece assento, abrir caminho para quem merece caminho, respeitar, reverenciar, estimar e honrar quando se há de fazê-lo.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, não se dirige aos reclusos e brâmanes para perguntar-lhes o seguinte: ‘Senhor, o que é benéfico? O que é nocivo? O que é inofensivo? O que é reprovável? O que deve ser cultivado? O que não deve ser cultivado? Quais ações levam à desgraça e sofrimento por longo tempo? Quais ações levam ao bem-estar e felicidade por longo tempo?’ Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana,

então, onde quer que ela renasça, ela é insipiente. Pois, jovem, esta prática leva à insipiência: não dirigir-se aos reclusos e brâmanes para perguntar-lhes o seguinte: ‘Senhor, o que é benéfico? O que é nocivo? O que é inofensivo? O que é reprovável? O que deve ser cultivado? O que não deve ser cultivado? Quais ações levam à desgraça e sofrimento por longo tempo? Quais ações levam ao bem-estar e felicidade por longo tempo?’

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, se dirige aos reclusos e brâmanes para perguntar-lhes o seguinte: ‘Senhor, o que é benéfico? O que é nocivo? O que é inofensivo? O que é reprovável? O que deve ser cultivado? O que não deve ser cultivado? Quais ações levam à desgraça e sofrimento por longo tempo? Quais ações levam ao bem-estar e felicidade por longo tempo?’ Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é sábia. Pois, jovem, esta prática leva à sabedoria: se dirigir aos reclusos e brâmanes para perguntar-lhes o seguinte: ‘Senhor, o que é benéfico? O que é nocivo? O que é inofensivo? O que é reprovável? O que deve ser cultivado? O que não deve ser cultivado? Quais ações levam à desgraça e sofrimento por longo tempo? Quais ações levam ao bem-estar e felicidade por longo tempo?’

Assim, jovem, a prática que conduz à vida curta leva-os a terem vida curta; a prática que conduz à vida longa leva-os a terem vida longa; a prática que conduz à enfermidade leva-os a serem enfermos ... saudáveis; ... feios; ... belos; ... irrelevantes; ... influentes; ... pobres; ... ricos; ... de clã selvagem; ... de clã civilizado; a prática que conduz à insipiência leva-os a serem insipientes; a prática que

conduz à sabedoria leva-os a serem sábios.

Jovem, os seres são donos de suas próprias ações, são herdeiros de suas próprias ações, eles nascem de suas próprias ações, são descendentes de suas próprias ações e têm as suas próprias ações como refúgio. São as ações que distinguem os seres em inferiores e superiores.”

— Mas que espantoso! Mas que incrível! Mestre, suponha que alguém arruma o que está torto, ou suponha que alguém revela o que está escondido, ou suponha que alguém aponta o caminho para quem está confuso, ou suponha que alguém segura uma lamparina no escuro para que aqueles com olhos possam ver. Da mesma maneira, o mestre esclareceu o Dharma de várias maneiras! Eu me refugio no Bhagavam Gautama, nos Ensinaamentos e na Comunidade de monges¹⁹. Mestre, a partir de hoje, considere-me um seguidor leigo que tomou refúgio pelo resto de sua vida.

12. O Fogo do Sacrifício

Em certa ocasião, o brâmane Uggatasaríro preparou um grande festival de sacrifício²⁰. Quinhentos touros, quinhentas vacas,

19. **Refúgio:** na Índia antiga, se “refugiar” era a maneira pela qual uma pessoa adotava uma nova religião ou passava a seguir um líder religioso. Desde os tempos do Bhagavam, em vez de um budista se refugiar no Buda, ele se refugia na chamada “Jóia Tríplice”: o Buda, o Dharma e a Comunidade (a “Sangha”, ver nota 40). Antes de partir, o Bhagavam disse que o Dharma seria o “mestre” em sua ausência e, assim, o Dharma e a Comunidade (aqueles que incorporam e vivem o Dharma) passaram a ser o refúgio concreto para os budistas. Certa vez, porém, após o falecimento do Bhagavam, um homem disse a um monge “venerável, eu me refugio no senhor”. O monge, provavelmente modesto e querendo evitar tomar o lugar do Buda, orientou-o a não se refugiar nele, mas a se refugiar no Buda – mesmo este já tendo falecido. Ao final do episódio, o homem se refugiou no Buda, no Dharma e na Comunidade. Seguindo esse exemplo, os monges continuaram a orientar os budistas a se refugiarem na Jóia Tríplice, honrando a memória do fundador.

quinhentas cabras e quinhentos carneiros foram levados ao altar do sacrifício.

Então, o brâmane Uggatasaríro se dirigiu ao Bhagavam Buda e trocou cumprimentos com ele. Quando eles terminaram de se cumprimentar cordialmente, o brâmane sentou-se em um canto. Sentado, ele disse ao Bhagavam Buda o seguinte:

— Senhor Gautama, eu ouvi dizer que levantar o altar e sustentar o fogo do sacrifício leva a grandes frutos e grandes benefícios.

— *Brâmane, eu também ouvi dizerem que levantar o altar e sustentar o fogo do sacrifício leva a grandes frutos e grandes benefícios.*

Pela segunda vez, o Brâmane disse o seguinte:

— Senhor Gautama, eu ouvi dizer que levantar o altar e sustentar o fogo do sacrifício leva a grandes frutos e grandes benefícios.

— *Brâmane, eu também ouvi dizer que levantar o altar e sustentar o fogo do sacrifício leva a grandes frutos e grandes benefícios.*

Pela terceira vez, o Brâmane disse o mesmo e o Bhagavam respondeu com as mesmas palavras.

Então, o venerável Ananda disse o seguinte:

— *Brâmane, essa não é a maneira de se levar uma questão a um Tathágata. A maneira de se levar uma questão sobre isso é a seguinte: “Mestre, eu desejo levantar o altar e sustentar o fogo do sacrifício. Que o mestre me aconselhe! Que o mestre me eduque para que eu tenha prosperidade e felicidade por um longo tempo!”*

Então, o brâmane Uggatasaríro disse ao Bhagavam Buda o seguinte:

— Mestre, eu desejo levantar o altar e sustentar o fogo do

20. **Sacrifícios bramânicos:** rituais de sacrifício tem grande importância para os brâmanes. Não só a prática de sacrifício de animais faz parte da história de sua religião, como o próprio fogo, para eles, é considerado sagrado.

sacrifício. Que o mestre me aconselhe! Que o mestre me eduque para que eu tenha bem-estar e felicidade por um longo tempo!

— Brâmane, mesmo antes de levantar o altar, sustentar o fogo e fazer o sacrifício, três facas maldosas são levantadas que levam ao sofrimento, que resultam em sofrimento. Quais três? A faca do corpo, a faca da fala e a faca da mente.

Brâmane, mesmo antes de levantar o altar, sustentar o fogo e fazer o sacrifício, surge o seguinte pensamento: ‘Que tantos touros, tantas vacas, tantas cabras e tantos carneiros sejam mortos no sacrifício’. Enquanto se acredita no seguinte: ‘Estou fazendo mérito, estou fazendo sorte, estou fazendo uma boa ação, estou fazendo algo que leva ao paraíso’, se faz demérito, se faz má sorte, se faz maldade, se faz algo que leva a um mau destino. Brâmane, essa é a primeira faca maldosa que se levanta mesmo antes de levantar o altar, sustentar o fogo e fazer o sacrifício, levando ao sofrimento e resultando em sofrimento.

Brâmane, mesmo antes de levantar o altar, sustentar o fogo e fazer o sacrifício, se fala o seguinte: ‘Que tantos touros, tantas vacas, tantas cabras e tantos carneiros sejam mortos no sacrifício’. Enquanto se acredita no seguinte: ‘Estou fazendo mérito, estou fazendo sorte, estou fazendo uma boa ação, estou fazendo algo que leva ao paraíso’, se faz demérito, se faz má sorte, se faz maldade, se faz algo que leva a um mau destino. Brâmane, essa é a segunda faca maldosa que se levanta mesmo antes de levantar o altar, sustentar o fogo e fazer o sacrifício, levando ao sofrimento e resultando em sofrimento.

Brâmane, mesmo antes de levantar o altar, sustentar o fogo e fazer o sacrifício, a pessoa prepara-se para matar os

touros, vacas, cabras e carneiros. Enquanto se acredita no seguinte: 'Estou fazendo mérito, estou fazendo sorte, estou fazendo uma boa ação, estou fazendo algo que leva ao paraíso', se faz demérito, se faz má sorte, se faz maldade, se faz algo que leva a um mau destino. Brâmane, essa é a terceira faca maldosa que se levanta mesmo antes de levantar o altar, sustentar o fogo e fazer o sacrifício, levando ao sofrimento e resultando em sofrimento. Brâmane, mesmo antes de levantar o altar, sustentar o fogo e fazer o sacrifício, essas três facas maldosas são levantadas que levam ao sofrimento, que resultam em sofrimento.

Brâmane, essas três chamas devem ser abandonadas e abdicadas, elas não devem ser cultivadas. Quais três? A chama da paixão, a chama do ódio e a chama da ilusão.

E por que a chama da paixão deve ser abandonada e abdicada, por que ela não deve ser cultivada? Uma pessoa excitada pela paixão, dominada pela paixão, com a mente obcecada pela paixão se conduz mal pelo corpo, fala e mente. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. É por isso que a chama da paixão deve ser abandonada, abdicada e não deve ser cultivada.

E por que a chama do ódio deve ser abandonada e abdicada, por que ela não deve ser cultivada? Uma pessoa maldosa, dominada pelo ódio, com a mente obcecada pelo ódio se conduz mal pelo corpo, fala e mente. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. É por isso que a chama do ódio deve ser abandonada, abdicada e não deve ser cultivada.

E por que a chama da ilusão deve ser abandonada e abdicada, por que ela não deve ser cultivada? Uma pessoa

confusa, dominada pela ilusão, com a mente obcecada pela ilusão se conduz mal pelo corpo, fala e mente. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. É por isso que a chama da ilusão deve ser abandonada, abdicada e não deve ser cultivada. Brâmane, essas são as três chamas que devem ser abandonadas e abdicadas, elas não devem ser cultivadas.

Mas, brâmane, existem essas outras três chamas que devem ser cuidadas genuinamente e prazerosamente com respeito, reverência, estima e honra. Quais três? A chama dos dignos de homenagem, a chama dos donos de casa, e a chama dos dignos de oferta.

E o que é a chama dos dignos de homenagem? Brâmane, mãe e pai são chamados de ‘chama dos dignos de homenagem’. Por que motivo? Porque a vossa origem se deve a eles, deles tornastes-vos homem. Portanto, eles devem ser cuidados genuinamente e prazerosamente com respeito, reverência, estima e honra.

E o que é a chama dos donos de casa? Brâmane, os filhos, cônjuges, empregados, subordinados e ajudantes são chamados de ‘chama dos donos de casa’. Portanto eles devem ser cuidados genuinamente e prazerosamente com respeito, reverência, estima e honra.

E o que é a chama dos dignos de oferta? Brâmane, os ascetas e brâmanes que abdicam das especulações, dedicados à paciência e humildade, que domam a si mesmos, que acalmam a si mesmos, que pacificam a si mesmos, eles são chamados de ‘chama dos dignos de oferta’. Portanto eles devem ser cuidados genuinamente e prazerosamente com respeito, reverência, estima e honra. Brâmane, essas são as três chamas que devem ser cuidadas genuinamente e prazerosamente com respeito,

reverência, estima e honra.

Já essa outra chama comum, brâmane, é apenas uma chama que se acende de tempos em tempos, que se abana de tempos em tempos, que se vigia de tempos em tempos, que se apaga de tempos em tempos e que se enterra de tempos em tempos.

13. Diligência

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem estes quatro medos. Quais quatro? O medo de se culpar, o medo de ser culpado pelos outros, o medo da punição e o medo do mau destino.

Monges, e o que é o medo de se culpar? Aqui, monges, uma pessoa reflete da seguinte maneira: “Se eu me conduzir mal com o corpo, fala ou mente, será que eu não me culparia em relação ao meu caráter?” Com medo de se culpar, ela abandona a má conduta corporal e cultiva a boa conduta corporal. Ela abandona a má conduta verbal e cultiva a boa conduta verbal. Ela abandona a má conduta mental e cultiva a boa conduta mental. Assim, ela se mantém pura. Monges, isso se chama o medo de se culpar.

Monges, e o que é o medo de ser culpado pelos outros? Aqui, monges, uma pessoa reflete da seguinte maneira: “Se eu me conduzir mal com o corpo, fala ou mente, será que os outros me culpariam em relação ao meu caráter?” Com medo de ser culpada pelos outros, ela abandona a má conduta corporal e cultiva a boa conduta corporal. Ela abandona a má conduta verbal e cultiva a boa conduta verbal. Ela abandona a má conduta mental e cultiva a boa conduta mental. Assim, ela se mantém pura. Monges, isso se chama o medo de ser culpado pelos outros.

Monges, e o que é o medo da punição? Aqui, monges, uma pessoa

vê criminosos sendo presos pelo rei, sujeitos a várias punições: golpes de chicote, de vara, de cacete; amputação de mãos, pés ou ambos, torturas, decapitação. Então, ela pensa o seguinte: “Se eu fizer más ações, os reis me punirão da mesma maneira”. Com medo de ser punida, ela não rouba nem vandaliza a propriedade alheia. Ela abandona a má conduta corporal e cultiva a boa conduta corporal. Ela abandona a má conduta verbal e cultiva a boa conduta verbal. Ela abandona a má conduta mental e cultiva a boa conduta mental. Assim, ela se mantém pura. Monges, isso se chama o medo de ser punido.

Monges, e o que é o medo do mau destino? Aqui, monges, uma pessoa reflete da seguinte maneira: “A má conduta corporal, verbal e mental tem maus frutos como resultado nas vidas futuras. Se eu me conduzir mal com o corpo, fala ou mente, com o perecimento do corpo, após a morte, eu acabarei partindo para a desgraça, renascendo no submundo, no inferno”. Com medo de renascer em um mau destino, ela abandona a má conduta corporal e cultiva a boa conduta corporal. Ela abandona a má conduta verbal e cultiva a boa conduta verbal. Ela abandona a má conduta mental e cultiva a boa conduta mental. Assim, ela se mantém pura. Monges, isso se chama o medo do mau destino.

14. Conduta

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem estes cinco benefícios da boa conduta. Quais cinco benefícios? A pessoa não se culpa, ela é elogiada quando examinada por pessoas sensatas, ela ganha boa reputação, ao morrer, ela não sente-se confusa, e com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem e renasce em um paraíso.

15. Sem Dívida

Disse o Bhagavam Buda ao Caridoso:

Dono de casa, estes quatro tipos de felicidade podem ser obtidos por uma pessoa que curte os prazeres sensuais²¹, dependendo da hora e ocasião. Quais quatro tipos?

A felicidade do sucesso, a felicidade da curtição da riqueza, a felicidade do não endividamento e a felicidade da inocência.

Dono de casa, e o que é a felicidade do sucesso? Aqui, dono de casa, um filho de família adquire riqueza pela sua iniciativa e energia, pela força de seus braços, pelo seu próprio suor e de maneira legítima, um ganho legítimo. Quando ele reflete da seguinte maneira: “Eu adquirir riqueza pela minha iniciativa e energia, pela força de meus braços, pelo meu próprio suor e de maneira legítima, um ganho legítimo”, nessa ocasião, ele sente-se feliz e animado. Dono de casa, isso se chama a felicidade do sucesso.

Dono de casa, e o que é a felicidade da curtição da riqueza? Aqui, dono de casa, um filho de família adquire riqueza pela sua iniciativa e energia, pela força de seus braços, pelo seu próprio suor e de maneira legítima, um ganho legítimo. Então ele curte essa riqueza e faz boas ações com ela. Quando ele reflete da seguinte maneira: “Eu adquirir riqueza pela minha iniciativa e energia, pela força de meus braços, pelo meu próprio suor e de maneira legítima, um ganho legítimo. E eu curto essa riqueza e

21. **Sensualidade:** ou sedução ou desejos e prazeres sensuais se referem aos desejos e prazeres mundanos, associados aos cinco sentidos. Isso é, formas, sons, odores, sabores e toques que são “desejáveis, gostosos, agradáveis, queridos, sensuais e apaixonantes”, ou o próprio desejo por eles. Nos ensinamentos budistas, são chamados também de cinco cordas da sensualidade, reconhecidos pela sua característica cativante, instigante e provocativa. Portanto, a sensualidade inclui mas não está limitada à sexualidade e abarca quaisquer desejos de posses e apegos associados aos cinco sentidos (ver também o [texto 56](#)).

faço boas ações com ela”, nessa ocasião, ele sente-se feliz e animado. Dono de casa, isso se chama a felicidade da curtição da riqueza.

Dono de casa, e o que é a felicidade do não endividamento? Aqui, dono de casa, um filho de família não tem dívidas, pequenas ou grandes, com ninguém. Quando ele reflete da seguinte maneira: “Eu não tenho dívidas, pequenas ou grandes, com ninguém”, nessa ocasião, ele sente-se feliz e animado. Dono de casa, isso se chama a felicidade do não endividamento.

Dono de casa, e o que é a felicidade da inocência? Aqui, dono de casa, um nobre discípulo faz ações inocentes com o corpo, fala e mente. Quando ele reflete da seguinte maneira: “Eu faço ações inocentes com o corpo, fala e mente”, nessa ocasião, ele sente-se feliz e animado. Dono de casa, isso se chama a felicidade da inocência.

Dono de casa, esses são os quatro tipos de felicidade que podem ser obtidos por uma pessoa que curte os prazeres sensuais, dependendo da hora e ocasião.

“Conhecendo a felicidade
da não dívida e do sucesso,
o mortal que curte a riqueza
tendo sabedoria reflete.

Vendo corretamente esses usos,
o sábio entende genuinamente
que, sequer, uma fração não valem
do prazer de ser inocente.”

16. Dívida

Disse o Bhagavam Buda:

— *Monges, para uma pessoa que desfruta dos prazeres sensuais no mundo, pobreza é sofrimento?*

— Sim, mestre.

— *Monges, e quando uma pessoa pobre, sem um tostão, destituída se endivida? Para uma pessoa que desfruta dos prazeres sensuais no mundo, dívida é sofrimento?*

— Sim, mestre.

— *Monges, e quando uma pessoa pobre, sem um tostão, destituída, endividada incorre juros? Para uma pessoa que desfruta dos prazeres sensuais no mundo, juros é sofrimento?*

— Sim, mestre.

— *Monges, e quando uma pessoa pobre, sem um tostão, destituída, endividada, incorre juros e não paga quando cobrada? Para uma pessoa que desfruta dos prazeres sensuais no mundo, cobrança é sofrimento?*

— Sim, mestre.

— *Monges, e quando uma pessoa pobre, sem um tostão, destituída, endividada, não paga quando cobrada e é processada? Para uma pessoa que desfruta dos prazeres sensuais no mundo, ação judicial é sofrimento?*

— Sim, mestre.

— *Monges, e quando uma pessoa pobre, sem um tostão, destituída, endividada, não paga quando cobrada, é processada e aprisionada? Para uma pessoa que desfruta dos prazeres sensuais no mundo, prisão é sofrimento?*

— Sim, mestre.

— Monges, para uma pessoa que desfruta dos prazeres sensuais no mundo, pobreza, dívida, juros, cobrança, ação judicial e prisão são sofrimentos. Da mesma maneira, aquele que não tem fé²² associada às qualidades boas, que não tem vergonha²³ associada às qualidades boas, que não tem receio²⁴ associado às qualidades boas, que não tem energia²⁵ associada às qualidades boas e que não tem sabedoria²⁶ associada às qualidades boas é chamado de ‘pobre, sem um tostão e destituído’ na Nobre Disciplina²⁷.

Monges, o ‘pobre’, ‘sem um tostão’ e ‘destituído’, sem fé, vergonha, receio, energia e sabedoria em relação às qualidades boas se conduz mal pelo corpo, fala ou mente. Monges, eu afirmo que assim ele se endivida.

Para esconder a sua má conduta corporal, verbal ou mental, ele nutre desejos maldosos. Ele deseja, pensa, fala e age com a seguinte intenção: ‘que não me descubram!’ Monges, eu afirmo que assim ele incorre juros.

Então, as pessoas boas, aquelas que seguem a vida santa, dizem o seguinte: ‘Esse senhor é assim, ele age dessa

22. **Fé:** na doutrina budista, ela refere-se, em primeiro lugar, à fé na ética. Isso é, fé que as ações, qualidades e experiências boas de fato são boas e que as ações, qualidades e experiências ruins de fato são ruins (ver texto 9 e notas 11-13). O entendimento de fé na doutrina budista está intimamente associado à “crença genuína” (ver nota 56).

23. **Vergonha:** Pudor ou vergonha em fazer ações ruins.

24. **Receio:** medo da culpa em relação a fazer ações ruins.

25. **Energia:** o empenho em abandonar ações e qualidades ruins, e cultivar ações e qualidades boas.

26. **Sabedoria:** se refere ao conhecimento das ações e qualidades boas como boas e ao conhecimento das ações e qualidades ruins como ruins. Posto de outra forma, é o conhecimento das ações que criam sofrimento e o conhecimento das ações que levam à felicidade, como são realmente.

27. **Nobre Disciplina:** a doutrina descoberta pelos Budas.

maneira e se comporta dessa maneira.’ Monges, eu afirmo que assim ele é cobrado.

Quando ele se dirige à uma floresta, ao pé de uma árvore, ou à um local isolado, ele é envolvido pela culpa e por pensamentos ruins e maldosos. Monges, eu afirmo que assim ele é processado.

Tendo se conduzido mal pelo corpo, fala ou mente, esse ‘pobre’, ‘sem um tostão’ e ‘destituído’, com o perecimento do seu corpo, após a morte, parte para a desgraça, renascendo no submundo, no inferno. Monges, eu não vejo nenhuma outra prisão tão brutal, tão horrorosa e tão debilitante para alcançar o supremo descanso da jornada do que a prisão do inferno ou do reino animal.

17. Garotos

Assim ouvi. Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia em Sávati, no parque Jeta, no jardim do Caridoso, havia vários garotos torturando peixes em um lugar entre Sávati e o parque Jeta.

Antes do amanhecer, o Bhagavam Buda pegou a sua tigela e o seu manto e entrou em Sávati para receber doação de comida. Ao ver os garotos torturando os peixes, o Bhagavam se dirigiu a eles e disse-lhes o seguinte:

— *Garotos, vocês temem o sofrimento? Vocês detestam o sofrimento?*

— Sim, mestre, nós tememos o sofrimento, nós detestamos o sofrimento!

Então, tendo em mente o ocorrido, o Bhagavam recitou esta ode:

*Se você teme o sofrimento,
se o sofrimento não lhe é querido
nunca faça ações maldosas
nem à vista nem escondido.*

*Pois se você fizer tal maldade
no futuro ou no presente
mesmo que parta, mesmo que fuja
não será livre do sofrimento.*



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Do bem e mal feito és resultado.
Ao fruto de tais ações, destinado.
Querendo alegria e não tormento
sê inocente, larga o que arde.*

Isto é o que
foi dito:

*O dever de casa pra quem tem causa
é criar pra si um grande caráter:
correto, sóbrio, não faz o errado
nem enraivece indignado.*

Por que motivo
isso foi dito?



18. A Virtude dos Kurus

Há muito tempo atrás, quando Dananjayá reinava em Indapatta, a capital do reino dos Kurus, o Bodhisatva nasceu filho da rainha. Após terminar a sua educação em Takkasilá, ele retornou e viveu como príncipe até a morte de seu pai, quando finalmente foi nomeado rei. Como monarca, ele reinou com justiça, sendo bastante cuidadoso com as suas responsabilidades, observando os dez preceitos dos reis²⁸. Ele construiu seis estabelecimentos de doação de comida: um em cada portal do reino (ao norte, sul, leste e oeste), um no centro, e um no próprio palácio. Diariamente ele doava não só comida como, também, dinheiro. Sua generosidade e bondade inspiravam as pessoas em toda a região. Os cinco preceitos da virtude — abdicar de matar seres vivos, abdicar de tomar o que não foi oferecido, abdicar de falar mentira, abdicar da má conduta em relação à sensualidade, abdicar do envolvimento com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência²⁹ — conhecidos pelos Kurus como a Virtude dos Kurus, há muito

28. Caridade, virtude, sacrifício, honestidade/integridade, gentileza, austeridade, não raiva, não violência, paciência e não conflito.

29. **Cinco preceitos:** A abidicação das cinco ações nocivas descritas nesse trecho. Formam a base da moralidade e ética e tem um apelo universal. Embora comumente traduzidos como “preceitos”, tratam-se mesmo de *treinos*: as pessoas adotam voluntariamente os cinco treinos e praticam gradualmente procurando se tornar capazes de preservá-los escrupulosamente mesmo em situações difíceis. É essa disposição para enfrentar dificuldades sem fazer maldades que nos torna *pessoas virtuosas*.

tempo eram amplamente praticados. Essas virtudes não eram apenas adotadas pelo rei e sua corte, mas por todos os habitantes do reino: trabalhadores, religiosos, homens, mulheres, ricos e pobres.

Naquela época, no reino vizinho de Kalinga, houve uma trágica seca e a fome se espalhou pela região. Destituídos, os cidadãos perambulavam pelas ruas, de mãos dadas com os seus filhos, buscando comida. Sofrendo com a fome e pobreza que assolaram a região, eles foram ao rei implorar por ajuda. Quando o rei viu pela janela a multidão se reunindo na entrada do palácio, perguntou aos seus ministros:

— O que as pessoas querem?

— Majestade, uma seca tomou conta da região, as pessoas estão com medo da fome que assola, com medo das doenças que se espalham, com medo da violência que cresce a cada dia e com medo da morte. Elas vieram aqui implorar para que vossa majestade faça chover.

— O que os reis no passado faziam quando a chuva faltava?

— Majestade, no passado, quando a chuva faltava, os reis faziam sacrifícios, jejum e penitência por sete dias.

— Muito bem, vamos fazer isso!

O rei, então, seguiu exatamente as instruções de seus ministros. Mas, passados os sete dias, não houve uma gota de chuva sequer. Ao consultar novamente os seus ministros sobre o que fazer, um deles disse:

— Majestade, em Indapatta, os kurus são muito prósperos. O rei Dananjayá possui um elefante especial chamado Añjanavasabha. Se tivéssemos esse elefante em nosso reino, certamente a chuva viria.

— Mas como poderíamos obter seu elefante? Dananjayá é poderoso, não é fácil derrotar o seu exército...

— Majestade, Dananjayá é extremamente generoso. Dizem que, se alguém pedir-lhe, ele não hesitaria em dar o seu reino, os seus próprios olhos, ou mesmo a sua vida. Não é necessário implorar pelo seu elefante, muito menos lutar para obtê-lo. Se pedirmos, ele nos dará, sem falta.

O rei então chamou brâmanes para viajar como emissários, deulhes dinheiro e os mandou para Indapatta com a missão de obter o elefante. Dias depois, eles estavam diante de Indapatta. Chegando na cidade, os habitantes imediatamente serviram refeição aos viajantes com cordialidade, como era a hospitalidade dos Kurus ao receberem pessoas de fora. Então, os emissários se dirigiram ao palácio, onde requisitaram uma audiência com o rei.

— Amanhã é um dia de Vigília — disse um ministro —, o rei certamente virá.

Na manhã do dia seguinte, enquanto aguardavam na entrada do palácio, os emissários viram o rei Dananjayá chegando, montado no elefante Añjanavasabha. Ao desmontar do elefante, o rei se dirigiu ao refeitório, onde serviu, com as suas próprias mãos, comida a todos que ali estavam a buscar alimento. Quando os seus olhos se dirigiram na direção dos estrangeiros, o rei anunciou: “É uma grande alegria, e uma ação muito boa, muito meritória, servir as pessoas respeitosamente e com as próprias mãos!” Em seguida, o rei foi para o palácio, onde passou a receber as pessoas que queriam ter uma audiência com ele. Uma multidão já aguardava pela oportunidade de estar frente a frente com o virtuoso rei. Mas, vendo os estrangeiros, os próprios nativos gentilmente os convidavam a ir na frente. Quando chegou a vez dos emissários, após se apresentarem e se cumprimentarem formalmente, Dananjayá questionou-os:

— O que posso fazer pelos senhores e pelo rei de Kalinga?

— Majestade, o povo de Kalinga está sofrendo, e o nosso rei nos deu a missão de restaurar o bem-estar da nossa nação. A vossa

virtude é conhecida em toda a região. Nós viemos de longe, em nome do rei de Kalinga, pedir-vos o vosso elefante real.

Brâmanes, viajeis de longe por este elefante. Os meus mentores me ensinaram que aquele que chega ao nosso reino deve ser bem acolhido e tratado com hospitalidade. E, já que o vosso pedido é o meu elefante, eu alegremente o presenteio a vós.

Enquanto andava em direção ao elefante, o rei dos Kurus dizia: “Levai-o com o seu condutor, levai-o também com as suas vestimentas e equipamentos. Se houver qualquer parte dele que não esteja bem arrumada e adornada, que eu o arrume e o adorne antes de formalmente presenteá-lo”. Circulando ao redor do elefante examinando-o cuidadosamente, Dananjayá não encontrou nada que fizesse dessa doação uma doação descuidada. Então, colocando o tronco do elefante nas mãos dos brâmanes, o rei despejou água perfumada de um vaso de ouro e formalmente entregou o elefante. Os brâmanes aceitaram com gratidão o presente e, em seguida, começaram a viagem de volta ao seu reino.

Ao chegarem em Kalinga, o elefante Añjanavasabha foi preparado para o rei, que o levou em um desfile pela cidade seguindo as instruções de seus ministros. Mas, mesmo depois do desfile, não havia uma nuvem sequer no céu. O rei então consultou novamente um de seus conselheiros:

Majestade, talvez a prosperidade dos kurus não venha do elefante. Talvez, venha da própria Virtude dos Kurus.

Então, o rei convocou os brâmanes como emissários numa nova missão:

— Retornai à Indapatta e devolvei o elefante ao rei Dananjayá. Pedi-lhe para que ele vos ensine a Virtude dos Kurus. Tendo aprendido, inscrevei as instruções cuidadosamente nessas placas de ouro e trouxe-as a mim.

Mais uma vez, os missionários partiram para Indapatta. Chegando

lá, após devolverem o elefante, eles disseram ao rei dos Kurus:

— Majestade, mesmo andando por toda a cidade com o elefante Añjanavasabha, nosso rei não conseguiu aliviar a tragédia que assola o nosso povo. Agora, nós ouvimos dizer que vossa majestade pratica a Virtude dos Kurus. Nosso rei gostaria também de praticá-la. Ele nos enviou para que retornássemos com essas práticas. Em nome do rei de Kalinga, majestade, ensinaí-nos. Majestade, dizei-nos o que é a Virtude dos Kurus.

— Amigos, de fato eu pratico a Virtude dos Kurus. Mas eu vos digo que, recentemente, fiquei inseguro em relação a minha virtude. Na verdade, estou um tanto transtornado. Não creio que poderei ensinar-vos a Virtude dos Kurus com plena segurança.

— Mas o que transtorna vossa majestade?

— De três em três anos, nós realizamos uma cerimônia onde o rei, vestido com trajes formais, atira flechas decoradas e reluzentemente coloridas em direção às quatro direções cardeais. Na última ocorrência dessa cerimônia, três das minhas flechas foram encontradas, mas a quarta caiu em um lago. Me perturba a ideia de que a flecha tenha acertado um peixe. Me perturba que eu tenha tirado a vida de um ser vivo. Se isso for verdade, a minha virtude é impura e eu não poderei ensiná-la.

— Mas majestade, quando atirastes a flecha, não havia a intenção de tirar vida —protestaram os brâmanes. Sem ter na mente intenção de tirar a vida não há má ação, pois trata-se de um acidente. Por favor, ensinaí-nos a Virtude dos Kurus que tem sempre praticado.

— Muito bem. Eu vos ensinarei. Mas, devido a minha dúvida sobre a minha própria virtude, eu não estou satisfeito e vós não deveis confiar nela. Assim, pedi para que a rainha-mãe vos ensine, pois ela pratica a Virtude dos Kurus escrupulosamente.

O rei Dananjayá, então, calmamente fechou os olhos e recitou solenemente em voz alta:

“Eu adoto o treino de abdicar de matar seres vivos; abaixando as varas e as facas, eu viverei sensível e com empatia, piedoso com todos os seres vivos.

Eu adoto o treino de abdicar de tomar o que não foi oferecido; seja na vila ou na floresta, eu não tomarei por meio de roubo a propriedade e bens dos outros que não me foram oferecidas.

Eu adoto o treino de abdicar de falar mentira; quando levado para um conselho ou assembléia, ou quando levado para a presença de parentes, de uma comunidade ou da corte e questionado como testemunha da seguinte maneira: ‘Aproxime-se e diga o que você viu, meu caro’, eu responderei ‘eu não sei’ não sabendo; ou eu responderei ‘eu sei’ sabendo; ou eu responderei ‘eu não vi’ não tendo visto; ou eu responderei ‘eu vi’ tendo visto. Assim, eu não mentirei ciente e deliberadamente pela minha própria causa, pela causa dos outros ou por alguma besteira.

Eu adoto o treino de abdicar da má conduta em relação à sensualidade; eu não me envolverei com uma pessoa protegida pela mãe, pelo pai ou por ambos. Ou protegida pelo irmão, pela irmã ou pelos parentes. Ou protegida pela família, pela religião, ou pelo marido. Ou com quem a lei não permite, ou mesmo com quem aceitou flores de outra pessoa.

Eu adoto o treino de abdicar do envolvimento com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência. Isso é conhecido como a Virtude dos Kurus!”

Ao terminar de recitar os preceitos, o rei abriu os olhos e disse: “Mas, lembrai, deveis recebê-la apropriadamente da minha mãe”. Então, os brâmanes, reverentemente, agradeceram o rei. E, após inscrever os preceitos nas placas de ouro, eles foram visitar a rainha-mãe. Ao se encontrarem com ela, eles a cumprimentaram

e os brâmanes, então, disseram-lhe o seguinte:

— É fato conhecido que pratiqueis a Virtude dos Kurus. Por favor, ensinaí-nos a Virtude dos Kurus.

— Meus filhos, de fato eu tenho praticado a Virtude dos Kurus. Mas eu vos digo que, recentemente, fiquei insegura em relação a minha virtude. Na verdade, estou um tanto transtornada. Não creio que poderei ensinar-vos a Virtude dos Kurus com plena segurança.

— Mas o que teria deixado vossa majestade tão transtornada?

— Bem, eu tenho dois filhos. O mais velho é o rei e o mais novo é o príncipe. Recentemente, um rei vizinho, querendo honrar sua própria mãe, enviou presentes ao rei dedicados a mim: um perfume finíssimo e um colar de ouro. Como eu não uso perfumes nem uso colares, eu decidi dá-los às minhas noras. Então, eu pensei o seguinte: “A esposa do meu filho mais velho é a rainha, então eu a presenteari com o colar de ouro. A esposa do meu filho mais novo é uma pobre e tímida criatura, então eu oferecerei a ela o perfume”. Após ter doado esses presentes, eu pensei: “Ah, eu pratico a Virtude dos Kurus. Como pude favorecer uma nora em detrimento da outra? Não faz diferença se uma é rica e a outra é pobre!” Talvez eu tenha violado a minha virtude. Se isso for verdade, a minha virtude é impura e eu não poderei ensiná-la.

— Majestade — exclamaram os brâmanes, surpresos — mas quando algo está em vossa posse, pode-se doá-lo a quem quiser. A virtude não é violada dessa maneira. Se vossa majestade tem escrúpulos até sobre isso, que pecado vossa majestade cometeria? Por favor, ensinaí-nos a Virtude dos Kurus.

— Muito bem. Eu vos ensinarei. Mas, devido a minha dúvida sobre a minha própria virtude, eu não estou satisfeita e vós não deveis confiar nela. Assim, pedi para que a rainha vos ensine, pois ela pratica a Virtude dos Kurus escrupulosamente.

“Certamente”, responderam os brâmanes. Então, a rainha-mãe

recitou os preceitos da mesma maneira que o rei. E, após agradecerem reverentemente, os brâmanes foram visitar a rainha para obter dela a Virtude dos Kurus. Ao se encontrarem com a rainha, os brâmanes vieram a saber que ela, também, estava transtornada sobre a sua prática da virtude:

— Recentemente, enquanto eu assistia o rei e o príncipe desfilando na cidade montados no elefante real, eu acabei tendo uma queda pelo príncipe. “E se eu forjar uma amizade com ele? Em seguida, o rei morreria, o príncipe se casaria comigo e eu continuaria rainha!” Imediatamente após pensar isso, senti enorme vergonha. “Que é isso!? Eu sou uma mulher casada. Meu marido é o rei. Como posso eu, uma pessoa que pratica a Virtude dos Kurus, ter pensamentos sobre outro homem? Talvez eu tenha violado a minha virtude”. Se isso for verdade, a minha virtude é impura e eu não poderei ensiná-la.

— Mas, majestade! A virtude não é violada meramente com pensamentos! Se vossa majestade tem escrúpulos até sobre isso, que pecado vossa majestade cometeria? Por favor, ensinaí-nos a Virtude dos Kurus.

— Muito bem. Eu vos ensinarei. Mas, devido a minha dúvida sobre a minha própria virtude, eu não estou satisfeita e vós não deveis confiar nela. Assim, pedi para que o príncipe vos ensine, pois ele pratica a Virtude dos Kurus escrupulosamente.

“Certamente”, responderam os brâmanes. Então, a rainha recitou os preceitos da mesma maneira que o rei e a rainha-mãe. E, após agradecerem reverentemente, os brâmanes foram visitar o príncipe para obter dele a Virtude dos Kurus. Ao se encontrarem com o príncipe, os brâmanes viram que ele, também, estava transtornado sobre a sua prática da virtude:

— Todas as tardes eu vou ao palácio prestar respeito ao rei. Quando decido passar a noite lá, eu deixo o chicote sobre a canga da carruagem. Esse é o sinal para os meus servos irem embora e

voltarem no dia seguinte. Por outro lado, se eu pretendo retornar na mesma tarde, eu deixo o chicote dentro da carruagem. Nesse caso, os meus servos me esperam até que eu retorne do palácio. Recentemente, em uma certa tarde, eu deixei o chicote dentro da carruagem. Enquanto eu estava dentro do palácio, começou a chover e o rei não permitiu que eu retornasse. Na manhã seguinte, ao sair, eu me deparei com todos os meus servos molhados em seus postos, me aguardando retornar. Me senti terrivelmente envergonhado vendo-os exaustos e ensopados. “Eu pratico a Virtude dos Kurus!”, eu disse a mim mesmo, “como pude colocar todas essas boas pessoas em grande desconforto? Acredito que violei a minha virtude”. Se isso for verdade, a minha virtude é impura e eu não poderei ensiná-la.

— Mas, Alteza, a virtude não é violada dessa maneira! Se vossa alteza tem escrúpulos até sobre isso, que pecado vossa alteza cometeria? Por favor, ensinaí-nos a Virtude dos Kurus.

— Muito bem. Eu vos ensinarei. Mas, devido a minha dúvida sobre a minha própria virtude, eu não estou satisfeito e vós não deveis confiar nela. Assim, pedi para que o conselheiro real vos ensine, pois ele pratica a Virtude dos Kurus escrupulosamente.

“Certamente”, responderam os brâmanes. Então, o príncipe recitou os preceitos da mesma maneira que os outros. E, após agradecerem reverentemente, os brâmanes foram visitar o conselheiro real para obter dele a Virtude dos Kurus. E ele, também transtornado, disse aos brâmanes:

— Certo dia, eu vi nas premissas do palácio uma carroça dourada magnífica. Ao perguntar sobre seu dono, fui informado de que um rei vizinho teria doado ela para o nosso rei. “Já sou um homem idoso”, eu pensei, “não seria maravilhoso se o rei me presentearse com esta carroça? Como eu me sentiria empolgado em passear nela!” Então, eu fui à presença do rei, desejei-lhe prosperidade e me postei em um canto enquanto o cortesão apresentava-lhe a carroça. “Esse é um belo veículo”, disse o rei, “dê ela ao meu

conselheiro”. Eu recusei de pronto a oferta, mesmo o rei tendo insistido para que eu aceitasse. Estava tão envergonhado pela minha inveja que não pude aceitá-la. Acredito que violei a minha virtude. Se isso for verdade, a minha virtude é impura e eu não poderei ensiná-la.

— Mas, senhor, a virtude não é violada meramente por pensamentos! Se o senhor tem escrúpulos até sobre isso, que pecado o senhor cometeria? Por favor, pedimos ao senhor que nos ensine a Virtude dos Kurus.

— Muito bem. Eu vos ensinarei. Mas, devido a minha dúvida sobre a minha própria virtude, eu não estou satisfeito e vós não deveis confiar nela. Assim, pedi para que o inspetor real vos ensine, pois ele pratica a Virtude dos Kurus escrupulosamente.

“Certamente”, responderam os brâmanes. Então, o conselheiro real recitou os preceitos da mesma maneira que os outros. E, após agradecerem reverentemente, os brâmanes foram visitar o inspetor real. E o inspetor real mostrou o mesmo tipo de escrúpulos em sua prática da Virtude dos Kurus. Similarmente, o carroceiro real, o tesoureiro, e o mestre dos celeiros:

— Certo dia, eu estava medindo o arroz para calcular tributos. De um monte de arroz, eu separei uma porção para usar como marcadores. No entanto, a chuva começou a cair e os marcadores se misturaram a outro monte de arroz, embora eu tenha, às pressas, tentado evitar que isso acontecesse. Eu temo que os marcadores caíram no monte errado, e isso significa que pessoas serão cobradas mais do que o justo valor do tributo. Por descuido, eu fui desonesto. Eu sempre tentei manter a Virtude dos Kurus, mas talvez eu a tenha violado. Se isso for verdade, a minha virtude é impura e eu não poderei ensiná-la.

— Mas, senhor, não havia intenção nenhuma da sua parte em falsear a contagem. O senhor ainda se esforçou para preservar a contagem correta, foi um acidente! Sem a intenção de adulterar,

não há desonestidade. Se o senhor tem escrúpulos até sobre isso, que pecado o senhor cometeria? Por favor, pedimos ao senhor que nos ensine a Virtude dos Kurus.

— Muito bem. Eu vos ensinarei. Mas, devido a minha dúvida sobre a minha própria virtude, eu não estou satisfeito e vós não deveis confiar nela. Assim, pedi para que o porteiro vos ensine, pois ele pratica a Virtude dos Kurus escrupulosamente.

“Certamente”, responderam os brâmanes. Então, o mestre dos celeiros recitou os preceitos da mesma maneira que os outros. E, após agradecerem reverentemente, os brâmanes foram visitar o porteiro que, transtornado, disse aos brâmanes:

— Certa noite, na hora de fechar os portões, eu anunciei em voz alta o fechamento, como de costume. Sem ouvir resposta, comecei a fechá-los quando, de repente, um homem malvestido e uma mulher apareceram pedindo para que passassem. Confundindo-os com certos arruaceiros, rudemente eu os repreendi: “Será que vocês ainda não sabem que o rei está na cidade e que os portões sempre são fechados ao pôr do sol? Já era hora do casal indecente aprender a não ficar no bosque até essa hora”. “Senhor”, o pobre homem disse, “eu estava no bosque coletando bambus e saí correndo quando escutei o anúncio do fechamento. Por favor, me desculpe. Ainda, esta aqui não é minha mulher, é minha irmã mais nova”. Quão grosseiro eu fui falando com eles daquela maneira! Ainda, não só tratei sua irmã como esposa, mas insinuei que os dois irmãos estavam sendo indecentes um com o outro! Eu sempre procurei praticar a Virtude dos Kurus, mas acredito que violei a minha virtude. Se isso for verdade, a minha virtude é impura e eu não poderei ensiná-la.

— Mas senhor, trata-se de um mal-entendido! Se o senhor tem escrúpulos até sobre isso, que pecado o senhor cometeria? Por favor, pedimos ao senhor que nos ensine a Virtude dos Kurus.

— Muito bem. Eu vos ensinarei. Mas, devido a minha dúvida sobre

a minha própria virtude, eu não estou satisfeito e vós não deveis confiar nela. Mas, em Indapatta há uma famosa cortesã, a mais famosa da região. Pedi para que ela vos ensine, pois ela pratica a Virtude dos Kurus escrupulosamente.

“Certamente”, responderam os brâmanes. Então, o porteiro recitou os preceitos da mesma maneira que os outros. E, após agradecerem reverentemente, os brâmanes foram visitar a cortesã que, transtornada, disse aos brâmanes:

— Certa vez, eu recebi mil moedas de um jovem que prometeu-me retornar mais tarde. Eu o aguardei, mas ele nunca apareceu. Dia após dia, eu o aguardei por três anos, e ele nunca retornou. Durante esses três anos, para preservar a minha virtude, eu não aceitei nem mesmo um pedaço de noz de areca de outro homem. Assim, eu perdi toda a minha riqueza. Finalmente, levada à pobreza e lutando para sobreviver, eu acabei indo às autoridades relatar a minha situação. Lá, eu expliquei-lhes que, três anos antes, havia aceitado mil moedas de um jovem que não apareceu e não sabia se ele estava vivo ou morto. “Estou pobre, o que faço?” Os juízes declararam que, uma vez que o jovem não compareceu em três anos, eu estava livre para receber clientes como antes. Assim que saí para a rua, outro homem me ofereceu mil moedas. Ao estender a minha mão para aceitar o dinheiro, de repente, apareceu o primeiro jovem. Retraindo a minha mão, eu gritei: “Eu não posso aceitá-lo! Pois estou comprometida com este jovem, que me pagou três anos atrás”. Ao dizer isso, o jovem abandonou o seu disfarce e revelou a sua verdadeira identidade: era Sakka, o rei dos devas³⁰, brilhando como o sol! E ele disse às pessoas ali presentes: “Para testar a virtude desta mulher, eu dei a ela mil

30. **Sakka:** nome do deva que governa o paraíso Tavatimsa (ver nota 31). Na tradição budista, Sakka aparece frequentemente testando seres humanos virtuosos e premiando-os quando passam no teste. Seu trono começa a esquentar quando uma pessoa muito virtuosa no mundo dos humanos sofre grande injustiça ou quando alguém está para fazer algo extremamente virtuoso. Em geral, ele se assusta quando isso acontece pois teme que essa pessoa, ao morrer, renasça como Sakka e usurpe o seu lugar.

moedas três anos atrás. Todos vocês devem ser tão virtuosos quanto ela!” Então, ele me seguiu até chegar em minha casa, encheu-a de joias, me encorajou dizendo “continue sendo diligente!” e partiu para os céus.

“Então, vejam bem, eu sempre procurei praticar a Virtude dos Kurus, mas acredito que violei a minha virtude. Se isso for verdade, a minha virtude é impura e eu não poderei ensiná-la.”

— Mas, senhorita, meramente ter estendido a sua mão não é uma violação da virtude! A sua virtude, sem dúvida, é incomparavelmente pura! Se a senhorita tem escrúpulos até sobre isso, que pecado a senhorita cometeria? Por favor, pedimos à senhorita que nos ensine a Virtude dos Kurus.

— Muito bem. Eu vos ensinarei.

Então, a cortesã recitou os preceitos da mesma maneira que os outros. Agradecidos e satisfeitos, os brâmanes retornaram com as placas de ouro para Kalinga.

Ao chegarem em sua terra natal, os brâmanes relataram todos os acontecimentos para o rei. Este passou, então, a praticar a Virtude dos Kurus com grande cuidado e entusiasmo. Seguindo o seu exemplo, não só todos os membros da corte, mas toda a população do reino de Kalinga, também passou a praticar a Virtude dos Kurus. Com o fim da matança, do roubo e da mentira, em meio à fraternidade e solidariedade as pessoas perderam o medo que tinham umas das outras. Mesmo em meio à fome, elas doavam da pouca comida que tinham. Mesmo em meio às doenças, os doentes ajudavam os outros enfermos. Mesmo tendo pouco, os cidadãos compartilhavam o que tinham uns com os outros. E aqueles que não conseguiram continuar, rodeados pelo amor das pessoas que os ajudavam, viveram seus últimos momentos em paz e partiram rumo ao céu.

Por fim, algum tempo depois, cortando o silêncio, ouviu-se o som de um trovão.



“Irrigador é quem guia a água.
Quem flecha enverga é o arqueiro.
O carpinteiro enverga a madeira.
O virtuoso contém a si mesmo.”



19. Absolutamente

Disse o Bhagavam Buda:

— *Ananda, eu digo que a má conduta corporal, a má conduta verbal e a má conduta mental não devem, em absoluto, ser feitas*³¹.

— Mestre, sobre a má conduta corporal, verbal e mental que o mestre diz que não devem, em absoluto, ser feitas, se uma pessoa as pratica, quais os prejuízos esperados?

— *Ananda, sobre a má conduta corporal, verbal e mental que eu digo que não devem, em absoluto, ser feitas, se uma pessoa as pratica, os prejuízos esperados são os seguintes: ela se culpa; os sensatos a criticam tendo-a examinado; ela ganha má reputação; ao morrer, ela sente-se confusa; com o perecimento do corpo, após*

31. **Pureza ética:** essa é uma das passagens mais categóricas sobre a pureza ética e o não relativismo moral dos ensinamentos do Bhagavam. Não há circunstância em que ele tenha aprovado, elogiado ou incentivado ações como matar, roubar ou mentir – elas são sempre ruins independentemente da situação, embora a sua gravidade varie. O Bem jamais é preservado adotando-se a maldade: é a maldade que, assim, é preservada e é o Bem que assim é sacrificado. Esse é um ensinamento profundo e mesmo monges eruditos ao longo da história do Budismo demonstram dificuldades em aceitá-lo. A inocência é um treino e o desenvolvimento da sabedoria é o que leva o praticante a descobrir como agir sem fazer ações ruins diante de situações difíceis.

a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Ananda, sobre a má conduta corporal, verbal e mental que eu digo que não devem, em absoluto, ser feitas, se alguém as pratica, esses são os prejuízos esperados.

“Ananda, eu digo que a boa conduta corporal, a boa conduta verbal e a boa conduta mental devem, em absoluto, ser feitas.”

— Mestre, sobre a boa conduta corporal, verbal e mental que o mestre diz que devem, em absoluto, ser feitas, se uma pessoa as pratica, quais os benefícios esperados?

— *Ananda, sobre a boa conduta corporal, verbal e mental que eu digo que devem, em absoluto, ser feitas, se uma pessoa as pratica, os benefícios esperados são os seguintes: ela não se culpa; os sensatos a elogiam tendo-a examinado; ela ganha reputação admirável; ao morrer, ela não sente-se confusa; com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem e renasce em um paraíso. Ananda, sobre a boa conduta corporal, verbal e mental que eu digo que devem, em absoluto, ser feitas, se alguém as pratica, esses são os benefícios esperados.*

20. Incansável

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, duas coisas eu conheci muito bem: o não contentamento em relação ao cultivo de qualidades boas e a perseverança, uma perseverança incansável.



“Sem raiva conquiste a raiva.
Com o bem conquiste a maldade.
O egoísmo, com um presente.
E a mentira, com a verdade.”

21. Estagnação

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, eu não elogio a estagnação das qualidades boas, muito menos o deterioramento. Monges, é o crescimento das qualidades boas que eu elogio, e não a estagnação, não o deterioramento.

Monges, e como é que existe o deterioramento das qualidades boas, e não a estagnação ou o crescimento? Aqui, monges, uma pessoa tem um certo tanto de fé, virtude, aprendizado, altruísmo, sabedoria e eloquência e essas qualidades dela deterioram, elas não estagnam nem crescem. Monges, é assim que existe o deterioramento das qualidades boas, e não a estagnação ou o crescimento.

Monges, e como é que existe a estagnação das qualidades boas, e não o deterioramento ou o crescimento? Aqui, monges, uma pessoa tem um certo tanto de fé, virtude, aprendizado, altruísmo, sabedoria e eloquência e essas qualidades dela estagnam, elas não deterioram nem crescem. Monges, é assim que existe a estagnação das qualidades boas, e não o deterioramento ou o crescimento.

Monges, e como é que existe o crescimento das qualidades boas, e não a estagnação ou o deterioramento? Aqui, monges, uma pessoa tem um certo tanto de fé, virtude, aprendizado, altruísmo, sabedoria e eloquência e essas qualidades dela crescem, elas não estagnam nem deterioram. Monges, é assim que existe o crescimento das qualidades boas, e não a estagnação ou o deterioramento.



“Me insultaram, me atacaram,
me roubaram, me derrotaram!’
Para quem pensa, assim, rancoroso
a sua raiva não é acalmada.”



22. O Pleno Conhecimento da Raiva

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, sem o conhecimento direto da raiva, sem o pleno conhecimento da raiva, sem que a mente seja desapaixorada pela raiva, sem o abandono da raiva, é impossível esgotar o sofrimento.

Mas, monges, com o conhecimento direto da raiva, com o pleno conhecimento da raiva, com a mente desapaixorada pela raiva, com o abandono da raiva, é possível esgotar o sofrimento.

“Quem pela raiva é provocado
a um mau destino, ele se destina.
Mas com a visão verdadeira a vendo
a raiva, se larga, compreendida.

Não mais retorna a este mundo
quem sua raiva, assim, elimina.”

23. Intolerância

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem cinco prejuízos em ser intolerante. Quais cinco?

Muitas pessoas o acham detestável e repulsivo; faz-se muitas inimizades; tem-se muitos defeitos; ao morrer, sente-se confuso; e com o perecimento do corpo, após a morte, parte-se para a desgraça, renascendo no submundo, no inferno.

Monges, existem cinco benefícios em ser tolerante. Quais cinco?

Muitas pessoas o acham querido e amável; não se faz muitas inimizades; não se tem muitos defeitos; ao morrer, não sente-se confuso; e com o perecimento do corpo, após a morte, parte-se bem, renascendo em um paraíso.



“Tão feio é o raivoso!
O seu sono, tão doloroso!
Quando recebe algo saudável
ele considera isso um desaforo.

Com o seu corpo e com a sua fala
o raivoso, então, os castiga.
Pela raiva, ele é consumido
e, assim, perde a sua riqueza.

Com tanta raiva, inebriado,
ele cai, assim, na desgraça.
Sua família e os seus amigos
se afastam de quem tem raiva.

Da raiva surge o que é nocivo.
O coração torna-se transtornado.
Dentro de si, nasce o perigo
e ele não desperta pro fato.

Do bem não sabe o raivoso.
Quem tem raiva não vê a verdade.
Escuridão e trevas lhe restam
pela raiva, acompanhado.

Facilmente, o raivoso
estraga o ganho que foi penoso.
Mas depois, quando a raiva acaba
ele queima em meio ao remorso.

Como um incêndio, ele esfumaça
se mostrando tão carrancudo.
E quando a sua raiva transborda
ele irrita, então, todo mundo.

Não tem vergonha, não tem receio
nem tem respeito quando algo fala.
Pela raiva, ele é dominado,
e, assim, não há ilha que o salva.

Essas ações que causam tormento
das ações boas são tão distantes.
Sobre isso, eis o que eu digo,
escutem como são realmente:

De fato, o raivoso fere
seu próprio pai e sua mãe, ainda.
Ele fere, também, um santo
e uma pessoa comum na vida.

Essa mesma mãe que criou-lhe,
essa mãe que deu-lhe a vida,
essa mãe que mostrou-lhe o mundo
quem tem raiva, a machucaria.

Como nós mesmos, todos os seres
tem a si como o mais querido.
E o raivoso fere a si próprio
doido por diversos motivos.

Alguns se matam com uma faca.
Doidos, alguns consomem veneno.
Alguns se enforcam com uma corda
ou pulam de um desfiladeiro.

Aqueles que matam a si mesmos
e aqueles que matam outras vidas
não acordam para o que fazem.
O nascer da raiva é a sua ruína.

A raiva é a cilada da morte
no coração, tão bem escondida.
Eliminada é com autocontrole
visão, esforço e sabedoria.

Tal coisa ruim é o que o sábio corta.
Dessa maneira é o seu treino.
Seguindo o Dharma, não se permita
ser carrancudo ou mesmo grosseiro.

Livre da raiva e sem tormento
não mais confuso, ele é sossegado.
Ele, domado, largou a raiva.
Sem influências, pacificado.”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*O dever de casa pra quem tem causa
é criar pra si um grande caráter:
correto, sóbrio, não faz o errado
nem enraivece indignado.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Não senta e espera por boa notícia,
não desespera com o mundo em baixa.
Boa notícia, aprende a criá-la.
Boa notícia, assim ele é, de fato.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



24. A História de Magha

Há muito tempo atrás, quando um certo rei de Magadha governava Rájagaha, nasceu um bebê de uma família de brâmanes, em uma pequena vila de trinta famílias. Seu nome era Magha e, quando cresceu, seus pais escolheram-lhe uma esposa apropriada. Magha e sua família mantinham fielmente os cinco preceitos e eram assiduamente generosos.

Certo dia, os homens da vila estavam na rua conversando em um certo local não muito limpo. Magha, então, limpou o local onde ele mesmo estava enquanto a conversa transcorria. Assim que alguém do grupo se movia de seu lugar, Magha silenciosamente limpava aquele local. Após um tempo, sem que o grupo percebesse, todo o local onde eles estavam ficou completamente limpo.

Em outra ocasião, Magha construiu um pavilhão para a vila e, depois, construiu um espaço de lazer com tendas, bancos e jarros de água comunitários. Sempre atentos para datas comemorativas, Magha e sua esposa alegremente preparavam presentes bem escolhidos para os parentes, amigos e vizinhos. Em todos os feriados e dias festivos, o casal cozinhava grande quantidade de comida para oferecer gratuitamente na entrada de sua casa a todos os que passavam por ali — eremitas, pessoas pobres, viajantes, todos eram servidos pessoalmente por ambos. Quando um eremita de compostura inspiradora aparecia na vila, Magha e

sua esposa o convidavam para obter comida em sua casa, ocasião em que preparavam para ele um assento e, sentando-se em local mais baixo, o convidavam para ensiná-los e inspirá-los sobre o modo de vida e ações que levam à felicidade nesta vida e na próxima.

Com o tempo, inspirados pela conduta do casal, os seus vizinhos passaram a seguir o seu exemplo. Magha os ensinou a manter os cinco preceitos e, juntos, passaram a fazer muitas coisas boas na redondeza. Frequentemente, os homens acordavam cedo, pegavam as suas ferramentas e saíam pela vila para arrumá-la, fazer reparos e limpá-la. Eles reparavam os buracos nas ruas, cuidavam das árvores, abriam caminhos, cavavam poços de água, construíam espaços comunitários e belíssimos jardins. Assim, cada parte da vila era cuidada com carinho pelos moradores voluntariamente, e um grande sentimento de comunidade, ajuda mútua, gratidão e harmonia surgiu entre eles. Dessa maneira, todos seguiam os conselhos de Magha, praticando generosidade e preservando os preceitos.

Enquanto a vila celebrava os feitos de Magha e sua turma, o prefeito da vila não estava feliz. “Antes, quando estes homens bebiam nos bares, eu fazia muito dinheiro. Mesmo dos crimes que praticavam, eu ganhava o dinheiro das fianças. Agora este Magha mudou tudo! Mas isso não vai ficar assim!” O prefeito, que era amigo do rei, foi direto ao palácio e acusou Magha e seus homens de todo tipo de crimes. Sem investigar, o rei acreditou nas acusações e ordenou que todos eles fossem presos e condenados à morte. A sentença: eles deveriam ser amarrados e atropelados por um elefante. Os soldados, então, prenderam os homens e os levaram ao pátio, deitando-os no chão em fileira enquanto o carrasco trazia um elefante. Deitado no pátio, Magha disse aos seus companheiros: “Tenham em mente a sua virtude e a sua inocência! Espalhem intenções bondosas para o prefeito, para o rei e para o elefante. Desejem que todos eles sejam tão felizes

quanto vocês gostariam de ser”. Os homens ouviram cuidadosamente as suas palavras e fizeram exatamente o que Magha disse, envolvendo todos com bondade em suas mentes.

Quando o elefante chegou ao pátio, ele se recusou a chegar perto dos homens. Mesmo sendo ameaçado pelas lanças dos soldados, o elefante relutou e, emitindo um forte brado, fugiu dali. O carrasco, então, trouxe outro elefante, que se comportou da mesma maneira. O rei, perplexo, ordenou que os homens fossem revistados. Mas nada foi encontrado neles que explicasse o comportamento dos elefantes. “Eles devem ter feito alguma mágica”, pensou o rei.

— Vocês por acaso fizeram alguma mágica?

— Sim, majestade — respondeu Magha.

— Me diga que mágica é essa!

— Majestade, esta é a nossa mágica: nenhum de nós mata, rouba ou busca as mulheres dos outros. Nenhum de nós conta mentiras. Nenhum de nós bebe álcool ou se droga. Nós cultivamos bondade e generosidade a todos. É nosso costume cuidar das ruas, das praças, da vila. A virtude é a nossa mágica, é a nossa proteção, é o nosso poder.

Quando o rei ouviu isso, cravou o olhar sobre o prefeito. Em seguida, ele ordenou que todas as propriedades e riquezas do prefeito fossem confiscadas e doadas para Magha e seus amigos, junto com os elefantes de presente. Finalmente, ordenou que o prefeito se tornasse seu servo. Assim, Magha se tornou o novo prefeito da vila.

Após esse episódio, Magha passou a praticar sete preceitos pelo resto de sua vida:

- “(1) Enquanto eu viver, que eu ampare os meus pais;
- (2) Enquanto eu viver, que eu respeite os mais velhos;
- (3) Enquanto eu viver, que a minha fala seja gentil;

- (4) Enquanto eu viver, que eu não fale mal dos outros;
(5) Enquanto eu viver, que eu não tenha a mancha da mesquinheza, que eu seja livremente generoso, de mãos abertas, amante da oferta, dedicado à renúncia e devoto do compartilhamento;
(6) Enquanto eu viver, que eu fale a verdade;
(7) Enquanto eu viver, que eu não tenha raiva. Se ela surgir, que eu afaste-a rapidamente.”

Por causa dessa louvável forma de vida, ele renasceu no paraíso Tavatimsa³² como Sakka, o rei dos devas.



“Quem planta jardins e, também, parques
e a pessoa que constrói pontes
e um poço e bebedouro
e quem, abrigo, doa pra descanso...
pra ele, a sorte, dia e noite,
constantemente, sempre aumenta.
Justo e dotado de virtude,
é ele mesmo que no céu chega.”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Não sinta e espera por boa notícia,
não desespera com o mundo em baixa.
Boa notícia, aprende a criá-la.
Boa notícia, assim ele é, de fato.*

32. **Tavatimsa:** “(o reino) dos trinta e três” é um paraíso intermediário, inferior ao reino de Brâma. Uma ordem de seres celestes governado por Sakka, o rei dos devas (ver nota 29).

*Isto é o que
foi dito:*

*Fazendo o bem, planta boas sementes,
gentil, ajuda, firme e aplicado.
Verdadeiro, nele confiam.
Escrupuloso, humilde e sábio.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



25. O Rei Samvara

Há muito tempo atrás, quando Brahmadata reinava em Báranasi, ele teve cem filhos. Para cada filho, o rei alocou um sábio mestre como tutor para ensiná-los tudo o que precisariam.

Quando o último filho nasceu, o rei o chamou de Samvara. Quando este era ainda criança, o rei escolheu o seu novo tutor, que era ninguém menos que o próprio Bodhisatva. Antes de enviá-lo para estudar com o tutor, o rei aconselhou-o da seguinte maneira:

— Querido filho, um mestre que está presente é uma oportunidade para perguntar e aprender coisas importantes. É uma oportunidade para aprender sobre a vida e sobre como vivê-la de modo a ser feliz e de modo a fazer os outros felizes. Uma vez que mestres ensinam coisas importantes, um pupilo grato é um pupilo respeitoso e reverente.

Na medida em que os filhos cresciam e completavam sua educação, eles eram levados à presença do rei, que lhes doava uma província para que governassem. Quando Samvara estava prestes a terminar os seus estudos, ele perguntou ao seu tutor:

— Mestre, em breve me encontrarei com meu pai. Que conselhos o senhor me daria?

— Meu jovem, se o rei oferecer-lhe uma província, recuse-a. Ofereça os seus serviços.

Pouco tempo depois, o príncipe Samvara foi levado à presença do

rei. Postando-se respeitosamente ao lado, o rei perguntou-lhe:

– Diga, meu filho, terminaste os estudos?

– Sim, meu pai.

– Muito bem, escolha uma província – ordenou o rei.

– Majestade, eu sou o filho mais novo. Se eu for, não haverá mais ninguém ao vosso lado. Pai, permita-me ficar e servi-lo.

O rei ficou alegre ao ouvir isso e consentiu ao desejo do filho.

Novamente, o príncipe perguntou ao seu tutor: “Mestre, por favor, aconselhe-me”. “Que tal pedir ao rei um jardim antigo?”, este respondeu. Após o rei ter-lhe dado um jardim, o príncipe passou a cuidar dele e a ofertar frutas e flores para várias pessoas poderosas e influentes no reino, criando laços de amizade com eles.

Novamente, Samvara foi consultar seu tutor. “Meu jovem, antes de praticar generosidade no reino, peça permissão ao rei”. Com o consentimento do rei, então, o príncipe passou a distribuir comida e dinheiro pessoalmente pela capital, sem negligenciar ninguém que viesse e lhe pedisse.

Mais uma vez, o príncipe foi ao seu tutor. E após ouvir os seus conselhos, o príncipe estava fazendo doações também dentro do palácio. Em seguida, começou a tomar conta dos salários de todos da corte, dos ministros e dos soldados. Ele cuidava dos embaixadores e mensageiros estrangeiros, gerenciando as hospedagens e os eventos de entretenimento. O príncipe também se tornou responsável pelos impostos de todos os comerciantes da cidade. Ele estava pessoalmente envolvido em todas as tarefas necessárias e as executava com grande cuidado e justiça.

Ao seguir os conselhos de seu tutor, Samvara fez muitas e muitas amizades na corte, na capital e no reino. Todos que o encontravam eram cativados pela sua bondade. Ele era amado por todos.

Mas o seu pai estava idoso. Tempos depois, o rei se achava em seu

leito de morte.

— Quando vossa majestade partir — perguntou um ministro — a quem nós devemos oferecer a sombrinha branca real?

— Amigos, todos os meus filhos têm direito à sombrinha real. Por favor, deem ela para aquele que vocês acharem melhor.

Após o velório do rei, os ministros se reuniram para discutir a sucessão. “Nosso rei deu a ordem para escolhermos como sucessor o filho que acharmos melhor. Certamente, o príncipe Samvara é o mais querido por nós”. Os demais ministros concordaram e o resultado da votação foi unânime. Assim, a sombrinha real foi erguida sobre o jovem Samvara e ele foi feito rei.

No entanto, quando os noventa e nove irmãos foram informados da morte de seu pai e que seu irmão mais novo se tornou o rei, eles ficaram furiosos. “Samvara é nosso caçula. A sombrinha não pertence a ele. É justo que ela pertença ao mais velho entre nós!” Assim, os irmãos enviaram uma carta ao palácio ordenando que Samvara entregasse o reino ou que os enfrentasse em uma guerra. Logo após enviarem os mensageiros, os irmãos reuniram seus exércitos e marcharam em direção à capital.

E Samvara, mais uma vez, consultou seu tutor. “Majestade, não luteis contra vossos irmãos! Sede justo com o tesouro que pertencia ao vosso pai”. O rei, então, separou a herança em cem partes iguais e escreveu uma mensagem: “Por favor, irmãos, aceitai vossa parte do tesouro que pertencia ao nosso pai. Pois eu não lutarei convosco”. Ao receber a mensagem, o irmão mais velho se reuniu com os demais irmãos. “Irmãos, não há como derrotarmos o rei. Nós tentamos tratá-lo como inimigo, mas ele se recusa a lutar. Além de se recusar, ele nos mandou a sua riqueza. Uma vez que não podemos ser todos reis ao mesmo tempo, eu sugiro que reconheçamos a sombrinha real sobre ele. Vamos nos encontrar com ele, vamos entregar-lhe o tesouro real e retornar

para as nossas províncias”.

Todos os noventa e nove irmãos concordaram e, desarmados, entraram na capital a pé seguidos de seus homens. O rei Samvara, sentado em seu trono magnífico, sob a sombrinha branca real, deu as boas-vindas aos seus irmãos. E estes, formalmente, prestaram respeito ao novo rei e sentaram-se reverentemente diante dele. Então, o irmão mais velho se dirigiu ao rei, dizendo os seguintes versos:

“De certo que o rei sabia
de sua virtude, ó grande monarca.
Deu aos seus filhos essas províncias
mas a ti, ele não deu nada.

Foi quando ele ainda vivia
ou foi depois que ele ao céu migrara
que nossos parentes consentiram
vendo vantagem nessa jogada?

De onde vem tal soberania?
Qual tua autoridade, Samvara?
O que então nos impediria
de enfrentá-lo em uma batalha?”

“Irmão, eu sempre me curvo
aos reclusos, não os invejo.
Com reverência, em seus pés me posto
é assim que eu os venero.

Dedicados ao Bem, ao Dharma,
deles aprendo e não os invejo.
Me deleito, assim, na virtude
dos nobres sábios que são corretos.

Ao ouvir o que os sábios dizem
— Esses reclusos de vida nobre —
Arrogância e orgulho eu não sinto.

É ao Dharma que eu me devoto.

Condutores de elefantes,
soldados e cavaleiros:
sua comida e o seu salário,
tais coisas, nunca os nego.

Os ministros estão comigo
e, também, sábios conselheiros.
Todos os servos, trabalhadores,
pois eles todos, aqui, prosperam.

Os vendedores ficaram ricos
indo e vindo de vários reinos.
Também, meu irmão, saiba disso
dos vendedores, cuido e protejo.”

— Irmão, é com humildade que eu ouço os sábios, buscando fazer o que é certo. Eu não governo por ostentação, governo para o bem de todos, sem desprezar ninguém.

Impressionado pelo caráter do seu irmão caçula, o irmão mais velho disse:

— Majestade, reinai sobre nós, reinai com justiça. Abençoai os seus irmãos com a vossa sabedoria e prudência. Nós, os vossos irmãos, vos defenderemos de quaisquer ameaças. Longa vida ao rei!

O Rei Samvara, então, ofereceu muitas honras aos seus irmãos. Após ficarem por um tempo na capital, eles se despediram e retornaram, cada um, para a sua província. Samvara continuou a reinar de acordo com o Dharma seguindo os sábios conselhos de seu tutor e, após sua morte, os seres celestes ficaram mais numerosos.

26. Em Sedaka

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, de que maneira uma pessoa protege os outros protegendo-se a si mesma? Com paciência, piedade, um coração bondoso e solidariedade. Monges, é dessa maneira que uma pessoa protege os outros protegendo-se a si mesma.

27. Levados Pelos Outros

Há muito tempo atrás, quando Brahmadatta reinava em Báranasi, o Bodhisattva nasceu como um leão em uma floresta perto do oceano. Nessa floresta, havia um bosque com palmeiras e marmeleiros. E ao pé de um marmeleiro vivia uma lebre.

Certo dia, quando a lebre descansava nas sombras das árvores, o seguinte pensamento lhe ocorreu: “Se esta terra fosse destruída, o que seria de mim?” Nesse mesmo instante, uma fruta de bael madura caiu em um ramo de palmeira fazendo grande barulho. Assustada, a lebre deu um pulo, gritou “a terra está desmoronando!!” e saiu correndo.

Ali perto, uma outra lebre a viu correndo em sua direção. “O que houve?”, ela perguntou, mas a primeira não parou para ouvi-la. Alarmada, a segunda lebre também saiu correndo.

— Espere! O que houve?? — perguntou novamente a segunda lebre ao alcançar a primeira.

— A terra está desmoronando!!

Os olhos da segunda lebre se abriram de terror, e as duas apertaram o passo. Em pouco tempo, todas as lebres da floresta estavam correndo juntas. Quando os outros animais perguntavam para as lebres o que havia acontecido, elas respondiam sem fôlego

“a terra está desmoronando!!”, e os animais, aterrorizados, corriam por suas vidas.

Rapidamente, o medo se espalhou como doença a todos na floresta: cervos, javalis, búfalos, bois, rinocerontes, tigres e elefantes. Quando o leão viu essa multidão levantando poeira e foi informado da causa da correria, ele pensou “a terra não parece estar desmoronando. Isso parece um mal-entendido. E esses animais estão correndo loucamente em direção ao oceano. Se eu não agir agora mesmo, eles morrerão.”

Então, correndo tão rápido quanto somente um leão conseguiria, ele chegou à frente de todos os animais e lançou três vezes o seu rugido de leão. Ao som do rei das feras, todos os animais ficaram paralisados. Então, calmamente, o leão perguntou aos animais por que eles estavam correndo. “A terra está desmoronando,” gritaram todos ao mesmo tempo.

— Quem viu a terra desmoronando?

— Os elefantes que sabem! — respondeu uma voz.

Ao perguntar aos elefantes, eles responderam “não sabemos, os tigres que sabem”. Os tigres responderam “os rinocerontes que nos contaram”. Os rinocerontes disseram “foram os bois...”. Os bois disseram “os búfalos... eles...”. E os búfalos disseram “os javalis sabem”. Os javalis: “Pergunte aos cervos”. Os cervos: “Seguimos as lebres”. E quando o leão perguntou às lebres, todas elas olharam para a mesma lebre. Aproximando-se dela, o leão disse:

— É verdade, amigo, que a terra está desmoronando?

— Sim, majestade, eu vi!

— Onde foi que você viu?

— Em um bosque com palmeiras e marmeleiros. Eu estava deitado na sombra das árvores pensando “se esta terra fosse destruída, o que seria de mim?” e, nesse mesmo instante, eu ouvi o som da terra desmoronando e saí correndo!

Da explicação da lebre, o leão passou a entender o que tinha acontecido, mas ele precisava verificar a sua conclusão e demonstrar a verdade para os animais. Gentilmente, ele os acalmou e disse a todos “eu irei com a lebre para o local onde ela diz que a terra está desmoronando. Fiquem aqui até nós voltarmos.”

Colocando a lebre em suas costas, o leão correu rapidamente até o bosque. Ao chegarem, ele disse “mostre-me o local.”

— Eu tenho medo, majestade!

— Acalme-se, não tenha medo.

Tremendo, e sem conseguir dar mais um passo adiante, a lebre, de longe, apontou o local em que ela ouviu o som da terra desmoronando. O leão, então, foi até o local apontado.

Rapidamente ele identificou onde a lebre estava descansando e viu, também, a fruta de bael madura sobre um ramo de palmeira. Tendo examinado cuidadosamente a situação, o leão retornou com a lebre para a companhia dos animais que os aguardavam.

— Não tenham medo. A terra não está desmoronando!

Tendo esclarecido a situação, os animais relaxaram e retornaram para as suas vidas.

Os animais, levados pelos boatos e sem procurar entender o que de fato se passava, colocaram-se em grande perigo. Foi somente pela virtude, sabedoria e compaixão do leão que eles não se afogaram no oceano.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Fazendo o bem, planta boas sementes,
gentil, ajuda, firme e aplicado.
Verdadeiro, nele confiam.
Escrupuloso, humilde e sábio.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Tal como o vento, ele avança.
Rochas e pedras vão para os lados.
Não por causa de suas ideias,
mas pelo poder de seu caráter.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



“Uma ruína é para o tolo
quando lhe surge a inteligência:
ele destrói o que é valioso
e ainda corta a própria cabeça.”



28. Autoconfiança

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, um budista³³ leigo que possui cinco qualidades é dominado pela timidez. Quais cinco qualidades? Ele mata seres vivos, ele toma o que não foi oferecido, ele se conduz mal em relação à sensualidade, ele mente e ele se envolve com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência.

Monges, um budista leigo que possui cinco qualidades é autoconfiante. Quais cinco qualidades? Ele abdica de matar seres vivos, ele abdica de tomar o que não foi oferecido, ele abdica da má conduta em relação à sensualidade, ele abdica da mentira e ele abdica do envolvimento com álcool e drogas, estados de

33. “Budista”, aqui, traduz o termo *upāsaka* (lit. “aquele que senta perto” ou “aquele que serve”): um seguidor leigo do Buda que não entrou na ordem monástica.

inebriamento e negligência.

29. Virtude

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, a pessoa imoral incorre em cinco prejuízos por conta de sua imoralidade. Quais cinco prejuízos?

Aqui, monges, a pessoa imoral perde muito dinheiro por conta de sua negligência. Esse é o primeiro prejuízo em que a pessoa imoral incorre por conta de sua imoralidade.

Ela passa a ter má reputação. Esse é o segundo prejuízo em que a pessoa imoral incorre por conta de sua imoralidade.

Ela comparece envergonhada a reuniões ou assembleias de governantes, de religiosos, de donos de casa ou de ascetas. Esse é o terceiro prejuízo em que a pessoa imoral incorre por conta de sua imoralidade.

Ela morre confusa. Esse é o quarto prejuízo em que a pessoa imoral incorre por conta de sua imoralidade.

Com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renascendo no submundo, no inferno. Esse é o quinto prejuízo em que a pessoa imoral incorre por conta de sua imoralidade.



“Contra o vento, não corre o cheiro
do jasmim, sândalo e outras flores.
Já contra o vento e pra todo lado
do bom caráter, sopra o perfume.”



30. O Cervo Chamado Nandiya

Há muito tempo atrás, quando o rei de Kôsala reinava em Sáketa, o Bodhisatva nasceu como um cervo chamado Nandiya. O virtuoso cervo preservava os preceitos, era muito devoto e sempre cuidava de seus pais. A vida dos animais na região, no entanto, não era fácil. O rei adorava a caça. Todos os dias, ele se dirigia aos bosques com uma grande comitiva para caçar, e isso era um grande incômodo para a população, que tinham seus negócios e afazeres interrompidos enquanto a caça transcorria.

Certo dia, as pessoas se reuniram para discutir esses problemas. “Amigos, esses lazeres do rei estão sendo um transtorno para nós todos. Que tal se plantarmos grama no parque Anjana, cavarmos tanques de água e cercarmos a área? Assim, poderíamos prender os cervos ali e o rei poderia caçá-los lá mesmo, sem nos incomodar mais. Ele ficaria feliz e nós ficaríamos felizes.”

Todos concordaram com a ideia e, imediatamente, passaram a preparar o parque com entusiasmo. Ao terminar, eles cercaram a floresta, abriram seus portões e, batendo suas lanças nos escudos, foram assustando os animais em direção ao parque Anjana.

Nandiya, a essa altura, sabia o que estava acontecendo e levou rapidamente os seus pais para um lugar escondido. Porém, os homens se aproximavam do esconderijo e Nandiya sentiu o perigo. “Devo salvar meus pais, nem que isso custe minha vida”, pensou ele. Em seguida, fazendo uma saudação ao seu pai e mãe, ele disse:

— Querida mãe, querido pai, se os homens chegarem aqui, estaremos os três condenados. Mas se eu fugir, eles correrão atrás de mim e não se preocuparão em vasculhar este local. Não vejo outra maneira de mantê-los à salvo.

Com lágrimas nos olhos, eles se despediram e, com os homens se aproximando, Nandiya partiu em fuga. Os homens rapidamente correram atrás de Nandiya e não se preocuparam em examinar os

arredores.

Assim, Nandiya se juntou aos outros cervos em Anjana. Pouco tempo depois, as pessoas fecharam os portões, informaram ao rei sobre o parque e retornaram às suas casas, felizes com o sucesso de seu plano.

O rei, empolgadíssimo com o arranjo, ia todo dia para o parque Anjana com seu arco e flecha. A cada manhã, os cervos faziam um sorteio. Quando o rei chegava, todos os cervos ficavam escondidos. Já o cervo sorteado aparecia, tremendo, na frente do rei. Em poucos instantes, desesperado, o cervo fugia e o rei partia no seu encalço. Eletizado pela perseguição, este sempre abatia o animal, que tinha o seu corpo carregado para o palácio, onde o cozinheiro preparava um banquete.

Dia após dia, Nandiya bebia a água do tanque e comia a doce grama do parque se perguntando quando a sua vez chegaria. Enquanto isso, os seus pais ficavam cada vez mais preocupados. “Se o nosso filho está vivo, certamente ele seria capaz de fugir. Vamos tentar mandar-lhe uma mensagem para que nos visite”. Pouco tempo depois, um brâmane passou por eles:

— Caro senhor — disse o pai de Nandiya — para que direção está indo?

— Estou indo para Sáketa — disse o brâmane.

— Por favor, poderia passar pelo parque Anjana e informar o nosso filho Nandiya que estamos ansiosos por sua visita?

O brâmane concordou e continuou a sua viagem. Ao chegar no parque, ele perguntou por Nandiya e transmitiu-lhe a mensagem.

— Não me entenda mal, senhor — disse Nandiya. Eu poderia facilmente fugir deste parque. Não vejo dificuldade alguma em pular esta cerca. Porém, eu bebi a água do rei e comi a grama do rei. Assim, estou em débito para com ele. Além disso, tendo vivido com estes cervos por tanto tempo, não seria correto deixá-los à

própria sorte. Certamente, a minha vez chegará. E, então, deverei ser forte. Quem sabe depois poderei visitar meus pais.

Sem entender nada do que Nandiya dizia, o brâmane apenas franziu as sobrancelhas, balançou a cabeça e foi embora.

Alguns dias depois, Nandiya foi sorteado. Enquanto sol estava nascendo e os pássaros começavam a cantar, Nandiya refrescava-se com a água do tanque. Em seguida, ele calmamente andou em direção ao topo de um morro e lá ficou, contemplando o vasto horizonte. Perto dali um homem se aproximava furtivamente como um gato, colocando silenciosamente uma flecha em seu arco. Nandiya exibia todo o seu corpo, respirando serenamente, irradiando bondade ao rei e olhando-o penetrantemente enquanto este mirava-lhe uma flecha. Mas a flecha teimava a sair do arco.

— Majestade, por que não soltais a flecha?

— Rei dos cervos, eu não consigo.

— Majestade, contemplai a fibra da virtude.

Essas palavras arrepiaram o rei que, tremendo, abaixou o arco:

— Nobre animal, a fibra deste arco sem sentidos reconhece a sua fibra. Como eu, dotado de sentidos, não a reconheceria? Por favor, me perdoe! Eu prometo-lhe segurança em meu reino pelo resto de sua vida.

— Majestade, e quanto aos outros cervos?

— Eu prometo segurança a eles também!

— Majestade, e quanto às aves, peixes e demais criaturas que vivem em seu reino?

— Todos eles serão poupados!

Então Nandiya encorajou o rei a manter os cinco preceitos da virtude e a seguir os dez preceitos dos reis. Ao final, Nandiya disse “Sede diligente, majestade!” e partiu em busca de seus pais.

31. Aparência

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, estas quatro pessoas são encontradas no mundo. Quais quatro?

- (1) Aquela que julga baseando-se na aparência e tem fé de acordo com a aparência.
- (2) Aquela que julga baseando-se no discurso e tem fé de acordo com o discurso.
- (3) Aquela que julga baseando-se na austeridade e tem fé de acordo com a austeridade.
- (4) Aquela que julga baseando-se no Dharma e tem fé de acordo com o Dharma.

32. Preceitos

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, eu os ensinarei sobre a pessoa sem caráter, sobre a pessoa pior do que a pessoa sem caráter, sobre a pessoa de caráter e sobre a pessoa melhor do que a pessoa de caráter. Ouçam e prestem bem atenção ao que eu digo. “Sim, mestre”, responderam os monges. Então, o Bhagavam Buda disse-lhes o seguinte:

— Monges, e o que é uma pessoa sem caráter? Aqui, monges, uma pessoa mata seres vivos, ela toma o que não foi oferecido, ela mente, ela se conduz mal em relação à sensualidade e ela se envolve com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência. Monges, essa se chama ‘pessoa sem caráter.’

Monges, e o que é uma pessoa pior do que a pessoa sem

caráter? Aqui, monges, uma pessoa mata seres vivos e encoraja os outros a fazerem o mesmo, ela toma o que não foi oferecido e encoraja os outros a fazerem o mesmo, ela mente e encoraja os outros a fazerem o mesmo, ela se conduz mal em relação à sensualidade e encoraja os outros a fazerem o mesmo, ela se envolve com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência e encoraja os outros a fazerem o mesmo. Monges, isso se chama ‘pessoa pior do que a pessoa sem caráter.’

Monges, e o que é uma pessoa de caráter? Aqui, monges, uma pessoa abdica de matar seres vivos, ela abdica de tomar o que não foi oferecido, ela abdica da mentira, ela abdica de se conduzir mal em relação à sensualidade, ela abdica do envolvimento com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência. Monges, isso se chama ‘pessoa de caráter.’

Monges, e o que é uma pessoa melhor do que a pessoa de caráter? Aqui, monges, uma pessoa abdica de matar seres vivos e encoraja os outros a fazerem o mesmo, ela abdica de tomar o que não foi oferecido e encoraja os outros a fazerem o mesmo, ela abdica da mentira e encoraja os outros a fazerem o mesmo, ela abdica de se conduzir mal em relação à sensualidade e encoraja os outros a fazerem o mesmo, ela abdica do envolvimento com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência e encoraja os outros a fazerem o mesmo. Monges, isso se chama ‘pessoa melhor do que a pessoa de caráter.’

33. Aspirando pela Felicidade

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, uma pessoa sábia que aspira por três tipos de felicidade deve proteger a sua virtude. Quais três tipos de felicidade?

A pessoa sábia que aspira pelo seguinte: “Que eu seja elogiado” deve proteger a sua virtude.

A pessoa sábia que aspira pelo seguinte: “Que eu seja rico” deve proteger a sua virtude.

A pessoa sábia que aspira pelo seguinte: “Com o perecimento do corpo, após a morte, que eu parta bem, renascendo em um paraíso” deve proteger a sua virtude.

Monges, uma pessoa sábia que aspira por esses três tipos de felicidade deve proteger a sua virtude.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Tal como o vento, ele avança.
Rochas e pedras vão para os lados.
Não por causa de suas ideias,
mas pelo poder de seu caráter.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Sem avidez, contente e simples.
Apague a raiva, seja bem manso.
Aguente a dor sem pensar maldades,
lúcido, calmo e muito bondoso.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



“Nem mesmo ao chover dinheiro
a sedução satisfaz o peito.
Da sedução, assim sabe o sábio
que é pouco doce e é sofrimento.”



34. O Grande Macaco Rei

Há muito tempo atrás, quando Brahmadatta reinava em Báranasi, o Bodhisatva havia nascido como um macaco nos Himalaias. Ele cresceu extremamente forte e se tornou líder de um grupo de centenas de macacos.

Naquela região, nas bordas do rio Ganges, havia uma enorme árvore. Os seus galhos eram grossos, o seu tronco poderoso, e as suas frutas eram saborosíssimas. Certa vez, enquanto o rei dos macacos comia uma de suas frutas, ele pensou o seguinte: “Se uma dessas frutas cair no rio, estaremos em perigo!” Para evitar que isso acontecesse, ele pediu aos macacos que reunissem as frutas próximas da água. No entanto, nem todas foram colhidas. Uma delas, bastante madura, acabou caindo no rio, sendo levada pela correnteza.

Nesse momento, o rei Brahmadatta tomava banho no rio Ganges e era costume que os seus servos espalhassem uma rede ao redor

do local onde o rei se banhava. Ao fim do banho, os servos retiraram a rede e notaram essa curiosa fruta presa ali. Como eles não a conheciam, a levaram para o rei.

— Mas que fruta seria essa? — perguntou o rei.

— Majestade, nós não sabemos. Acreditávamos que vossa majestade a reconheceria.

O rei convocou os moradores da floresta que o informaram o nome da fruta:

— É uma manga, majestade.

Então, ele a cortou em pedaços e dividiu-os com a sua esposa e os seus ministros. Ao colocá-la na boca, o rei ficou enfeitiçado. Com o passar do tempo, Brahmadatta não conseguia esquecer o sabor da fruta. Obcecado, ele reuniu uma comitiva para seguir o curso do rio e encontrar a árvore que gerou esse magnífico fruto. Quando eles finalmente encontraram a árvore, um acampamento foi erguido, fogueiras foram acendidas e soldados foram postos em guarda ao redor.

No meio da noite, quando estavam todos dormindo, os macacos chegaram no local. Devido ao barulho que os galhos faziam quando os macacos pulavam, o rei acordou. Vendo o que se sucedia, ele ordenou que os arqueiros se preparassem.

— Atirem nos macacos, não permitam que levem as mangas! Amanhã comeremos carne de macaco com mangas!

Quando os macacos notaram que estavam cercados, eles se dirigiram ao seu líder morrendo de medo: “Senhor, o que faremos?”

— Não temam! — respondeu ele com segurança.

Pulando habilmente de galho em galho, o rei dos macacos subiu na árvore em direção ao galho próximo do rio. Dali, rapidamente ele pulou em direção à outra margem, aterrissando em outra árvore. A seguir, escolhendo um cipó firme e bem cumprido, ele

amarrou uma extremidade na árvore e a outra em seu próprio corpo. E, como uma rajada, se lançou de volta para a outra margem. Porém, o cipó era ligeiramente mais curto do que o necessário e, assim, o rei dos macacos conseguiu apenas segurar com as duas mãos um galho da mangueira sem cair. Então, ele chamou os macacos dizendo: “Rápido, passem por cima do meu corpo e atravessem até o outro lado por este cipó. Não há tempo a perder, boa sorte a todos!”

Em seguida, cada um dos mais de cem macacos saldou o seu rei reverentemente e, pedindo perdão, cruzaram até o outro lado. O último macaco, no entanto, há muito tempo nutria rancor pelo líder. Subindo em um galho mais alto, ele pulou cruelmente e com toda a sua força sobre o corpo do macaco rei e cruzou até a outra margem, deixando-o para trás.

Perto dali, o rei Brahmadata observou todo esse episódio: “Esse nobre animal, sem ligar para a sua própria vida, garantiu a segurança do seu grupo!”

— Abaixem as armas —, ordenou o rei.

Em seguida, o líder dos macacos foi desamarrado gentilmente e carregado para uma cama. O rei ordenou que trouxessem água e comida, enquanto cobria-o com um manto dourado.

— Nobre animal, fizeste de seu corpo ponte para todos os macacos serem salvos. O que eles são para ti, e o que tu é para eles?

— Senhor, eu sou o seu guarda. Eu sou o seu líder. Tudo o que faço é para o bem deles e o que fiz agora não foi diferente. Eu garanti o bem estar de todos aqueles que eu governo. Por isso, eu não temo a morte.

Após dizer essas palavras, o rei dos macacos fechou os olhos e deixou de respirar, destinando-se ao fruto de suas ações. Brahmadata, então, ordenou que os soldados carregassem o corpo de volta à capital e fizessem um velório real, com todas as honras dignas de um rei. Ao final, ele mandou construir um

monumento no local do velório, onde fazia oferendas de flores e incensos diariamente. As cinzas do rei dos macacos foram depositadas em uma urna de ouro decorada com várias pedras preciosas. Em seguida, ela foi colocada no topo do portal da capital para lembrar a todos da virtude do nobre animal. Inspirado pelo seu exemplo, Brahmadata governou o povo com grande generosidade, devoção e justiça, destinando-se a um lugar melhor após a morte.

35. O Rugido do Leão de Sáriputra

Em uma ocasião, um certo monge acusou o venerável Sáriputra³⁴ de tê-lo esbarrado e partido sem pedir desculpas. Em seguida, ambos os monges foram chamados à presença do Bhagavam Buda. Então, o Bhagavam se dirigiu ao venerável Sáriputra dizendo o seguinte:

— *Sáriputra, um companheiro de vida monástica o acusou da seguinte maneira: “Mestre, o venerável Sáriputra esbarrou em mim e partiu sem pedir desculpas.”*

— Mestre, quem não possui lucidez do corpo pode até esbarrar em alguém e partir sem pedir desculpas. Mas, mestre, assim como são jogadas na terra coisas puras e impuras, são jogadas na terra fezes e urina, são jogadas na terra cuspe, pus e sangue e, no entanto, a terra não sente-se oprimida, envergonhada e horrorizada; da mesma maneira, mestre, eu vivo com um coração igual a terra, um coração enorme, grandioso, imensurável, sem inimizade e sem hostilidade (inofensivo e amigável).

Mestre, assim como a água lava coisas puras e impuras, a água lava fezes e urina, a água lava cuspe, pus e sangue e,

34. **Venerável Sáriputra:** um dos discípulos chefes do Bhagavam Buda, reverenciado pelos budistas pela sua profunda sabedoria e humildade.

no entanto, a água não sente-se oprimida, envergonhada e horrorizada; da mesma maneira, mestre, eu vivo com um coração igual a água, um coração enorme, grandioso, imensurável, sem inimizade e sem hostilidade (inofensivo e amigável).

Mestre, assim como o fogo queima coisas puras e impuras, o fogo queima fezes e urina, o fogo queima cuspe, pus e sangue e, no entanto, o fogo não sente-se oprimido, envergonhado e horrorizado; da mesma maneira, mestre, eu vivo com um coração igual ao fogo, um coração enorme, grandioso, imensurável, sem inimizade e sem hostilidade (inofensivo e amigável).

Mestre, assim como o vento sopra em coisas puras e impuras, o vento sopra em fezes e urina, o vento sopra em cuspe, pus e sangue e, no entanto, o vento não sente-se oprimido, envergonhado e horrorizado; da mesma maneira, mestre, eu vivo com um coração igual ao vento, um coração enorme, grandioso, imensurável, sem inimizade e sem hostilidade (inofensivo e amigável).

Mestre, assim como um garoto ou garota marginalizada, vestindo trapos, entra em uma vila ou cidade com uma cesta nas mãos e um coração humilde, da mesma maneira, mestre, eu vivo com um coração igual ao garoto marginalizado, um coração enorme, grandioso, imensurável, sem inimizade e sem hostilidade (inofensivo e amigável).

Mestre, assim como um touro de chifres quebrados, dócil, bem domado e bem treinado, perambula de rua em rua, de praça em praça, sem machucar ninguém com seus chifres ou patas, da mesma maneira, mestre, eu vivo com um coração igual ao touro de chifres quebrados, um coração enorme, grandioso, imensurável, sem inimizade e sem hostilidade (inofensivo e amigável).



“Calma é a sua mente.
Calma fala e calmos atos.
Pelo correto saber, liberto.
Alguém em paz, assim, é um santo.”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Sem avidez, contente e simples.
Apague a raiva, seja bem manso.
Agente a dor sem pensar maldades,
lúcido, calmo e muito bondoso.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Violência: nunca! Inofensivo!
Jamais tomando o que é alheio.
'Dia da mentira', o que é pros outros
que apenas seja-lhe Abril, primeiro.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



**“Aquele que ataca seres
que desejam felicidade
também buscando ela pra si mesmo
não a ganhará do outro lado.”**



36. Conselhos ao Ráhula

Disse o Bhagavam Buda:

Ráhula³⁵, eu afirmo que não há maldade que uma pessoa não faria quando ela não tem vergonha de contar deliberadamente uma mentira. Portanto, Ráhula, treine da seguinte maneira: “Eu não contarei mentiras, nem mesmo de brincadeira.”

35. **Venerável Ráhula:** filho do Bodhisatva Gautama e Yasodhara. Embora tenha sido concebido antes da renúncia do Bhagavam Gautama, Ráhula nasceu depois de seu pai ter renunciado à vida mundana e se tornado um recluso. Após o Despertar do Bhagavam, ambos mãe e filho se tornaram, respectivamente, monja e monge na ordem monástica do Bhagavam e ambos realizaram o Despertar, tornando-se santos.

37. Com Abhaya

Disse o Bhagavam Buda ao príncipe Abhaya, filho do rei de Magadha:

- (1) *Príncipe, a fala que um Tathágata sabe ser falsa, incorreta, sem benefícios e que é detestável e desagradável para os outros, isso um Tathágata não fala.*
- (2) *Príncipe, a fala que um Tathágata sabe ser verdadeira, correta, sem benefícios e que é detestável e desagradável para os outros, isso um Tathágata não fala.*
- (3) *Príncipe, a fala que um Tathágata sabe ser verdadeira, correta, benéfica e que é detestável e desagradável para os outros, isso um Tathágata sabe o momento apropriado de falar.*
- (4) *Príncipe, a fala que um Tathágata sabe ser falsa, incorreta, sem benefícios e que é querida e agradável para os outros, isso um Tathágata não fala.*
- (5) *Príncipe, a fala que um Tathágata sabe ser verdadeira, correta, sem benefícios e que é querida e agradável para os outros, isso um Tathágata não fala.*
- (6) *Príncipe, a fala que um Tathágata sabe ser verdadeira, correta, benéfica e que é querida e agradável para os outros, isso um Tathágata sabe o momento apropriado de falar.*



“Em vila ou em floresta,
pertences dos outros rouba,
tomando o que não foi dado.
O vulgar, assim que se nota.

Um empréstimo obtido.
Quando cobrado, ele não retorna.
‘A você, eu não devo nada.’

O vulgar, assim que se nota.

Aquele que algo deseja
e outros em beco escuro aborda,
atacando e lhes roubando.

O vulgar, assim que se nota.

Por dinheiro ou por si mesmo
ou pelo outro, mentira conta
enquanto é interrogado.

O vulgar, assim que se nota.

Em ilusão, ali mergulhado
uma mentira aqui ele conta
na fissura, querendo algo.

O vulgar, assim que se nota.

Um mal, tendo ele feito,
'que não descubram,' ele deseja.
Suas ações, ele assim não mostra.
O vulgar, assim que se nota.”



38. Árvore Auspiciosa

Certa vez, o rei Pasênadi de Kôsala se encontrava aborrecido porque os monges partiam logo após receberem comida no palácio³⁶. Na presença do Bhagavam Buda, então, o rei perguntou-lhe:

36. O rei Pasênadi não servia aos monges pessoalmente com as suas próprias mãos, nem ao menos se fazia presente. Em vez disso, ele ordenava empregados do palácio para servi-los. Com o tempo, os monges pararam de ir ao palácio por conta disso. Surpreendeu o rei que os monges não ficassem para se deliciarem com o que, certamente, era a gastronomia mais refinada de todo o reino.

— Mestre, qual o melhor tipo de tempero?

— *O tempero da amizade, grande monarca. Mesmo arroz amargo doado com amizade tem doce sabor.*

— E por quem os monges são tratados como amigos?

— *Pelos membros do clã dos Sákya³⁷ e pelos membros de suas próprias famílias.*

O rei Pasênadi, então, imaginou que se ele casasse com uma mulher do clã dos Sákya, os monges teriam mais simpatia por ele. Logo ele mandaria uma mensagem para Kapilavastu, onde os Sákya, seus vassallos, residiam: “Escolham uma mulher de seu clã para ser a minha esposa. Eu gostaria de unir as nossas famílias.”

Quando os orgulhosos Sákya receberam a mensagem, eles convocaram uma reunião. “Nós somos vassallos do rei de Kôsala. Se negarmos o pedido, o rei terá raiva de nós. Por outro lado, é contra a nossa tradição casar nossas mulheres com homens de outros clãs. O que faremos?”

— Eu tenho uma filha, Vásabha-Kátiya, de dezesseis anos — disse Mahanáma. Ela é muito bela e está na idade para casar. Da minha parte, ela é Sákya, mas, sua mãe, Nágamunda, é uma serva. Nós podemos enviá-la, como uma mulher Sákya, de berço nobre, para o rei de Kôsala.

Os anciões concordaram e, logo em seguida, avisaram aos mensageiros do palácio que poderiam levá-la imediatamente. Já os mensageiros conversaram entre si: “Esses Sákya são terrivelmente orgulhosos, especialmente quando se trata de berço. Eles podem tentar oferecer uma mulher que não seja verdadeiramente de seu clã. Devemos ter certeza de que a moça é de berço nobre.” Então eles disseram aos anciões:

— Nós a levaremos após a refeição, quando confirmarmos que ela

37. Sákya: nome de um clã de governantes e guerreiros (os “kátias”, ver nota 36) no qual nasceu o Bhagavam Gautama.

senta e come convosco.

Quando os mensageiros se retiraram para as suas hospedagens, os anciões novamente se reuniram para resolver o novo dilema. Então, Mahanáma disse:

— Não se preocupem, eu tenho uma ideia. Durante a refeição, tragam Vásabha-Kátiya, impecavelmente vestida, para que sente comigo. Em seguida, assim que eu levar uma porção de comida para a boca, interrompam-me com uma mensagem urgente.

Os anciões, então, aceitaram o plano. Na mesa, Mahanáma, ordenou que trouxessem a sua filha para que comessem juntos. Em seguida, Vásabha-Kátiya, deslumbrantemente vestida, sentou-se ao seu lado e comeu a comida de seu prato. Assim que seu pai estava para colocar uma porção na boca, no entanto, ele foi interrompido:

— Senhor, recebemos uma mensagem urgente de um rei vizinho. Queira nos desculpar, o senhor precisa recebê-la imediatamente.

— Continue a refeição, querida — disse Mahanáma.

Sua filha, então, continuou comendo e, logo em seguida, Mahanáma lavou as mãos e a boca. Os mensageiros não perceberam que a refeição foi um ardil e se convenceram de que a moça era nobre.

Com grande pompa, então, ela foi enviada para Sávati. Ao chegarem, os mensageiros convenceram o rei de que ela era uma nobre Sákyá. Empolgado, o rei ordenou que toda a cidade fosse decorada para o casamento. Pouco tempo depois, Vásabha-Kátiya se tornou a rainha. Muito amada pelo rei, cedo ela engravidou e teve um filho, chamado Vidúdabha.

Anos depois, quando o príncipe tinha sete anos, ele questionou a sua mãe: “Todos os outros príncipes recebem presentes da família de suas mães. Seus avós estão sempre doando todo tipo de brinquedo. Mas eu nunca recebi nada de seus pais. Eles estão

vivos?”

— Filho querido, meus pais vivem muito longe, é por isso que não te mandam presentes.

Quando Vidúdhabha fez dezesseis, ele disse: “Mãe, quero conhecer a sua família”. A rainha tentou dissuadi-lo, mas o príncipe insistia e, finalmente, ela aceitou. Então, com a permissão de seu pai, ele preparou-se para viajar para Kapilavastu. Antes que ele partisse, no entanto, a rainha enviou uma mensagem para Mahanâma: “Estou feliz vivendo aqui. Não permitam que meu filho descubra o segredo.”

Assim que os Sákyas receberam a mensagem de que Vidúdhabha estava a caminho, eles se viram diante de mais um dilema: “É impossível recebê-lo com honras!” Então, os mais velhos mandaram os mais novos para outras regiões vizinhas. Assim que o príncipe chegou, ele foi apresentado a cada membro da família, incluindo seus tios e avós. Tantas foram as pessoas apresentadas que as suas costas doíam de tanto se curvar. Porém, como todos eram mais velhos do que o príncipe, ninguém curvou-se a ele.

— Por que ninguém presta-me reverência? — perguntou o príncipe.

— Meu jovem, todos os rapazes estão ausentes em terras vizinhas.

Com essa explicação e com todo o entretenimento que os Sákyas lhe ofereceram, o príncipe deixou a questão de lado.

Após alguns dias, o príncipe e sua comitiva se preparavam para partir. Assim que iniciaram a jornada, uma empregada limpava as cadeiras do salão e, enquanto derramava leite na cadeira em que o príncipe sentava, murmurou com desdém: “Eis a cadeira em que sentava o filho de Vásabha-Kátiya, a garota escrava.”

— O que você quer dizer com isso? — perguntou um jovem, membro da comitiva do príncipe, que havia esquecido sua lança e retornara para pegá-la.

Momentos depois, a história de que Vásabha-Kátiya era filha de Mahanáma com uma escrava se espalhou entre os soldados da comitiva e um grande escândalo eclodiu. Quando Vidúdabha ouviu os rumores, pensou friamente: “Que derramem leite na cadeira em que eu sentava. Quando eu for rei, limparei todo esse lugar com o sangue dos Sákyas.”

Assim que o príncipe chegou em Sávati, a notícia chegou ao rei de Kôsala. Enfurecido com os Sákyas, ele retirou o título de Vásabha-Kátiya e de Vidúdabha, permitindo-os apenas àquilo que os servos no palácio são permitidos.

Dias depois, quando o Bhagavam Buda visitou o palácio, o rei prestou-lhe reverência, sentou-se respeitosamente em um canto e disse:

— Mestre, eu fui informado que os membros do clã do mestre me ofereceram a filha de uma serva em casamento. Com tamanho insulto, eu retirei os títulos da rainha e do príncipe e permiti-lhes apenas o que permito aos servos.

— *Grande monarca, o que os Sákyas fizeram é errado. No entanto, eu afirmo isto: Vásabha-Kátiya é filha de um nobre. Vidúdabha também é filho de um nobre rei. Antigos sábios reconheciam isso.*

Ao ouvir as palavras do Bhagavam, o rei Pasênadi acalmou-se e, reconhecendo a nobreza da rainha e de seu filho, restituiu-lhes os títulos.

Bandhula

Nesta mesma época, o comandante militar do rei era um mallaense chamado Bandhula. Sua esposa, Mállika, acreditava-se infértil, e ele a mandara viver com sua família. “Eu irei”, disse ela, “assim que tiver prestado respeito ao Bhagavam.” No parque Jeta, certo dia, ela foi ao seu encontro.

— *Para onde estais indo?* — *perguntou o Bhagavam.*

– Meu marido disse-me para morar com minha família. Não tenho filhos, mestre. Acredito que sou infértil.

– *Não há motivo para a esposa ir embora.*

Mállika alegrou-se ao ouvir isso. Ela fez uma reverência ao Bhagavam e voltou para casa. Quando o seu marido a perguntou por que ela teria voltado, ela explicou-lhe o que o Buda disse. “Muito bem, deve haver alguma razão para ele ter dito isso.” Logo em seguida, Mállika engravidou. Durante a gravidez, ela teve desejos intensos e, certo dia, ela disse:

– Marido, eu quero tomar banho e beber a água do tanque em Vêsalí, a água sagrada que os licchavis³⁸ usam para batizar os seus reis.

Bandhula prometeu satisfazer o desejo de sua esposa. Pegando o seu poderoso arco e flechas, ele colocou a sua esposa na carroça e saiu de Sávati em direção à Vêsalí. Perto do portão da cidade de Vêsalí vivia um licchavi cego chamado Maháli que havia sido educado junto com Bandhula pelo mesmo tutor durante a juventude. Quando Maháli ouviu a carroça passando pelo portão, ele murmurou: “Este é o som da carroça de Bandhula, o Mallaense. Hoje, os licchavis estão em perigo!”

Ao chegarem no tanque, Bandhula colocou os guardas para correr com a sua espada. Em seguida, ele tirou a sua esposa da carroça e a levou para banhar e beber nas águas do tanque. Quando ela sentiu-se satisfeita, ele a carregou de volta para a carroça e eles partiram para Sávati.

Enquanto isso, os guardas informaram o ocorrido aos príncipes locais, que, furiosos, reuniram vários soldados armados e, dirigindo carroças de guerra, saíram em busca de Bandhula.

38. **Licchavis:** poderosa tribo de kátias (ver nota 38), eles eram guerreiros austeros que faziam parte da confederação Vajja e sua capital era Vêsalí. Seu sistema de governo era republicano e, certa vez, o Bhagavam Buda inspirou os monges a fazerem assembleias seguindo o modelo ensinado aos licchavis (ver [texto 51](#)).

Quando eles chegaram no portão da cidade, Maháli, amedrontado, os alertou:

— Desistam! Retornem! Ele matará todos vocês!

— Bobagem – respondeu um príncipe. — Iremos de qualquer maneira!

Assim, os príncipes e soldados partiram em perseguição. Nenhum deles, no entanto, sobreviveu ao confronto. Bandhula e sua esposa retornaram para Sávati e, em seguida, ela deu à luz a gêmeos. Tempos depois disso, ela engravidou muitas vezes mais, tendo trinta e dois filhos. Cada um deles cresceu e se tornou um grande guerreiro.

Certo dia, um cidadão que foi acusado falsamente e perdeu o caso diante do tribunal apelou para Bandhula, implorando-lhe justiça, acusando os juízes de terem sido subornados. Bandhula se dirigiu ao tribunal, reabriu o caso e o resolveu de forma justa. Muitas pessoas presentes aplaudiram a habilidade e justiça do julgamento de Bandhula.

Quando o rei Pasênadi ouviu sobre isso, ficou muito feliz. Ele demitiu os juízes corruptos e instalou Bandhula no tribunal. A partir de então, os casos passaram a ser julgados com bastante justiça.

Os juízes antigos, privados do lucro dos subornos, não ficaram nada felizes com isso. Eles passaram a difamar Bandhula e insinuar que este estaria planejando tomar o trono para si. Com o tempo, as suspeitas começaram a crescer no rei. “Que farei? Se Bandhula morrer aqui, eu serei culpado.”

Pasênadi, então, pagou alguns homens para criar uma confusão na fronteira e, em seguida, ordenou que Bandhula fosse lá resolver o problema. “Rebeldes na fronteira estão criando tumulto. Vá com os seus filhos e reestabeleça a ordem no local!”

Quando souberam que Bandhula e seus filhos estavam a caminho,

os homens pagos pelo rei criaram uma emboscada e os mataram.

Nesse dia, Málrika havia convidado os dois discípulos chefes do Bhagavam Buda para a refeição, junto com mais quinhentos monges. Pouco antes de servi-los, ela recebeu uma carta informando que o seu marido e os seus filhos estavam todos mortos. Após ler a carta, sem falar nada, ela a dobrou e guardou em seu vestido. Então, enquanto serviam comida aos monges, um empregado deixou cair e quebrar um vaso contendo manteiga.

— É da natureza dos vasos se quebrarem — disse o venerável Sáriputra. Não vos perturbeis com isso, senhora.

Ao ouvir essas palavras, Málrika retirou a carta do vestido e contemplou-a por alguns segundos. Em seguida, ela disse reverentemente: “Venerável, o vaso quebrado certamente não me perturba.”

Então, o venerável Sáriputra recitou os seguintes versos:

“Imprevisível e misteriosa
do mortal, é a sua vida.
Bem curta e conturbada,
com sofrimento ela é unida.

Certamente que não há meio
de não morrer, tendo-se nascido.
Os idosos também falecem,
é a natureza dos seres vivos.

Assim como a fruta madura
constantemente cair arrisca,
também o mortal que nasce
constantemente morrer arrisca.

Um artesão faz jarros de barro.
Todos, porém, acabam quebrados.
Da mesma forma, termina a vida
dos seres vivos mortais que nascem.

Tanto o jovem quanto o velho,
tanto o sábio quanto o tolo,
todos caem no poder da morte.
Eis o destino final de todos.

Assim levados pela morte,
quando chegam ao outro mundo
salvar o filho, o pai não pode,
nem os parentes, ninguém socorre.

Veja a família angustiando,
lamentando e falando muito.
Cada mortal como uma vaca
pro matadouro, sendo levada.

Assim o mundo é tomado
pela velhice e pela morte.
Portanto os sábios não lamentam
sabendo como o mundo se move.

Desconhecendo aquele caminho
por onde chega ou pra onde parte,
sem ver as duas extremidades
se chora, então, sem necessidade.

Se lamentando fosse possível
obter algum benefício
transtornado e machucado
é o que também faria um sábio.

Nem chorando nem lamentando
a nossa mente é pacificada.
O sofrimento, assim, aumenta
e o corpo é injuriado.

Magro e pálido, vai se tornando
a si mesmo, se maltratando
e o falecido não é protegido.
Lamentar, então, não faz sentido!

Sem deixar a sua tristeza
o sofrimento intensifica.
Pelo morto, ainda chorando
a tristeza, assim, o domina.

Veja os outros perambulando.
Pelo seu karma³⁹, um povo migrando.
Dominados, são pela morte
aqui tremendo e se agitando.

Quando eles concebem algo,
o que concebem não é o mesmo.
Assim, vivendo privados,
veja o mundo e seu movimento!

Mesmo um jovem podendo
viver cem anos ou mais que isso
da família ele se separa
assim que a vida dele termina.

Portanto, ouvindo o Santo
afaste esse seu lamento.
Vendo o morto que bate as botas:
“O que fazer? Poder eu não tenho!”

Como com água, o incêndio se apaga,
um sábio hábil, da mesma forma
rapidamente a tristeza afasta
como algodão ao vento que sopra.

A sua súplica e o seu lamento
e o mal-estar dentro de seu peito,
querendo a sua felicidade,
o seu próprio anzol deve removê-lo.

39. **Karma:** literalmente, a palavra significa “ação”. Mais do que qualquer ação, como piscar os olhos ou flexionar os dedos, karma é a ação investida de valor moral e ético (como roubar ou evitar roubar). Por vezes, a palavra “karma” também se refere aos frutos do karma: a felicidade ou o sofrimento futuros que resultam das ações morais e éticas que fazemos.

O anzol, tendo-o removido,
independente, pacificado,
toda tristeza foi superada.
Inafrito, fogo apagado.”

Após os monges terem se retirado, Málrika reuniu todas as esposas de seus filhos falecidos em sua casa e deu-lhes a notícia.

— Nascer significa morrer, não percam a cabeça e não façam nada de errado. Não tenham raiva, não sejam piores do que o rei.

Os espões do rei escutaram o seu discurso e informaram ao rei Pasênadi. Mortificado com o que ouviu, o rei se dirigiu à casa de Málrika e implorou a todas as viúvas ali por perdão. Por fim, ele ofereceu a elas bençãos e mercês. E elas graciosamente aceitaram.

Após os funerais, Málrika banhou-se e foi ao palácio ver o rei.

— Vossa majestade nos ofereceu mercês. A única mercê que desejo é permissão para que eu e as minhas noras voltemos para nossas famílias.

Homenagens

Obtendo o consentimento do rei, as mulheres retornaram, cada uma, para a sua respectiva terra natal. Em seguida, o rei Pasênadi deu o posto de comandante para Dighakarayana, filho da irmã de Bandhula. O jovem, no entanto, não sentia-se nem um pouco fiel a ele. “O rei matou meu tio”, pensava, silenciosamente.

Com o passar do tempo, o remorso do rei Pasênadi pelo assassinato em massa não diminuiu. Ele não tinha paz e vivia deprimido. Certo dia⁴⁰, andando pelo parque onde havia pouco ruído, poucas vozes, Pasênadi contemplava as árvores serenas e inspiradoras, longe do povo, onde as pessoas não perturbam, um

40. A parte da história à seguir é o discurso chamado *Dhammacetiya sutta* (MN 89).

lugar apropriado para o recolhimento. Ali ele recordou-se do Bhagavam: “Essas árvores são serenas e inspiradoras, aqui há pouco ruído, poucas vozes, é um lugar longe do povo, onde as pessoas não perturbam, um lugar apropriado para o recolhimento. Um lugar tal como os lugares onde o Bhagavam vivia, onde eu costumava visitá-lo para prestar-lhe respeito.” Então, ele perguntou para Dighakarayana:

— Onde o Bhagavam, o Buda, está vivendo no momento?

— Majestade, há esta cidade dos Sákya chamada Medalupa. O Bhagavam está morando nela.

Pasênadi então partiu com uma comitiva para Medalupa. Ao chegarem no parque onde o Bhagavam estava, o rei entregou à Dighakarayana as insígnias da realeza e dirigiu-se à cabana do Bhagavam enquanto todos esperavam do lado de fora.

Pasênadi, então, curvou-se diante do Bhagavam e, beijando-lhe os pés, repetia: “Mestre, eu sou o rei de Kôsala! Mestre, eu sou o rei de Kôsala!”

— *Grande monarca, por que motivo demonstraís suprema devoção a este corpo, manifestando tamanho gesto de amizade?*

— Mestre, de acordo com o Dharma, eu infiro o seguinte sobre o Bhagavam: “O Bhagavam é genuinamente desperto, bem proclamada é a doutrina do Bhagavam, os seguidores do Bhagavam seguem a prática boa.”

Mestre, eu vejo reclusos e brâmanes levando a vida espiritual apenas por um curto período: dez, vinte, trinta ou quarenta anos. Tempos depois, eu os vejo bem cuidados, de cabelos bem cortados e barba feita, curtindo os cinco prazeres sensuais mundanos. Mas aqui eu vejo os monges seguindo a mais perfeita e pura vida espiritual até o seu último suspiro. Eu não vejo em nenhum outro lugar uma vida espiritual tão perfeita e pura. É por isso que, de

acordo com o Dharma, eu infiro o seguinte sobre o Bhagavam: ‘O Bhagavam é genuinamente desperto, bem proclamada é a doutrina do Bhagavam, os seguidores do Bhagavam seguem a prática boa.’

Ainda, mestre, reis lutam contra reis, governantes contra governantes, brâmanes contra brâmanes, donos de casa contra donos de casa. Mães contra filhos, filhos contra mães, pais contra filhos, filhos contra pais. Irmãos contra irmãos, irmãos contra irmãs, irmãs contra irmãos e amigos contra amigos. Mas aqui eu vejo os monges vivendo em harmonia, com apreciação mútua, sem brigas, misturando-se como água e leite e tratando-se com um olhar gentil. Eu não vejo em nenhum outro lugar uma comunidade tão harmoniosa. É por isso que, de acordo com o Dharma, eu infiro o seguinte sobre o Bhagavam: ‘O Bhagavam é genuinamente desperto, bem proclamada é a doutrina do Bhagavam, os seguidores do Bhagavam seguem a prática boa.’

Ainda, mestre, eu tenho andado de eremitério em eremitério, de parque em parque. E eu tenho visto reclusos e brâmanes pálidos, com os corpos emaciados, difíceis de olhar. E o seguinte tem me ocorrido: ‘Certamente estes veneráveis levam a vida espiritual insatisfeitos, ou estão escondendo alguma maldade que fizeram. Por isso que estão tão pálidos e com os corpos emaciados, difíceis de olhar’. Então, eu me dirijo até eles e pergunto por que eles estão assim, e eles respondem: ‘É doença da nossa família, majestade’. Mas aqui eu vejo os monges sempre sorrindo e alegres, obviamente felizes, com bom humor, vivendo relaxados, desestressados, sobrevivendo apenas do que lhes doam, seus corações livres como um cervo selvagem. E me ocorre o seguinte: ‘certamente estes veneráveis estão realizando, progressivamente, graus mais sublimes nos

ensinamentos do Bhagavam Buda'. É por isso que, de acordo com o Dharma, eu infiro o seguinte sobre o Bhagavam: 'O Bhagavam é genuinamente desperto, bem proclamada é a doutrina do Bhagavam, os seguidores do Bhagavam seguem a prática boa.'

Ainda, mestre, como um rei governante, eu tenho o poder de executar, multar e banir aqueles que são culpados. E, mesmo assim, enquanto eu estou julgando um caso, as pessoas me interrompem e eu não consigo fazer com que elas parem de me interromper e esperem que eu termine de falar. Mas aqui, enquanto o Bhagavam está ensinando uma assembleia de muitas centenas de pessoas, não se ouve sequer barulho de seus discípulos tossindo. Certa vez, um de seus discípulos limpou a garganta e um de seus companheiros lhe cutucou o joelho, como quem diz: 'Silêncio, venerável, não faça barulho! Nosso mestre, o Bhagavam, está ensinando!' Então, ocorreu-me o seguinte: 'Mas que espantoso, mas que incrível! Como uma assembleia pode ser tão bem disciplinada sem o uso de varas e espadas!' Eu não vejo em nenhum outro lugar uma assembleia tão bem treinada. É por isso que, de acordo com o Dharma, eu infiro o seguinte sobre o Bhagavam: 'O Bhagavam é genuinamente desperto, bem proclamada é a doutrina do Bhagavam, os seguidores do Bhagavam seguem a prática boa.'

Ainda, mestre, eu vejo reclusos sagazes, eruditos nas várias filosofias, intelectualmente afiados, e eles andam por aí demolindo as crenças dos outros com a sua esperteza. E quando ouvem que o Bhagavam está chegando em certa cidade, eles pensam assim: 'Nós iremos ao recluso Gautama e faremos esta pergunta. Se perguntarmos assim, ele responderá assado. E, então, nós o refutaremos desta maneira'. E quando eles se dirigem ao

Bhagavam, este os instrui, os encoraja e os eleva com um sermão do Dharma. Ao final, eles sequer fazem as perguntas que planejaram, como poderiam então refutá-lo? Na verdade, eles pedem ao Bhagavam para serem ordenados monges! [...] É por isso que, de acordo com o Dharma, eu infiro o seguinte sobre o Bhagavam: ‘O Bhagavam é genuinamente desperto, bem proclamada é a doutrina do Bhagavam, os seguidores do Bhagavam seguem a prática boa.’

Ainda, o Bhagavam é um kátia⁴¹, e eu também sou um kátia. O Bhagavam é kosalense, e eu também sou kosalense. O Bhagavam tem oitenta anos, e eu também tenho oitenta anos. Sendo assim, é apropriado mostrar suprema devoção, manifestando tamanho gesto de amizade. E agora, mestre, nós partiremos, pois temos muitos afazeres a cumprir.

— *Que o grande monarca sinta-se à vontade para fazer o que ele deseja.*

O rei, então, levantou-se de seu assento, prestou reverência ao Bhagavam Buda e, mantendo-o à direita⁴², retirou-se.

Tragédias Humanas

Do lado de fora, o rei descobriu que foi abandonado pela sua comitiva. Havia apenas um servo e um cavalo esperando por ele. Esse servo explicou-lhe que Dighakarayana retornou com os soldados para a capital com as insígnias reais, com as quais ele nomeou Vidúdabha o novo rei de Kôsala. Cavalgando de madrugada

41. Kátia: nome dado à classe ou casta de governantes guerreiros na Índia.

42. Na Índia antiga, era costume demonstrar respeito mantendo a pessoa estimada à direita. Até hoje, na comunidade monástica budista, os monges descobrem o ombro direito como um gesto de respeito e reverência.

em direção à Rájagaha para buscar auxílio de seu sobrinho, o rei Ajátasattu, Pasênadi encontrou os portões da capital fechados. Exausto, ele deitou-se ali mesmo para descansar. E, antes do nascer do sol, o rei Pasênadi já não mais respirava. Seu servo, então, explicou tudo ao rei Ajátasattu naquela manhã, e este preparou com grande devoção o funeral de seu tio.

O rei Vidúdhabha, agora bem estabelecido em seu trono, lembrou-se de seu rancor contra os Sákya e resolveu cumprir o seu voto de destruí-los, partindo com um grande exército em direção à Kapilavastu. Ao chegarem na fronteira de Kôsala, perto da cidade dos Sákya, o rei avistou alguém sentado embaixo de uma árvore magrinha que havia ao lado de uma enorme figueira. Chegando mais perto, Vidúdhabha reconheceu o homem: era o Bhagavam Buda. Deixando a sua espada e se dirigindo a ele a pé, o rei curvou-se e disse:

— Mestre, por que sentas embaixo de uma árvore tão magra neste dia tão quente? Por favor, sente-se sob esta figueira, onde é muito mais refrescante!

— *Deixeis estar, grande monarca. A sombra da minha família me refresca.*

“O Buda veio proteger seu clã”, pensou o rei. Vidúdhabha, então, fez-lhe uma reverência e, desistindo de lutar, retornou com os seus soldados para Sávati. Pouco tempo depois, ele reuniu novamente os soldados e partiu para Kapilavastu. E novamente, tendo visto o Bhagavam Buda sentado sob a mesma árvore, ele desistiu e retornou. Na terceira vez, o mesmo aconteceu. Mas na quarta vez em que Vidúdhabha se lembrou da humilhação que sofreu e partiu para Kapilavastu para cumprir a sua vingança, o Bhagavam Buda não estava mais lá.

“Os seres são donos de suas próprias ações, são herdeiros de suas próprias ações, eles nascem de suas próprias ações, são descendentes de suas próprias ações e têm as suas

*próprias ações como refúgio. Das ações que eles fazem,
sejam belas ou más, eles se tornam herdeiros.”*

Determinado a se vingar, o rei Vidúdhabha invadiu Kapilavastu e os Sákya o enfrentaram em batalha. Porém, sem querer fazer mal aos seus invasores, muitos Sákya lançaram flechas com o propósito de errar os alvos⁴³. Ao notar isso, Vidúdabha ordenou aos seus soldados que deixassem Mahanáma e os seus seguidores viverem. O restante dos Sákya, incluindo mulheres e crianças, não foram poupados. Ao fim do massacre, Mahanáma, seus seguidores e alguns poucos Sákya foram os únicos que sobreviveram.



“O medo nasce das mãos armadas.
Veja-os imersos em ameaças.
Dessa maneira eu fui movido.
Minha comoção, aqui, é narrada.

Vendo o povo se agitando.
Peixes na terra se debatendo.
Um contra o outro, se destruindo.
Em meio a isso, me vi tremendo.

Não há essência em todo esse mundo.
Em todo lado há um tumulto.
Desejando pra mim um canto
eu não vi livre nenhum reduto.

Brutalidade é o resultado.
Ao final, me vi desolado.
E no coração, eis que eu percebo
preso um anzol – difícil notá-lo.

43. Muitos Sákya eram devotos aos ensinamentos do Bhagavam, pessoas nobres que observavam o preceito de não matar, mesmo diante de ameaças mortais.

Quem pelo anzol é agarrado
pra todo canto é arrastado.
Mas aquele a arrancá-lo
nem mais corre nem é afogado.”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Violência: nunca! Inofensivo!
Jamais tomando o que é alheio.
‘Dia da mentira,’ o que é pros outros
que apenas seja-lhe Abril, primeiro.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Caso o acusem de mal não feito
não contra-acuse; esclareça os fatos.
Busque lugar seguro, em perigo.
E, mesmo a salvo, nunca retalhe.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



“Em meio à ventania
a rocha sólida não desloca.
Quando acusado ou elogiado,
o sábio, da mesma forma.”



39. O Melhor Caminho

Em Sávati, havia um jovem seguidor do Bhagavam, inteligente e dedicado que rapidamente subiu nos cargos da corte. Por causa de seu conhecimento e habilidade em diversos campos, o rei conferia a ele grandes honras. Com o tempo, no entanto, algumas pessoas na corte passaram a sentir ciúmes. Alguns começaram a espalhar boatos sobre o jovem e o rei começou a acreditar neles. Sem investigar o caso, o jovem foi cruelmente amarrado e preso. As acusações eram tão graves que ele foi colocado em uma cela solitária. Em vez de se indignar, resistir e se desesperar, o jovem repetia a sua explicação dos fatos, reafirmava a sua inocência e mantinha paz em sua consciência.

Com essa paz, o jovem aproveitou o tempo na cela para meditar seguindo as instruções do Bhagavam e, em pouco tempo, os seus olhos se abriram: ele entendeu as verdadeiras causas do sofrimento. Tempos depois, o rei se convenceu da inocência do

rapaz e ordenou que fosse solto, além de reinstalá-lo em seu cargo antigo e oferecer-lhe ainda mais honras que antes.

Assim que o jovem saiu do palácio, carregando algumas flores e incensos nas mãos, ele foi à presença do Bhagavam Buda, no parque Jeta, prestar-lhe respeitos:

— *Ouvimos dizer que algo ruim vos teria acontecido, jovem.*

— É verdade, mestre. Mas aproveitei o tempo para meditar na prisão, e isso foi muito frutífero.

— *Muito bem, amigo. Há muito tempo atrás, um sábio também aproveitou as circunstâncias ruins de maneira proveitosa.*

Então, o Bhagavam Buda contou a seguinte história:

Há muito tempo atrás, quando Brahmadatta reinava em Báranasi, o Bodhisatva nasceu da rainha. Seu nome era Kamsa. Ele foi educado em Takkasilá e, quando o seu pai faleceu, ele se tornou o rei. Ele governava sabiamente, observava os dez preceitos dos reis, fazia doações, preservava a sua virtude e observava os dias de Vigília.

Certo dia, um homem da corte se envolveu com uma das esposas do rei. Alguns servos notaram o acontecido e informaram Kamsa imediatamente. Ao investigar o caso e descobrir que, de fato, a acusação era verdadeira, o rei banuiu o homem do reino.

Numa região vizinha, esse homem passou a trabalhar na corte do rei local e rapidamente se tornou um dos conselheiros, ganhando a sua confiança. Um dia, ele teria lhe dito:

— Majestade, o reino de Kási é rico. Poderíamos facilmente derrotar o rei Kamsa em uma batalha.

Com o tempo, o rei deixou-se convencer e preparou seu exército para a guerra. Quando o rei de Kamsa descobriu

que o exército vizinho estava marchando em direção à capital, ele proibiu os seus generais de lutar:

— Eu não quero manter um reino à custa de sangue. Não luteis! Fazei nada!

Pouco tempo depois, o exército vizinho havia cercado a capital. Os generais se dirigiram ao rei Kamsa, implorando para defender o reino com o seu poderosíssimo exército.

— Eu não lutarei. Ordeno que os portões sejam abertos.

O exército inimigo, então, dominou toda a capital facilmente, sem encontrar nenhuma resistência. Ao invadir o palácio, enquanto subiam as escadas, encontraram o rei sentado em seu trono, cercado pela sua corte. O rei invasor ordenou que prendessem e jogassem o rei Kamsa e os seus ministros na prisão. Kamsa olhou para os seus generais, ministros e súditos da corte, e todos aceitaram a ordem silenciosa de não resistir. Mansamente eles ofereceram as mãos para serem amarradas. Após todos terem sido presos, o rei invasor sentou-se no trono e declarou-se novo rei de Kási.

Na escuridão de sua cela, o rei Kamsa passou a meditar e cultivar bondade assiduamente. Em pouco tempo, ele alcançou os *jhânas*⁴⁴. Sua concentração se tornou extremamente poderosa. Ao mesmo tempo, o rei invasor começou a sentir grande aflição. Sentado no trono de Kási, ele sentiu o seu corpo queimando. Cercado por seus conselheiros e médicos, um deles teria dito:

44. **Jhânas:** estados de meditação profundos associados à qualidades exclusivamente boas do coração, distantes dos desejos e prazeres mundanos (associados aos cinco sentidos) e distantes das demais experiências ruins (como irritações, injúrias, frustrações e incômodos). São experiências suaves, de profunda felicidade, silêncio e paz, que transcendem o mundo, associadas à qualidades divinas e inocentes como a bondade, a compaixão, a alegria e a equanimidade.

— Certamente isso é resultado de ter jogado um rei justo na prisão.

Agonizando, ele ordenou a soltura de Kamsa e implorou-lhe para que o perdoasse. Tendo obtido o perdão, ele reinstalou Kamsa como o rei de Kási e disse:

— Que, de agora em diante, sejamos amigos. Com devoção, eu protegerei Kási dos vossos inimigos. Majestade, enquanto eu viver não tereis que se preocupar com ameaças.

Em seguida, tendo entendido a natureza malvada de seu conselheiro, o rei vizinho ordenou que este fosse punido e, mais uma vez, banido. Quando os invasores se retiraram de Kási, o rei Kamsa aconselhou à sua corte:

— O melhor caminho é sempre o da virtude e da ação correta. Ao tratar meus inimigos com bondade, eu evitei que o sangue de milhares de pessoas fosse derramado em batalha. Ao estender bondade a todos, não só ganhei um amigo e aliado, mas me direcionei rumo ao céu, ao paraíso.

Anos depois, Kamsa renunciou ao trono, vestiu um manto e partiu para as montanhas onde viveu como um recluso dedicado à meditação da bondade. Após a sua morte, ele renasceu no reino de Brâma.

40. Sundari

Assim ouvi. Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia em Sávati, no parque Jeta, no jardim do Caridoso, ele era respeitado, reverenciado, estimado e honrado. E ele recebia mantos, alimentos, abrigos e medicamentos. E os monges da Sangha⁴⁵

45. **Sangha**: a comunidade monástica de monges e monjas budistas. Esse termo também é usado, especialmente, para se referir aos discípulos – leigos ou

também eram respeitados, reverenciados, estimados e honrados. E eles recebiam mantos, alimentos, abrigos e medicamentos. Mas os reclusos das outras religiões não eram respeitados, reverenciados, estimados e honrados. E eles não recebiam mantos, alimentos, abrigos e medicamentos.

Então, esses outros reclusos, não aguentando mais o respeito prestado ao Bhagavam e aos seus monges, se dirigiram a reclusa Sundari e disseram-lhe o seguinte:

— Irmã, você está disposta a fazer algo pelo bem de seus semelhantes?

— Ora, o que eu não faria? Eu daria a minha vida pelo bem dos meus semelhantes! O que os veneráveis querem que eu faça?

— Nesse caso, irmã, visite frequentemente o parque Jeta.

— Pois não, veneráveis.

E a reclusa Sundari passou a visitar frequentemente o parque Jeta. Quando os reclusos souberam que Sundari estava visitando frequentemente o parque Jeta, eles a mataram e jogaram o seu corpo em uma vala no próprio parque. Em seguida, eles se dirigiram ao rei Pasênadi de Kôsala e disseram o seguinte:

— Grande monarca, nós não sabemos o paradeiro da reclusa Sundari.

— Mas onde suspeitais que ela está?

— No parque Jeta, grande monarca.

— Nesse caso, faizei uma busca no parque Jeta.

Então, durante a busca no parque Jeta, os reclusos das outras religiões retiraram o corpo de Sundari da vala e a deitaram em

monásticos – que obtiveram profundas e irreversíveis realizações espirituais, um grau profundo e genuíno de maturidade espiritual e nobreza de caráter. No Budismo, eles são chamados de Nobres Discípulos (*ariya sāvakā*) e a Comunidade de Nobres Discípulos, chamada de Nobre Sangha (*ariya saṅgha*), é um dos três refúgios dos budistas (ver nota 19).

uma maca. Ao entrar em Sávati, eles foram de rua em rua, de praça em praça fazendo estardalhaço para as pessoas:

— Vejam como agem os seguidores do Sákya! Sem vergonhas, esses reclusos seguidores do Sákya, imorais, malvados, mentirosos, falsos santos! Naturalmente, eles se clamam legítimos, corretos, santos, verdadeiros, virtuosos e de admirável caráter! Mas neles não há reclusão, neles não há santidade! Neles a reclusão foi perdida, neles a pureza espiritual foi perdida! Cadê a reclusão deles? Cadê a santidade deles? A reclusão deles sumiu, a santidade deles sumiu! Como pode um homem fazer a tarefa de macho e, em seguida, tirar a vida da mulher?

Nessa ocasião, quando as pessoas de Sávati viam os monges, elas gritavam, criticavam, insultavam e maltratavam eles com vulgaridades e grosserias:

— Sem-vergonhas, esses reclusos seguidores do Sákya, imorais, malvados, mentirosos, falsos santos!

Então, antes do amanhecer, vários monges pegaram as suas tigelas e mantos e entraram em Sávati para receber doação de comida. Após retornarem, tendo se alimentado, eles se dirigiram ao Bhagavam e lhe explicaram o ocorrido.

— *Monges, esse barulho não vai durar muito. De fato, só durará por sete dias. Após sete dias, ele terminará. Nesse caso, monges, quando as pessoas de Sávati os virem e gritarem, quando elas criticarem, insultarem e maltratarem vocês com vulgaridades e grosserias, respondam com os seguintes versos:*

*“O papeiro vai pro inferno.
E quem fez e fala: ‘eu não fiz isso’.
Iguais, os dois no além se tornam
tendo feito karma horrível.”*

Tendo memorizado esses versos, quando as pessoas de Sávati viam os monges e gritavam, criticavam, insultavam e

maltratavam eles com vulgaridades e grosserias, eles respondiam com os versos. E, assim, as pessoas passaram a pensar o seguinte: “Os reclusos seguidores do Sákya são inocentes! Isso não foi feito por eles, eles falam a verdade!”

E o barulho não durou muito. De fato, só durou por sete dias. Após sete dias, ele terminou.

Então, vários monges se dirigiram ao Bhagavam, fizeram-lhe uma reverência e sentaram em um canto. Sentados, eles disseram o seguinte:

— Mas que espantoso, mas que incrível! Como isso foi bem dito pelo mestre: “Monges, esse barulho não vai durar muito. De fato, só durará por sete dias. Após sete dias, ele terminará”. Mestre, de fato, o barulho terminou!

Então, tendo em mente o ocorrido, o Bhagavam recitou esta ode:

*“Sem controle, são as pessoas.
Ferem e atacam com o que falam
como os arqueiros que atiram flechas
num elefante em uma batalha.*

*Um monge, então, tendo ouvido
palavras grosseiras e vulgares
aguenta elas com paciência
mantendo um coração sem maldade.”*

41. Digno de Crítica

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, uma pessoa que possui quatro qualidades, como alguém que é carregado, cai no inferno. Quais quatro qualidades?

Sem ponderar e sem investigar, ela elogia quem é digno de crítica.

Sem ponderar e sem investigar, ela critica quem é digno de elogio. Sem ponderar e sem investigar, ela demonstra convicção naquilo que não tem fundamentos convincentes. Sem ponderar e sem investigar, ela não demonstra convicção naquilo que tem fundamentos convincentes.

Monges, uma pessoa que possui essas quatro qualidades, como alguém que é carregado, cai no inferno.

Monges, uma pessoa que possui quatro qualidades, como alguém que é carregado, cai no paraíso. Quais quatro qualidades?

Tendo ponderando e investigado, ela critica quem é digno de crítica. Tendo ponderado e investigado, ela elogia quem é digno de elogio. Tendo ponderado e investigado, ela não demonstra convicção naquilo que não tem fundamentos convincentes. Tendo ponderado e investigado, ela demonstra convicção naquilo que tem fundamentos convincentes.

Monges, uma pessoa que possui essas quatro qualidades, como alguém que é carregado, cai no paraíso.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Caso o acusem de mal não feito
não contra-acuse; esclareça os fatos.
Busque lugar seguro, em perigo.
E, mesmo a salvo, nunca retalhe.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Se o insultarem ou maltratarem
queime o convite pra dar o troco.
Firme, aguente-os com paciência.
Fé no caminho mais poderoso.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



“Opressão, prisão e abuso:
quem aguenta isso sem maldade
— O poder da tropa da paciência —
Ele é puro, é o que eu declaro.”



42. A Parábola da Serra

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem cinco tipos de falas que os outros podem dirigir a vocês: falas oportunas ou inoportunas, falas factuais ou falas falsas, falas gentis ou falas grosseiras, falas benéficas ou falas nocivas, falas bondosas ou falas odiosas.

Monges, os outros podem falar a vocês em momento oportuno ou momento inoportuno. Monges, os outros podem falar a vocês o que é factual ou o que é falso. Monges, os outros podem falar a vocês gentilmente ou grosseiramente. Monges, os outros podem falar a vocês o que é benéfico ou o que é nocivo. Monges, os outros podem falar a vocês com bondade ou com ódio.

Monges, em qualquer caso, vocês devem treinar da seguinte maneira:

“Que a nossa mente não se altere, nós não diremos palavras maldosas e viveremos amigáveis e piedosos com um coração bondoso e sem maldade. Começando com esta pessoa, nós expandiremos uma mente bondosa para todo o mundo, uma mente enorme, grandiosa, imensurável, sem inimizade e sem hostilidade (inofensiva e amigável).” Monges, vocês devem treinar dessa maneira.



Deva:

Cortando o que, há um bom descanso?
Cortando o que, não há mais tristeza?
O que seria justo esta coisa
que, ao matá-la, tu elogias?

Bhagavam:

*Cortando a raiva, há um bom descanso.
Cortando a raiva, não há tristeza.
A raiz da raiva é envenenada
mas como mel doce é a sua aresta.
Os nobres louvam a sua morte
pois, ao cortá-la, não há tristeza.*



43. Paciência

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, e o que é a prática impaciente? Aqui, monges, alguém responde com abuso a quem dele abusa, responde com insulto a quem o insulta e responde com briga a quem provoca briga. Monges, isso se chama prática impaciente.

E o que é a prática paciente? Aqui, monges, alguém responde sem

abuso a quem dele abusa, responde sem insulto a quem o insulta e responde sem briga a quem provoca briga. Monges, isso se chama prática paciente.

44. Abuso

Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia em Rájagaha, no parque dos Bambus, no Rancho dos Esquilos, um brâmane do clã Bháradvaja, chamado “O Rude”, ouviu dizer que um certo brâmane de seu clã renunciou à vida mundana e entrou na ordem do Bhagavam. Irritado e descontente, ele se dirigiu ao Bhagavam dizendo-lhe palavras vulgares, grosseiras, abusivas e ofensivas. Tendo dito essas coisas, o Bhagavam disse-lhe o seguinte:

— *O que o brâmane acha? Os seus amigos, companheiros e parentes o visitam?*

— Senhor Gautama, às vezes meus amigos, companheiros e parentes me visitam.

— *O que o brâmane acha? Nessa ocasião, então você os serve refeições, alimentos ou comidas?*

— Senhor Gautama, às vezes eu os sirvo com refeições, alimentos ou comidas.

— *Brâmane, e se os visitantes não os aceitam, a quem pertencem?*

— Senhor Gautama, se eles não os aceitam, ainda pertencem a mim.

— *Brâmane, da mesma maneira, quando a nós, que não abusamos, é oferecido abuso; quando a nós, que não insultamos, é oferecido insulto; quando a nós, que não brigamos, é oferecida briga, tais coisas nós não aceitamos. Essas coisas continuam sendo suas, brâmane. Essas coisas continuam sendo suas.*

Brâmane, daqueles que respondem com abuso aos abusos, daqueles que respondem com insultos aos insultos, daqueles que respondem com brigas às brigas, deles se diz o seguinte: ‘Eles desfrutam juntos das comidas e as carregam consigo’. Mas nós nem as desfrutamos nem as carregamos conosco, brâmane. Elas continuam sendo suas. Elas continuam sendo suas.

45. O Longo Discurso com Sachaka

Certa vez, em uma conversa com o Bhagavam Buda, o asceta jainista⁴⁶ chamado Sachaka disse o seguinte:

Mas que espantoso, mas que incrível! Quando o Senhor Gautama é insultado repetidamente com palavras ofensivas, a sua pele se torna mais lisa e o seu rosto se torna ainda mais sereno tal como se esperaria de um santo genuinamente desperto!

46. Vepatitti

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, uma vez houve uma batalha entre os devas e os asúras⁴⁷. Então, Vepatitti, líder dos asúras, disse aos asúras: “Senhores, se derrotarmos os devas, amarrem os membros e pescoço de Sakka, o líder dos devas, e tragam-no à minha presença na cidadela dos asúras.”

46. **Jainismo:** religião nascidas da cultura de reclusos e ascetas da Índia. Dedicados à mortificação do corpo, seus aderentes acreditam na exaustão dos pecados por meio da dor como forma de obter a felicidade suprema.

47. **Asúras:** seres celestes, também conhecidos como “Titãs.” Viviam constantemente em atrito com os devas (ver nota 8).

Enquanto isso, Sakka, rei dos devas, disse aos devas de Tavatimsa: “Senhores, se derrotarmos os asúras, amarrem os membros e pescoço de Vepatitti, o líder dos asúras, e tragam-no à minha presença no salão Sudharma.”

Monges, nessa batalha os devas venceram e os asúras foram derrotados. Então, os devas de Tavatimsa amarraram os membros e pescoço de Vepatitti e levaram-no à presença de Sakka no salão Sudhamma. Enquanto Sakka entrava e saía do salão, Vepatitti, com os membros e pescoço amarrados, abusava-o e insultava-o com palavras vulgares e grosseiras.

Então, Mátali, o carroceiro, se dirigiu a Sakka e recitou-lhe os seguintes versos:

Mátali:

É por medo ou por fraqueza
que o Maghavá Sakka aguenta
frente a frente com Vepatitti
ouvir insultos e grosserias?

Sakka:

Nem é por medo nem por fraqueza
que eu o aguento com paciência.
Pode alguém como eu, sensato,
bater boca com um tolo besta?

Mátali:

Mais ainda o besta extravaza
sem alguém para dar um basta.
Portanto, um sábio, assim, tolhe o tolo:
com punição vigorosa e árdua.

Sakka:

Isso é o que eu penso a esse respeito,
como a um besta dar-lhe um basta:
ao ver o outro ficar nervoso,
com lucidez, tenha muita calma.

Mátali:

Vejo um problema na paciência:
‘ele é covarde!’ é o que o tolo pensa.
Apela o tolo, assim, mais ainda
como um touro persegue a presa.

Sakka:

Quer ele pense assim ou não pense
‘sendo covarde, me aguenta’,
dentre os bens tais que são supremos
não há melhor que a paciência.

Se o poderoso aguenta o fraco,
dizem ‘suprema é tal paciência!’
Já a do fraco não é nada forte
pois aguentar é o que lhe resta.

Essa tal força de gente besta,
uma fraqueza, é o que se diz disso.
Já o poder de quem guarda o Dharma
reprovação, ali, não existe.

Quem com raiva responde a raiva,
em sua vida expande maldade.
Mas quem sem raiva responde a raiva
vence uma dura e árdua batalha.

Pelo bem de si e dos outros,
pelo bem de ambos ele vaga.
Ao ver o outro ficar nervoso
Com lucidez, ele se acalma.

Ele carrega a cura pra ambos:
para si mesmo e para o outro.
Mas quem não sabe essa Lei, o Dharma,

pensa que alguém assim é um tolo!

47. A Paciência de Ráhula

Nos tempos do Bhagavam Buda, o ven. Ráhula era elogiado por ser o monge que mais desejava treinar. Outros monges, ao verem o ven. Ráhula passando por perto, costumavam jogar algum objeto no chão e, para testá-lo, comentavam entre si:

— Quem será que deixou isso largado aqui no chão?

— Bem, o ven. Ráhula acabou de passar por aqui...

Ao ouvir essas provocações, o ven. Ráhula nunca reclamava. Em vez disso, ele simplesmente apanhava o que estava no chão, pedia desculpas aos monges sem nenhuma ironia, guardava o objeto no seu devido lugar e se retirava.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Se o insultarem ou maltratarem
queime o convite pra dar o troco.
Firme, aguente-os com paciência.
Fé no caminho mais poderoso.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Não bata boca, não se exaspere.
Veja a teia. Nela não caia.
Fale o que acalma, caso contrário
sinta o prazer em ouvir cigarras.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



Interlocutor:

O debate e o bate-boca,
lamento, choro e o egoísmo,
a presunção e a arrogância
e difamação, de onde vem isso?

*Bhagavam
Buda:*

O debate e o bate-boca,
lamento, choro e o egoísmo,
a presunção e a arrogância
vem a ser do que é favorito.

O debate e o bate-boca
são ligados ao egoísmo.
E as pessoas, então, difamam
com o bate-boca tendo início.

Interlocutor:

O favorito, de onde surge?
E a ganância que o mundo corre?
E expectativas e objetivos
Das pessoas sobre o pós-morte?

*Bhagavam
Buda:*

O favorito vem do desejo.
Também, a gana que o mundo corre.

Expectativas e objetivos
sobre o pós-morte, daí ocorrem.



48. Confronto

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, não confrontem-se da seguinte maneira: “Você não entende esses ensinamentos e preceitos! Eu entendo esses ensinamentos e preceitos! Como assim, você entende esses ensinamentos e preceitos? Você pratica errado! Eu pratico certo! Eu sou consistente, você é inconsistente! O que você disse por último devia ter dito primeiro! O que você disse primeiro devia ter dito por último! Isso que você tanto pensou a respeito foi provado ao contrário! Sua teoria foi refutada! Vá em frente, salve sua teoria! Você foi pego! Tente sair dessa, se puder!” Por que motivo? Porque essas conversas não são associadas ao que é benéfico, elas não dizem respeito aos fundamentos da vida santa.



“A ninguém mesmo seja grosseiro.
Assim falando, é retaliado.
Dolorosa é a resposta
quando tocado pelo ataque.”



49. Assembleias

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem estas duas assembleias. Quais duas? A assembleia contrária ao Dharma e a assembleia em acordo com o Dharma.

Monges, e o que é a assembleia contrária ao Dharma? Aqui, monges, uma assembleia de monges levanta uma posição correta ou incorreta. Mas eles não a esclarecem uns aos outros e nem se deixam ser esclarecidos sobre isso. Eles não convencem uns aos outros e nem se deixam ser convencidos sobre isso. Sem o poder do esclarecimento e sem o poder do convencimento, eles não abrem mão de seus argumentos e são obstinadamente apegados e comprometidos com as suas posições, dizendo o seguinte: “isso, sim, é verdade, tudo o mais é mentira”. Monges, isso se chama a assembleia contrária ao Dharma.

Monges, e o que é a assembleia em acordo com o Dharma? Aqui, monges, uma assembleia de monges levanta uma posição correta ou incorreta. Mas eles a esclarecem uns aos outros e se deixam ser esclarecidos sobre isso. Eles convencem uns aos outros e se deixam ser convencidos sobre isso. Com o poder do esclarecimento e com o poder do convencimento, eles abrem mão de seus argumentos e não são obstinadamente apegados e comprometidos com suas posições, dizendo o seguinte: “isso, sim, é verdade, tudo o mais é mentira”. Monges, isso se chama a assembleia em acordo com o Dharma.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Não bata boca, não se exaspere.
Veja a teia. Nela não caia.
Fale o que acalma, caso contrário
sinta o prazer em ouvir cigarras.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Promova sempre a harmonia.
Não divida unidos em partes.
Entre partidos, se una à verdade,
à inocência, ao bem e humildade.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



50. Kosambi

Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia em Kosambi, no monastério Gôsitá, um certo monge cometeu uma certa ofensa, quebrando um dos preceitos monásticos. Naquele momento, ele entendeu que havia quebrado um dos preceitos, mas outros monges achavam que não houve ofensa alguma. Algum tempo depois, o monge foi convencido de que não houve ofensa da parte dele, mas os outros monges passaram a achar que houve. Então, eles foram ao monge e disseram-lhe o seguinte:

- O amigo cometeu uma ofensa. Amigo, você reconhece isso?
- Amigo, eu não vejo ofensa alguma da minha parte.

Mais tarde, os monges conseguiram unanimidade e suspenderam o monge por não reconhecer a ofensa. Esse monge, porém, era um grande erudito, custodiador da tradição, retentor do Dharma e da Disciplina, sábio nos sumários, modesto e ansioso para treinar. Assim, ele se dirigiu aos monges que eram seus amigos e disse: “Amigos, isso não é uma ofensa. Sendo assim, eu não cometi ofensa alguma. Portanto eu não estou suspenso, pois o procedimento foi ilegítimo e pode ser anulado. Por favor, amigos, juntem-se a mim de acordo com o Dharma e Disciplina”. Dessa maneira, o monge conseguiu formar aliados. Em seguida, ele enviou uma mensagem para outros monges amigos na região, e novamente ele conseguiu formar aliados. Assim, os aliados se uniram, viajaram para o monastério Gôsitá e tentaram convencer

os monges locais de que não houve ofensa, não houve suspensão e que o procedimento foi ilegítimo e pode ser anulado. Porém, os monges locais não foram convencidos.

Enquanto isso, um certo monge partiu para a região onde o Bhagavam Buda vivia. Chegando lá, ele fez-lhe uma reverência, sentou-se em um canto e relatou o ocorrido. Ao final, o Bhagavam Buda pensou o seguinte: “De fato, a Sangha dividiu-se, a comunidade está dividida”. Ele dirigiu-se, então, ao monastério Gôsitā e disse para os monges locais:

— *Monges, não suspendam um monge só porque lhes ocorre “é uma ofensa, é uma ofensa!” Em vez disso, vocês devem pensar o seguinte: “Este monge é um grande erudito, custodiador da tradição, retentor do Dharma e da Disciplina, sábio nos sumários, modesto e ansioso para treinar. E, se ele for suspenso, haverá disputas, bate-boca, divisão e fratura na comunidade”. Assim, os monges que entendem a gravidade do cisma não suspenderiam o monge em questão.*

Tendo dito isso, o Bhagavam Buda levantou-se e partiu, dirigindo-se aos aliados. Ao chegar, ele sentou-se e disse-lhes o seguinte:

— *Monges, não deixem de se redimir aos monges sobre uma ofensa só porque lhes ocorre “não cometi ofensa, não cometi ofensa!” Em vez disso, vocês devem pensar o seguinte: “Esses monges são grandes eruditos, custodiadores da tradição, retentores do Dharma e da Disciplina, sábios nos sumários, modestos e ansiosos para treinar. Portanto eles não agiriam levados por favoritismo, ódio, ilusão ou medo. E, se eu for suspenso, haverá disputas, bate-boca, divisão e fratura na comunidade”. Assim, os monges que entendem a gravidade do cisma confessariam a ofensa, mesmo que fosse apenas por boa fé.*

Com o passar do tempo, no entanto, os dois grupos de monges se mantiveram divididos. Cedo, os monges de Kosambi passaram a bater boca e a disputar nos salões de refeição e nas vilas, se

comportando mal com o corpo e fala, inclusive agarrando uns aos outros com as mãos. E as pessoas nas vilas passaram a criticar os monges: “Como pode esses seguidores do Sákya se comportarem dessa maneira?” Os monges humildes ouviram isso e também criticaram os monges briguentos: “Como pode, amigos, vocês se comportarem dessa maneira?” A notícia chegou aos ouvidos do Bhagavam e ele os chamou em sua presença:

— *É verdade, monges, que vocês estão batendo boca e disputando nos salões de refeição e nas vilas, se comportando mal com o corpo e fala, inclusive agarrando uns aos outros com as mãos?*

— Sim, mestre.

Então, o Bhagavam Buda os censurou:

— *Homens sem juízo, isso é incorreto, isso é contrário, isso é inapropriado, isso não é digno de um recluso, isso é inaceitável, isso não deve ser feito.*

Após censurá-los, ele declarou mais uma regra: “Quando a Sangha está dividida e os monges não estão se comportando de acordo com o Dharma, quando não estão sendo cordiais, eles devem sentar e refletir da seguinte maneira: ‘Nós deixaremos de nos tratar de forma inapropriada com o corpo e fala, nós deixaremos de nos agarrar uns aos outros com as mãos.’”

Mesmo assim, dias depois, os monges ainda eram vistos em meio à Sangha provocando e atacando uns aos outros verbalmente, incapazes de resolver o problema de forma legítima. Então, um monge relatou ao Bhagavam Buda o ocorrido e pediu-lhe, por piedade, que falasse com os monges. O Bhagavam consentiu em silêncio e, em seguida, se dirigiu aos monges:

— *Basta, monges. Não briguem, não batam boca, não disputem, não provoquem.*

Em seguida, um monge insensato respondeu ao Bhagavam:

— Espere, mestre. Que o Bhagavam, que o Senhor do Dharma,

relaxe e se dedique ao êxtase da meditação. Nós mesmos iremos esclarecer essas brigas, esses bate-bocas, essas disputas, essas provocações.

Pela segunda vez, o Bhagavam disse:

– *Basta, monges. Não briguem, não batam boca, não disputem, não provoquem.*

E o monge insensato respondeu:

– Espere, mestre. Que o Bhagavam, que o Senhor do Dharma, relaxe e se dedique ao êxtase da meditação. Nós mesmos iremos esclarecer essas brigas, esses bate-bocas, essas disputas, essas provocações.

Desta vez o Bhagavam ficou em silêncio. Após um longo hiato, quando todos se calaram, ele começou a contar a seguinte história:

A História do Rei Dígavu

“Monges, há muito tempo atrás, quando Brahmadatta era o rei de Kási em Báranasi, Díguiti era o rei de Kôsala. Nessa época, Kási era um reino rico e poderoso, enquanto que Kôsala era um reino pobre e fraco. Certa vez, Brahmadatta reuniu o seu exército e atacou Kôsala. Durante o ataque, o rei Díguiti fugiu com a sua esposa sem lutar. Eles perambularam anônimos até que finalmente se refugiaram na casa de um artesão, nos limites do país. E a rainha, que estava grávida, logo deu à luz um filho, que chamaram de Dígavu. Quando Dígavu cresceu e se tornou um rapaz esperto, Díguiti pensou o seguinte: ‘O rei Brahmadatta nos causou muito sofrimento. Ele tomou o nosso exército, as nossas montarias, os nossos animais, as nossas terras e as nossas riquezas. Se ele nos descobrir, ele matará nós três. Devo mandar o príncipe Dígavu para

longe'. Tendo partido para estudar, Dígavu logo se tornou competente nas várias artes e vários campos do saber.

Tempos depois, o ex-barbeiro do rei Díguiti, que agora servia ao rei Brahmadatta, o reconheceu andando na vila do artesão, apesar de seu disfarce. Pensando na oportunidade de ganhar uma recompensa, o barbeiro foi correndo avisar ao rei Brahmadatta. Este, então, ordenou que seus soldados prendessem o rei Díguiti e a rainha, e que os levassem pela cidade em uma passeata, acompanhados pelo som de tambores, até o portão sul da capital onde o casal deveria ser executado.

Enquanto isso ocorria, o príncipe Dígavu pensou: 'Faz tempo que não vejo meus pais' e, assim, partiu para visitá-los. Ao chegar na capital, ele viu os seus pais capturados, amarrados e levados em uma passeata ao som de tambores. Ao se aproximar, o rei Díguiti o reconheceu na multidão e, em seguida, falou em voz alta: 'Querido Dígavu, não veja muito nem veja pouco. Querido Dígavu, inimizades não acabam por meio de inimizades. Inimizades só acabam por meio de amizades.'

As pessoas diziam: 'O rei está maluco, falando sozinho!', ao que o rei respondeu: 'Não estou maluco. Os sábios entenderão!' O rei repetiu as mesmas palavras pela segunda e pela terceira vez, até que, finalmente, o casal foi executado no portão sul, seus corpos foram mutilados e diferentes partes foram colocadas em exibição nas quatro direções, onde soldados montavam guarda.

Quando o sol se pôs, o príncipe Dígavu, carregando álcool, embebedou os soldados, reuniu os corpos do rei e da rainha, preparou lenha e, com incenso e flores nas mãos, acendeu o fogo, fazendo um reverente funeral para os seus pais, andando de palmas juntas ao redor da fúnebre fogueira. Da varanda do palácio, o rei Brahmadatta, vendo

alguém cremando corpos e andando ao redor da fogueira, pensou o seguinte: ‘Sem dúvida deve ser um parente do rei Díguiti. Isso é um sinal de problemas e ninguém me falou a respeito.’

Após cremar os corpos de seus pais, o príncipe entrou na floresta e, sozinho, chorou a perda de sua família. Em seguida, tendo enxugado as lágrimas, ele retornou à Báranasi, se dirigiu aos estábulos do palácio e disse para o treinador de elefantes: ‘Mestre, eu gostaria de aprender a sua profissão’. O treinador aceitou o pedido e ficou feliz em ter um ajudante.

Certa noite, Dígavu sentou-se perto do estábulo e começou a tocar a sua flauta e a recitar cânticos. Tendo ouvido tão belas melodias, o rei perguntou às pessoas:

— Quem está tocando flauta e cantando maravilhosamente à noite?

— Majestade, é o novo aprendiz do treinador de elefantes.

— Tragam-no à minha presença.

Quando Dígavu chegou à presença do rei, este pediu-lhe que tocasse a flauta e cantasse. Ao fim da demonstração, impressionado com a performance do rapaz, o rei pediu-lhe que o servisse pessoalmente. E Dígavu aceitou reverentemente.

Assim, todos os dias Dígavu levantava pela manhã antes do rei e se retirava para dormir depois do rei, servindo-o fielmente e sendo agradável e respeitoso em seus modos. Em pouco tempo, o rei passou a confiar plenamente em Dígavu, requisitando a presença do jovem durante todo o dia. Assim, Dígavu se tornou seu fiel conselheiro.

Certa manhã, o rei pediu à Dígavu para preparar a carroça para irem ao parque caçar animais. Durante a viagem, no

entanto, a carroça de Dígavu e do rei separou-se das demais carroças que formavam a comitiva. Cansado da viagem, o rei pediu-lhe que estacionasse para que eles pudessem descansar um pouco. Sentados embaixo de uma árvore, o rei deitou a sua cabeça no colo de Dígavu e adormeceu. O príncipe, então, pensou: ‘Esse é o rei Brahmadata, ele nos causou muito sofrimento. Ele tomou o nosso exército, nossas montarias, nossos animais, nossas terras e nossas riquezas. Ele executou a minha mãe e o meu pai. Chegou a hora de eliminar o inimigo’. Em seguida, ele desembainhou a sua espada.

No mesmo instante, monges, Dígavu pensou o seguinte: ‘Na hora da morte, meu pai me disse: Querido Dígavu, não veja muito nem veja pouco. Querido Dígavu, inimizades não acabam por meio de inimizades. Inimizades só acabam por meio de amizades. Não seria certo ignorar o conselho de meu pai’. Assim, ele retornou a espada à bainha.

Monges, pela segunda vez, o pensamento de vingança ocorreu ao príncipe Dígavu. E pela segunda vez, ele se lembrou do conselho de seu pai e desistiu. E pela terceira vez, ainda, o pensamento de vingança ocorreu ao príncipe Dígavu. E pela terceira vez, ele se lembrou do conselho de seu pai e desistiu.

De repente, o rei acordou sobressaltado e nervoso. E Dígavu perguntou-lhe:

— O que foi, majestade?

— Meu jovem, agora mesmo eu sonhei que o filho de Díguiti, antigo rei de Kôsala, me matava com uma espada!

Então, monges, o príncipe Dígavu agarrou a garganta do rei com a mão esquerda e desembainhou a espada com a mão direita dizendo:

— Majestade, eu sou esse príncipe, meu nome é Dígavu, filho de Díguiti, o rei de Kôsala! Você nos causou muito sofrimento. Você tomou o nosso exército, as nossas montarias, os nossos animais, as nossas terras e as nossas riquezas. Você executou a minha mãe e o meu pai. Chegou a hora de eliminar o inimigo!

Então, monges, o rei Brahmadatta se curvou levando a sua cabeça aos pés do príncipe e implorou:

— Querido Dígavu, por favor, poupe a minha vida!

Ao ouvir essas palavras, o príncipe Dígavu soltou o rei, entregou-lhe a sua espada e disse:

— Quem sou eu para vos poupar a vida? Majestade, eu que vos peço para que poupeis a minha vida.

— Querido Dígavu, tendo me dado a vida, eu lhe dou a vida também!

Assim, monges, o rei Brahmadatta e o príncipe Dígavu pouparam as vidas um do outro e fizeram um voto de nunca machucarem um ao outro. Ao retornarem para o palácio, o rei reuniu várias pessoas da corte e perguntou-lhes o seguinte:

— Se por acaso vísseis o príncipe Dígavu, filho do rei Díguiti, o que faríeis?

Alguns disseram ‘nós cortaríamos as suas mãos!’, outros disseram ‘nós cortaríamos os seus pés!’, e ainda outros disseram ‘nós cortaríamos a sua cabeça!’ Então, o rei Brahmadatta disse:

— Pois bem, esse é o príncipe Dígavu. Não façais nenhum mal a ele. Ele me deu a vida, e eu dei a vida a ele.

Então, monges, o rei Brahmadatta perguntou ao príncipe qual o significado das palavras de seu pai, ditas na hora de sua morte. E o príncipe respondeu:

— Majestade, “não veja muito” significa não ter rancor por muito tempo. “Não veja pouco” significa não quebrar amizades rapidamente. E quando ele disse “inimizades não acabam por meio de inimizades. Inimizades só acabam por meio de amizades”, ele estava me dizendo para não me vingar de sua morte. Pois se eu vos tivesse tirado a vida, aqueles que desejam o vosso bem me matariam. E, em seguida, aqueles que querem o meu bem os matariam. Esse é o significado da frase “inimizades não acabam por meio de inimizades”. Mas, agora, eu vos dei a vossa vida e vós me dastes a minha vida. Assim, esse é o significado da frase “Inimizades só acabam por meio de amizades.”

— Mas que espantoso! Mas que incrível! — exclamou o rei.
— O príncipe Dígavu é tão sábio, tendo entendido em detalhes o que o seu pai disse em resumo!

Por fim, o rei retornou à Dígavu o seu exército, as suas montarias, os seus animais, as suas terras e as suas riquezas e, ainda, ofereceu a sua própria filha em casamento.

Assim, monges, esses reis que estavam prontos para punir e executar foram capazes de paciência e mansidão. E quanto a vocês, monges? Será que vocês, que renunciaram à vida mundana nesta bem-proclamada vida santa, estão resplandecendo paciência e mansidão?”

Então, pela terceira vez, o Bhagavam disse:

— *Basta, monges. Não briguem, não batam boca, não disputem, não provoquem.*

E o monge insensato respondeu:

— Espere, mestre. Que o Bhagavam, que o Senhor do Dharma, relaxe e se dedique ao êxtase da meditação. Nós mesmos iremos esclarecer essas brigas, esses bate-bocas, essas disputas, essas

provocações.

Então, o Bhagavam Buda pensou o seguinte: “Esses homens sem juízo estão obcecados. Não é fácil persuadi-los”. E, em silêncio, levantou-se e partiu.

Exortação em Versos

No dia seguinte, antes do amanhecer, o Bhagavam Buda pegou a sua tigela e o seu manto e entrou em Kosambi para receber doação de comida. Após retornar, tendo se alimentado e arrumado a sua cabana, ele se dirigiu à Sangha de monges e sentou-se diante deles. Quando todos sentaram-se em silêncio, ele recitou os seguintes versos:

“Todos gritando ao mesmo tempo.

Ninguém considera-se o tolo.

Em meio ao cisma, ao rachar da Sangha
ninguém pensa muito do outro.

Sábias palavras, aqui esquecidas.

Um falatório, tagarelice.

Falam o que querem, o que quer que seja
sem entender aquilo que os guia.

‘Me insultaram, me atacaram,
me roubaram, me derrotaram!’

Pensando assim, rancoroso
a sua raiva não é acalmada.

‘Me insultaram, me atacaram
Me roubaram, me derrotaram!’
Não pensando assim, rancoroso
a sua raiva é acalmada.

A inimizade nunca acaba
pelo inimigo, nutrindo raiva.

Sem raiva, ela é acalmada.

Tão antigo é esse Dharma!

Os outros não compreendem

que aqui, nossa vida acaba.

Mas para aqueles que compreendem

os seus conflitos são acalmados.

Executores e assassinos,

abatedores e assaltantes

vandalizam o reino, unidos.

Mas serem unidos, monges não podem?

Ganhando uma companhia

sagaz, correta e resolvida,

todos os problemas se resolvendo,

feliz e lúcido com ela viva.

Mas sem ganhar uma companhia

sagaz, correta e resolvida,

como um rei que abandona o reino,

como um elefante, sozinho viva.

Com um tolo, não se associa.

É melhor viver solitário.

Vague sozinho, mal não fazendo.

Um elefante no bosque, sossegado.”

Tendo recitado esses versos, o Bhagavam Buda levantou-se e partiu.

Três Grandes Exemplos

Dias depois, ao entardecer, o Bhagavam Buda emergiu de sua meditação e se dirigiu ao parque Gosinga, onde os veneráveis Anuruddha, Nandiya e Kimbila viviam. O guardião do parque viu o Bhagavam se aproximando e disse:

– Não entre no parque, recluso. Três cavalheiros vivem aqui querendo paz. Não os perturbe!

O venerável Anuruddha, tendo ouvido o guardião do parque conversando com o Bhagavam, se aproximou e disse:

– Amigo guardião, não obstrua o Bhagavam! O Bhagavam, nosso mentor, acaba de chegar!

Em seguida, o venerável Anuruddha se dirigiu aos veneráveis Nandiya e Kimbala dizendo “venham, amigos! Venham, amigos, o Bhagavam veio nos visitar!” Então, os três se dirigiram ao Bhagavam. Um deles pegou o seu manto externo e tigela, o outro preparou um assento para ele, e o terceiro trouxe água para o Bhagavam lavar os pés. Após lavar os pés, ele sentou-se no assento que lhe prepararam e os seus pupilos fizeram uma reverência e sentaram-se em um canto. Sentados, o Bhagavam Buda disse-lhes o seguinte:

– *Eu espero que estejam aguentando bem, Anuruddha. Espero que estejam saudáveis, espero que não estejam tendo problemas para obter doação de comida.*

– Estamos aguentando bem, mestre. Estamos saudáveis e não temos problemas para obter doação de comida.

– *Anuruddha, espero que estejam vivendo em harmonia, com apreciação mútua, sem brigas, misturando-se como água e leite e tratando-se com um olhar gentil.*

– Mestre, de fato, estamos vivendo em harmonia, com apreciação mútua, sem brigas, misturando-nos como água e leite e tratando-nos com um olhar gentil.

– *Anuruddha, mas de que maneira vocês estão vivendo em harmonia, com apreciação mútua, sem brigas, misturando-se como água e leite e tratando-se com um olhar gentil?*

– Aqui, mestre, eu penso o seguinte: “Mas que sorte, que grande sorte a minha poder viver com companheiros da vida santa como

estes!” Ainda, mestre, eu vivo consistentemente mantendo atos corporais, verbais e mentais bondosos, em público e em privado, em relação aos meus companheiros. Ainda, mestre, eu penso o seguinte: “Que tal eu deixar de lado o que eu penso e fazer o que esses veneráveis pensam?” E, então, eu deixo de lado o que eu penso e faço o que eles pensam. Mestre, embora os nossos corpos sejam diferentes, as nossas mentes são uma só. É dessa maneira, mestre, que nós três vivemos em harmonia, com apreciação mútua, sem brigas, misturando-nos como água e leite e tratando-nos com um olhar gentil.

Quando o venerável Anuruddha disse isso, o venerável Nandiya e o venerável Kimbila relataram o mesmo. Então, o Bhagavam Buda disse:

— *Muito bem, muito bem! Eu espero, Anuruddha, que vocês estejam vivendo diligentemente, fervorosamente e empenhados!*

— Mestre, de fato, estamos vivendo diligentemente, fervorosamente e empenhados.

— *Anuruddha, mas de que maneira vocês estão vivendo diligentemente, fervorosamente e empenhados?*

— Mestre, aquele dentre nós que retorna primeiro da ronda da esmola na vila prepara aqui os assentos, a água para beber e para lavar as mãos, e arruma a lixeira. Aquele dentre nós que retorna por último come a comida que sobrou, se ele assim desejar. Caso contrário, ele descarta a comida onde não há vegetação ou em água onde não há vida. Em seguida, ele guarda os assentos e a água, lava a lixeira e varre a área do refeitório. Aquele que nota que os potes de água estão vazios é quem os enche. Se ele precisa de ajuda com uma tarefa, ele chama um de nós por meio de sinal com as mãos. Assim, nós trabalhamos juntos sem precisar emitir palavras. Por fim, de cinco em cinco dias, nós nos sentamos juntos para conversar sobre o Dharma. Mestre, é assim que estamos vivendo diligentemente, fervorosamente e empenhados.

O Bhagavam, então, elogiou-os e questionou-os sobre os progressos meditativos de cada um⁴⁸. Ao final do encontro, o Bhagavam levantou-se e partiu.

Ao partir, o Bhagavam disse: “de fato, se qualquer pessoa, no mundo inteiro se recordar desses três cavalheiros com uma mente serena, cheia de inspiração e fé no coração, isso será para o seu bem-estar e felicidade por um longo tempo.”

Em Páruleyya

Após visitar o venerável Anuruddha no Parque do Bambu do Leste, o Bhagavam se dirigiu à região chamada Páruleyya. Chegando lá, ele entrou em um bosque protegido e sentou-se aos pés de uma auspiciosa árvore. Então, enquanto ele estava sozinho e afastado, o seguinte pensamento lhe ocorreu: “anteriormente, eu não estava à vontade cercado pelos monges briguentos de Kosambi, monges queixosos, provocadores, tagarelas e litigiosos. Mas agora eu estou à vontade sozinho, sem parceiros, longe dos monges briguentos de Kosambi, monges queixosos, provocadores, tagarelas e litigiosos.”

Longe dali, havia um grande elefante cercado por uma manada de elefantes — machos, fêmeas, jovens e bebês. Quando ele comia as plantas, eram plantas com folhas quebradas. Quando bebia água, era água barrenta. Quando ele puxava um galho para comer as folhas, outro elefante as comia. Quando ele entrava na lagoa, as fêmeas pulavam ali e empurravam o corpo dele.

Então, o seguinte pensamento ocorreu ao elefante: “Estou sendo assediado por todos os lados. E se eu deixar essa manada e ficar sozinho?” Então, o grande elefante deixou a manada e partiu para Páruleyya. Chegando lá, ele entrou em um bosque protegido e dirigiu-se à árvore onde o Bhagavam Buda estava sentado. Ele

48. Esse episódio é descrito em maiores detalhes no *Cūḷagosingasutta* (MN 31).

serviu água ao Bhagavam usando a sua tromba e aplanou o capim ao redor com as patas. Então, descansando sob uma árvore, o elefante pensou o seguinte: “Anteriormente, eu não estava à vontade cercado por uma manada de elefantes — machos, fêmeas, jovens e bebês. Quando eu comia as plantas, eram plantas com folhas quebradas. Quando eu bebia água, era água barrenta. Quando eu puxava um galho para comer as folhas, outro elefante as comia. Quando eu entrava na lagoa, as fêmeas pulavam ali e empurravam o meu corpo. Mas agora eu estou à vontade sozinho, sem parceiros, longe da manada de elefantes.”

Em seguida, refletindo sobre o seu próprio retiro e lendo a mente do elefante, o Bhagavam recitou o seguinte salmo:

*Tão grande, esse elefante.
Os seus chifres tão majestosos.
A sua mente, tão semelhante.
Sozinhos, felizes nesse bosque.*

Após ficar tanto tempo quanto ele queria no Bosque, o Bhagavam Buda partiu para Sávati.

Conselhos aos Leigos

Em Sávati, o Caridoso ouviu falar que os monges de Kosambi estavam indo para a sua cidade. Então, ele se dirigiu ao Bhagavam Buda, fez-lhe uma reverência e sentou-se em um canto. Sentado, ele disse o seguinte:

- Mestre, dizem que os monges de Kosambi, criadores de problemas, estão a caminho. Como nós, leigos, devemos nos comportar diante desses monges?
- *Dono de casa, posicionai-vos de acordo com o Dharma.*
- Mestre, nós, leigos, servimos aos monges os quatro requisitos — comidas, panos para mantos, abrigos e medicamentos. Nós

também visitamos os monges para ouvir os ensinamentos do Bhagavam. Como nós, leigos, devemos proceder diante desses monges em relação a isso?

— *Muito bem, dono de casa, nesse caso, fazei doações aos dois lados. Tendo feito doações aos dois lados, ouvi o Dharma dos dois lados. Tendo ouvido o Dharma dos dois lados, aprovai a perspectiva do monge que fala o que está de acordo com o Dharma, aprovai o que ele aceita, aprovai o que ele prefere, aprovai o que ele adota.*

A União

Então, enquanto o monge que foi suspenso refletia, o seguinte pensamento lhe ocorreu: “Isso é uma ofensa. Eu quebrei um preceito. De fato, eu estou suspenso. Eu estou suspenso de acordo com um procedimento legítimo que não pode ser anulado”. Então, esse monge se dirigiu aos seus aliados e disse: “Amigos, isso é uma ofensa. Eu quebrei um preceito. De fato, eu estou suspenso. Eu estou suspenso de acordo com um procedimento legítimo que não pode ser anulado. Amigos, por favor, queiram me readmitir na comunidade.”

Então, os monges se dirigiram ao Bhagavam Buda. Após contarem o ocorrido, eles perguntaram-lhe:

— Mestre, como devemos proceder?

— *Monges, esse monge cometeu uma ofensa. Ele quebrou um preceito. De fato, ele está suspenso. Ele está suspenso de acordo com um procedimento legítimo que não pode ser anulado. Agora, uma vez que ele reconhece a ofensa, readmitam ele.*

Por fim, os aliados se dirigiram aos monges da oposição e disseram o seguinte:

— Amigos, este monge reconheceu a ofensa. Agora ele foi readmitido. Sendo assim, não há mais razão para brigas, bate-

boca, disputas e provocações. Não há mais motivo para cisma, fratura e separação da comunidade. Vamos, amigos, tendo resolvido esse assunto, vamos unificar a Sangha.

Em seguida, a comunidade de monges foi unificada.

51. Em Sárandada

Assim ouvi. Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia em Vêsalí, no santuário Sárandada, vários licchavis se dirigiram ao Bhagavam, fizeram-lhe uma reverência e sentaram-se em um canto.

Sentados, ele disse-lhes o seguinte:

— *Licchavis, eu vos ensinarei sete princípios que previnem a ruína. Que os licchavis ouçam e prestem bem atenção ao que eu digo.*

“Sim mestre”, os licchavis responderam. E o Bhagavam Buda disse o seguinte:

— *Licchavis, e quais são os sete princípios que previnem a ruína?*

(1) Enquanto os vajjis⁴⁹ frequentemente se reunirem e participarem de assembleias, é de se esperar crescimento, e não ruína para os vajjis.

(2) Enquanto os vajjis se reunirem em harmonia, se retirarem em harmonia e fizerem as suas tarefas em harmonia, é de se esperar crescimento, e não ruína para os vajjis.

(3) Enquanto os vajjis não decretarem novos costumes e não abolirem costumes estabelecidos, mas continuarem a seguir a tradição antiga dos vajjis da forma como foi decretada, é de se esperar crescimento, e não ruína para os

49. **Vajjis:** o clã dos vajjis, parte da confederação Vajja e da comunidade dos licchavis (ver nota 36), um dos dezesseis reinos poderosos daquela região e época.

vajjis.

(4) Enquanto os vajjis respeitarem, reverenciarem, estimarem e honrarem os vajjis anciões, e entenderem que eles devem ser ouvidos, é de se esperar crescimento, e não ruína para os vajjis.

(5) Enquanto os vajjis não sequestrarem mulheres e garotas e não forçarem elas a viver com eles, é de se esperar crescimento, e não ruína para os vajjis.

(6) Enquanto os vajjis respeitarem, reverenciarem, estimarem e honrarem os templos dos vajjis, em suas cidades ou distantes, sem negligenciar a generosidade que era praticada no passado, é de se esperar crescimento, e não ruína para os vajjis.

(7) Enquanto os vajjis organizarem, de forma ética, proteção, abrigo e segurança para os santos pensando o seguinte: ‘Isso é para os santos que ainda não vieram ao reino e para os santos que aqui se encontram viverem confortavelmente’, é de se esperar crescimento, e não ruína para os vajjis.

Enquanto esses sete princípios que previnem a ruína durarem entre os vajjis e enquanto os vajjis forem vistos seguindo esses sete princípios que previnem a ruína, é de se esperar crescimento, e não ruína para os vajjis.

52. União

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem estas quatro maneiras de se criar união. Quais quatro? Com doações, com palavras amáveis, com solidariedade e com equidade.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Promova sempre a harmonia.
Não divida unidos em partes.
Entre partidos, se una à verdade,
à inocência, ao bem e humildade.*

*Isto é o que
foi dito:*

*No feitiço, veja o feitiço.
Vida de plástico, isso não queira.
Enfeitiçado, o bem é esquecido.
‘Mero plástico’ vê no espelho.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



53. Nem Pela Própria Mãe

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, lucro, prestígio e admiração são terríveis, medonhos, grosseiros. Eles são um obstáculo para o alcance do supremo descanso da jornada.

Aqui, monges, eu compreendo que, em certa ocasião, a mente de uma certa pessoa está disposta desta maneira: “Este venerável não contaria uma mentira nem mesmo pelo bem de sua própria mãe”. Porém, algum tempo depois, eu o vejo contando deliberadamente uma mentira com a sua mente dominada e completamente subjugada pelo lucro, prestígio e pela fama.

Monges, lucro, prestígio e admiração são terríveis, medonhos, grosseiros. Eles são um obstáculo para o alcance do supremo descanso da jornada. Portanto, vocês devem treinar da seguinte maneira: “Nós abandonaremos o lucro, prestígio e fama que surgirem, que a nossa mente não seja dominada por essas coisas.”

54. Poucos

Assim ouvi. Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia em Sávati, no parque Jeta, no jardim do Caridoso, o rei Pasênadi de Kôsala se dirigiu a ele, fez-lhe uma reverência e sentou-se em um canto.

Sentado, ele disse ao Bhagavam Buda o seguinte:

— Mestre, enquanto eu estava sozinho e afastado, o seguinte pensamento me ocorreu: “Poucos são os seres no mundo que, quando ganham posses luxuosas, não se tornam inebriados e negligentes, atirados à cobiça pelos prazeres sensuais mundanos e fazendo mal aos outros. Muito mais são aqueles seres no mundo que, quando ganham posses luxuosas, se tornam inebriados e negligentes, atirados à cobiça pelos prazeres sensuais mundanos e fazendo mal aos outros.”

— *É isso mesmo, grande monarca, é isso mesmo.*

*“Apaixonados pelos produtos
cobiçando sensualidade...*

*Tão cativados e inebriados!
Pro exagero, não despertaram.*

*Cervos caindo em armadilhas.
Em breve, chega-lhes amargura.
Pois mau fruto é o que eventualmente
dessas ações, de fato, resulta.”*

55. Suavidade

Há muito tempo atrás, quando Brahmadatta reinava em Báranasi, o Bodhisatva nasceu em uma rica família de brâmanes, em um país chamado Kási. Após terminar a sua educação em Takkasilá, ele renunciou aos prazeres do mundo, se tornou um recluso e partiu para os Himalaias tendo apenas um desejo no coração: a perfeição da conduta e do saber. Por muito tempo ele viveu ali, levando uma vida celibatária, tendo desenvolvido estados profundos de meditação, desfrutando de felicidade e êxtase divinos.

Em certa ocasião, precisando de remédios, ele se dirigiu à

Báranasi e se instalou no bosque, perto do palácio. Alguns dias depois, enquanto o recluso andava pela cidade recebendo doações de comida, o rei o viu pela janela de sua carroça. A postura do recluso, a sua calma e nobreza ao caminhar chamaram a atenção do rei. Este, então, o convidou para se hospedar no jardim do palácio, oferecendo-lhe pano para consertar o seu manto, comida, medicamentos e um abrigo para protegê-lo dos perigos do clima. O recluso aceitou a oferta e passou a viver no jardim do palácio, ensinando o rei e seus súditos a serem bondosos e respeitosos, a viverem em paz, de forma ética e a governarem o país de forma inocente e justa.

Até que um dia o rei teve que fazer uma viagem. Antes de partir, ele deixou instruções com a sua filha recém chegada, chamada Suavidade, para cuidar do recluso. No entanto, ele esqueceu-se de instruí-la a estar sempre acompanhada de outro homem ao visitar o eremita de vida pura. Assim, na manhã do dia seguinte, ela foi sozinha até a cabana do recluso desejando servir-lhe uma refeição pessoalmente. De uma beleza estonteante, perfumada e bem arrumada, Suavidade entrou na cabana do recluso e, com as próprias mãos, serviu-lhe a comida colocando-a em sua tigela. No entanto, nervosa por estarem a sós, o seu vestido ficou preso na porta e ela se desequilibrou. Nesse momento, o recluso, por um instante, baixou a guarda e a olhou em seus olhos. E assim o fogo da paixão inesperadamente surgiu assolando-o. Ela, então, pediu licença e partiu envergonhada. Já o recluso não conseguia parar de pensar em Suavidade.

Ao retornar da viagem, o rei se dirigiu ao jardim, desejando ver o recluso. E, ao entrar em sua cabana, encontrou-o deitado no seu tapete de palhas, deprimido – seus dons meditativos, todos perdidos. Preocupado, o rei perguntou:

- Venerável, o senhor adoeceu?
- Majestade, adoeci de paixão.

— Apaixonou-se? Ora, mas por quem?

Então, o recluso respondeu em versos:

“Apenas um desejo eu tinha
antes de conquistar Suavidade.
Agora, dos seus olhos sou mira.
Desejo após desejo me invadem.”

— Ora, nesse caso, eu lhes dou a benção para viverem juntos!

Embora tenha dito essas palavras, nos dias que se seguiram o rei passou a se preocupar com o futuro do jovem. No dia da partida do casal, ao despedir-se de sua filha, o rei discretamente disse-lhe: “Por favor, minha filha, salve esse bom homem da vida mundana! Ajude-o a retornar à vida pura!” Ao que Suavidade respondeu: “Não se preocupe, meu pai, eu tenho um plano!”

Ao viajar para o norte, o Bodhisatva sonhava acordado, nutrindo todo tipo de desejos e ambições. Repentinamente, como um balde de água fria, Suavidade reclamou: “Como posso viver tão longe? Eu preciso viver em uma casa perto da minha família!” Assim, o jovem retornou ao palácio e pediu que uma casa fosse construída para o casal. O rei, então, ofereceu-lhe um casebre, nas bordas da cidade. Suavidade, diante da imundice da casa, se recusou a entrar. “O que você quer que eu faça?”, perguntou o jovem. “Ora, limpe tudo!”, disse sua esposa. E lá foi ele, com vassoura e pano, limpar toda a sujeira que impregnava o casebre. Entrando na casa, ela ainda o fez buscar uma cama, cadeiras, tapete, jarro de água e copos – e ela demandou-os um item de cada vez. Ao sentar-se para descansar um pouco, Suavidade de repente surgiu às suas costas dando mais ordens: “Temos jarro de água mas não temos água! E como vamos tomar banho antes dormir?” Após obter água e preparar o banho de Suavidade, o jovem estava exausto e mal humorado. Pouco tempo depois, porém, estavam os dois na cama, um de frente para o outro. Pegando-o pelas mãos, Suavidade o trouxe para bem perto de si, e disse-lhe: “Esqueceu-se de seu

propósito maior?”

Como quem de súbito acorda de um sono, ele viu a natureza traiçoeira de seus vícios. Por um instante, ele claramente entendeu o quanto sofreria por conta dos desejos que tem alimentado. Imediatamente, o jovem resolveu levar Suavidade de volta ao seu pai. No palácio, ele agradeceu a ajuda de ambos, ensinou-os a manter os preceitos e a levarem uma vida virtuosa e generosa. Em seguida, ele retornou para as montanhas, onde conseguiu desenvolver novamente um coração puro, inocente e de bondade ilimitada. Sem retornar à vida comum, vivendo experiências meditativas divinas, ao morrer, ele renasceu no reino de Brâma.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*No feitiço, veja o feitiço.
Vida de plástico, isso não queira.
Enfeitiçado, o bem é esquecido.
‘Mero plástico’ vê no espelho.*

Isto é o que
foi dito:

*Observe, tenha cuidado
com as delícias várias do mundo.
Inebriados e apegados
agimos mal e ficamos sujos.*

Por que motivo
isso foi dito?



56. O Curto Discurso Sobre o Aglomerado de Sofrimento

Assim ouvi. Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia com os Sákya em Kapilavastu no monastério da figueira, o Sákya Mahanáma se dirigiu ao Bhagavam, fez-lhe uma reverência e sentou-se em um canto. Sentado, ele disse-lhe o seguinte:

— Mestre, por muito tempo eu entendo o Dharma do Bhagavam da seguinte maneira: a ganância é um vício na mente, o ódio é um vício na mente, a ilusão é um vício na mente. Mesmo assim, às vezes, a minha mente é dominada por experiências de ganância, de ódio e de ilusão. Então, eu me pergunto: “O que é que internamente eu ainda não abandonei para que, às vezes, a minha mente seja dominada por experiências de ganância, de ódio e de ilusão?”

— Mahanáma, de fato, existe uma experiência interna que ainda não foi abandonada pela qual, às vezes, a vossa mente é dominada por experiências de ganância, de ódio e de ilusão. Pois, Mahanáma, se essa experiência interna fosse abandonada por vós, não estaríeis vivendo em casa curtindo os prazeres da sensualidade. É porque existe uma experiência interna que ainda não foi abandonada por vós que viveis em casa curtindo os prazeres da sensualidade.

Os prazeres da sensualidade oferecem pouca atratividade, muito sofrimento e muito tormento, e maior ainda é o prejuízo que acarretam. Mahanáma, mesmo que um nobre discípulo tenha visto isso bem, como realmente é e com genuína sabedoria, enquanto ele não alcançar o êxtase e felicidade que estão afastados da sensualidade e das experiências ruins – ou algo mais pacífico que isso – ele ainda poderá retornar aos prazeres da sensualidade. Mas, Mahanáma, o nobre discípulo que viu isso bem, como realmente é e com genuína sabedoria e alcançou o êxtase e felicidade que estão afastados da sensualidade e das experiências ruins – ou algo mais pacífico que isso – não retorna aos prazeres da sensualidade.

Mahanáma, eu também, quando ainda era um Bodhisatva antes do Despertar, tinha visto bem, como realmente é e com genuína sabedoria, que os prazeres da sensualidade oferecem pouca atratividade, muito sofrimento, muito tormento, e maior ainda é o prejuízo que acarretam. Mas enquanto o êxtase e felicidade que estão afastados da sensualidade e das experiências ruins – ou algo mais pacífico que isso – não foram alcançados, eu não declarei que não voltaria mais aos prazeres da sensualidade. Foi somente quando eu tinha visto isso bem, como realmente é e com genuína sabedoria e quando eu alcancei o êxtase e felicidade que estão afastados da sensualidade e das experiências ruins – ou algo mais pacífico que isso – que eu declarei que não voltaria mais aos prazeres da sensualidade.

Mahanáma, e o que é a atratividade da sensualidade? Existem estas cinco cordas da sensualidade. Quais cinco?

(1) Formas conscientizadas com os olhos que são desejáveis, gostosas, agradáveis, queridas, associadas à sedução e apaixonantes.

(2) Sons conscientizados com os ouvidos que são desejáveis, gostosos, agradáveis, queridos, associados à sedução e apaixonantes.

(3) Odores conscientizados com o nariz que são desejáveis, gostosos, agradáveis, queridos, associados à sedução e apaixonantes.

(4) Sabores conscientizados com a língua que são desejáveis, gostosos, agradáveis, queridos, associados à sedução e apaixonantes.

(5) Tangíveis conscientizados com o corpo que são desejáveis, gostosos, agradáveis, queridos, associados à sedução e apaixonantes.

Mahanáma, essas são as cinco cordas da sensualidade. O prazer físico e mental que surge tendo essas cinco cordas da sensualidade como condição são a atratividade da sensualidade.

Mahanáma, e o que é o prejuízo da sensualidade? Aqui, Mahanáma, um homem de família ganha a vida por meio do tabelionato, da contabilidade, do cálculo, da agricultura, da venda, da pecuária, do arco e flecha, do serviço governamental ou qualquer outro meio, e ele se vê diante do frio, do calor, diante do contato com mosquitos e moscas, diante do contato com o vento, sol e serpentes, arriscando a sua vida com fome e sede. Mahanáma, esse é um prejuízo da sensualidade, um aglomerado de sofrimento visível aqui nesta vida, tendo o desejo sensual como causa, tendo o desejo sensual como motivo, tendo o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a sua causa.

Se esse homem de família, um trabalhador proativo e esforçado, não consegue ganhar dinheiro, ele entristece, fica angustiado, lamenta, bate as mãos no peito e chora

confuso da seguinte maneira: ‘Ah, a minha iniciativa foi inútil, o meu esforço foi em vão!’ Mahanáma, esse é um prejuízo da sensualidade, um aglomerado de sofrimento visível aqui nesta vida, tendo o desejo sensual como causa, tendo o desejo sensual como motivo, tendo o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a sua causa.

Se esse homem de família, um trabalhador proativo e esforçado, consegue ganhar dinheiro, ele sente dor e mal-estar tentando protegê-lo da seguinte maneira: ‘Como eu evito que os governantes tomem o meu dinheiro? Como eu evito que os ladrões tomem o meu dinheiro? Como eu evito que ele seja perdido em incêndio, inundação, ou que seja levado por herdeiros inestimados?’ E, mesmo tendo-o protegido e se precavido, os governantes o tomam, os ladrões o roubam ou um incêndio o queima, ou a água o leva, ou herdeiros inestimados o levam. Então, ele entristece, fica angustiado, lamenta, bate as mãos no peito e chora confuso da seguinte maneira: ‘Ah, o que era meu não é mais!’ Mahanáma, esse é um prejuízo da sensualidade, um aglomerado de sofrimento visível aqui nesta vida, tendo o desejo sensual como causa, tendo o desejo sensual como motivo, tendo o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a sua causa.

Ainda, Mahanáma, tendo o desejo sensual como causa, o desejo sensual como motivo, o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a causa, reis brigam com reis, governantes brigam com governantes, brâmanes brigam com brâmanes, donos de casa brigam com donos de casa, mães brigam com filhos, filhos brigam com mães, pais brigam com filhos, filhos brigam com pais, irmãos brigam com irmãos, irmãos

brigam com irmãs, irmãs brigam com irmãos, amigos brigam com amigos. Quando eles começam a bater boca, disputar e brigar, eles se atacam com murros, com pedras, com varas e com espadas causando morte e sofrimento mortal. Mahanáma, esse é um prejuízo da sensualidade, um aglomerado de sofrimento visível aqui nesta vida, tendo o desejo sensual como causa, tendo o desejo sensual como motivo, tendo o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a sua causa.

Ainda, Mahanáma, tendo o desejo sensual como causa, o desejo sensual como motivo, o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a causa, pessoas vandalizam, roubam riquezas, assaltam casas afastadas, criam emboscadas na estrada e buscam a mulher dos outros. Então, elas são capturados pelos reis e sofrem várias punições: golpes de chicote, de vara, de cacetete; amputação de mãos, pés ou ambos, torturas, decapitação, causando morte e sofrimento mortal. Mahanáma, esse é um prejuízo da sensualidade, um aglomerado de sofrimento visível aqui nesta vida, tendo o desejo sensual como causa, tendo o desejo sensual como motivo, tendo o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a sua causa.

Ainda, Mahanáma, tendo o desejo sensual como causa, o desejo sensual como motivo, o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a causa, pessoas se conduzem mal com o corpo, com a fala e com a mente e, com o perecimento de seu corpo, após a morte, elas partem para a desgraça, renascem no submundo, no inferno.

Mahanáma, esse é um prejuízo da sensualidade, um aglomerado de sofrimento nas próximas vidas, tendo o desejo sensual como causa, tendo o desejo sensual como

motivo, tendo o desejo sensual como antecedente, o desejo sensual sendo simplesmente a sua causa.

57. Circunstâncias (1º)

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, por que motivo as mulheres, homens, donos de casa e renunciantes devem refletir frequentemente da seguinte maneira: “Tudo o que gosto e amo se tornará diferente e de mim será separado”? Monges, existem seres com desejo apaixonado pelo que é amável e adorável e, cheios de paixão, eles engajam em má conduta com o corpo, com a fala e com a mente. Mas, ao refletir sobre essa circunstância frequentemente, eles abandonam totalmente ou parcialmente o desejo apaixonado pelo que é amável e adorável.

Monges, é por esse motivo que as mulheres, homens, donos de casa e renunciantes devem refletir frequentemente da seguinte maneira: “Tudo o que gosto e amo se tornará diferente e de mim será separado.”



“O pensamento apaixonado
que é ‘a sedução’ das pessoas.
Sensualidade não é no mundo
as chamativas, brilhantes coisas.

O pensamento apaixonado
que é ‘a sedução’ das pessoas.
Os seus desejos afasta o sábio
enquanto ali permanecem as coisas.”



Amor ao Bem

*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Observe, tenha cuidado
com as delícias várias do mundo.
Inebriados e apegados
agimos mal e ficamos sujos.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Podendo, fuja da algazarra.
Vá aonde a brisa suave o toque,
aonde o silêncio é sinfonia,
aonde o pôr do sol o comove.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



58. Amor pelo Silêncio

Certa vez, o asceta Nigroda estava sentado em meio à um grande grupo de ascetas, todos criando tumulto, falando alto e fazendo barulho enquanto conversavam sobre diversas bobagens, isso é, conversas sobre reis, ladrões, perigos, guerras, comidas, bebidas, roupas, móveis, enfeites, perfumes, parentes, veículos, aldeias, vilas, cidades, países, mulheres, heróis, bate-papo de rua, fofocas de praça, conversas sobre espíritos antepassados, boatos, conversas sem eira nem beira, conversas sobre a origem do mundo e do oceano, ou sobre renascer aqui, ali ou acolá.

Então, o asceta Nigroda viu o dono de casa Sandâna a uma certa distância, se aproximando. Tendo visto Sandâna, ele se dirigiu à multidão dizendo o seguinte:

— Prezados, façam silêncio. Prezados, não façam barulho. Esse que vem chegando é o dono de casa Sandâna, um seguidor do recluso Gautama. Ele é um de seus seguidores que se veste de branco⁵⁰ e vive em Rájagaha. E esses ilustres amam o silêncio, eles são ensinados a serem silenciosos, eles elogiam pouco ruído. Se ele ver este grupo em silêncio, quem sabe ele nos visite?

Assim, o grande grupo de ascetas ficou em silêncio. Em seguida, o dono de casa Sandâna se dirigiu ao asceta Nigroda e trocou

50. Nos tempos do Bhagavam Buda, os seus devotos seguidores leigos (donos de casa, pessoas de família, dedicados ao trabalho) vestiam apenas branco, simbolizando a pureza de sua conduta, caráter e virtude.

cumprimentos com ele. Quando eles terminaram de se cumprimentar cordialmente, ele sentou-se em um canto. Sentado, Sandâna disse-lhes o seguinte:

— Prezados, os vários ascetas de várias vertentes religiosas se comportam de uma maneira quando se reúnem: eles criam tumulto, falando alto e fazendo barulho enquanto conversavam sobre diversas bobagens... já o Bhagavam se comporta de outra maneira: ele busca abrigos distantes em selvas e jardins remotos, onde há pouco ruído, poucas vozes, longe do povo, onde as pessoas não perturbam, um lugar apropriado para o recolhimento.

59. O Rei Makhadêva

Disse o Bhagavam Buda:

Há muito tempo atrás, Ananda, aqui mesmo em Mithilá, houve um rei justo chamado Makhadêva, um rei de princípios, um grande rei que governava de acordo com o Dharma. Ele tratava os brâmanes, os donos de casa e as pessoas da região de forma correta. Ele também observava os dias de Vigília a cada quinzena.

Naqueles tempos, num certo dia, o rei disse ao seu barbeiro:

— Caro barbeiro, ao ver cabelo cinza crescendo em minha cabeça, avisa-me.

— Sim, majestade.

Então, depois de muitos anos, o barbeiro viu cabelo cinza crescendo na cabeça do rei e disse-lhe:

— Os mensageiros dos céus se apresentaram! Pois cabelos cinzas são vistos crescendo em vossa cabeça.

— Nesse caso, caro barbeiro, corte-os cuidadosamente e coloque-os na palma da minha mão.

“Sim, majestade”, disse o barbeiro, e ele os cortou cuidadosamente e os colocou na palma da mão do rei. Em seguida, tendo oferecido ao barbeiro uma vila como prêmio, ele convocou o príncipe e disse-lhe o seguinte:

— Meu jovem, os mensageiros dos céus se apresentaram para mim. Pois cabelos cinzas são vistos crescendo em minha cabeça. Eu aproveitei os prazeres humanos. Agora chegou a hora de buscar os prazeres divinos. Venha, meu jovem, governe este reino! Pois eu vou raspar o cabelo e a barba, vestir o manto marrom e deixar o palácio renunciando à vida mundana.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Podendo, fuja da algazarra.
Vá aonde a brisa suave o toque,
aonde o silêncio é sinfonia,
aonde o pôr do sol o comove.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Fique onde o coração entenece,
na companhia de gente simples.
Do humilde, faça o seu mestre.
Um paraíso assim que se cria:*

*Por que motivo
isso foi dito?*



60. O Papagaio Sattigumba

Caçar renas foi o rei junto com o seu
carroceiro.

Juntos eles partiram, mas, na floresta, eles
se perderam.

Uma casa de criminosos eles viram em
meio ao mato.

E lá de dentro, maldizendo, saiu voando um
papagaio.

Sattigumba

Bem montado é esse jovem, com belas joias
adornado;
esplêndidas e douradas, como um dia
ensolarado.

Aqui mesmo, em pleno dia, carroceiro e rei
dormem agora.

Vamos, rapidamente, roubar todas as suas joias!
Meia-noite, ainda dormindo, carroceiro e rei
sozinhos.

Roubem suas posses, roubem suas joias, matem
os dois e joguem eles fora!

*O ladrão
Patikolamba*

Sattigumba, o que escuto? Por acaso, você está

louco?

Lidar com reis é complicado, eles queimam quem o fogo!

Sattigumba

O que é isso que você me fala, que papo é esse, Patikolamba?

Pela minha mãe pelada, agora condena aqueles que roubam?

Rei

Rápido, carroceiro, acorde e amarre nossos cavalos.

Desse pássaro eu não gosto, vamos partir para outro lado!

Carroceiro

Onde estão todos aqueles que aqui roubam? Vejam o rei em fuga, aqui agora não mais se encontra!

Aos arcos e flechas, peguem as espadas e peguem as lanças!

Que não escapem com vida! Não deixem passar a chance!

Longe dali, outro papagaio, com o seu bico, as boas-vindas oferece aos visitantes exauridos:

“Sede bem-vindo aqui, majestade!

Mal não veio aqui, é verdade!

Patrão abençoado,

o que vos traz a esses lados?

Aqui temos sucos, doces e frutas.

Majestade, aceite-as, embora não sejam muitas.

Água fresca nós temos, trazidas daqueles vales.

Bebei, majestade, se assim for a vossa vontade.

Aqueles no bosque colhendo são aqueles aqui vivendo.

Levantai, rei. Podeis servir-se, não vos ajudo pois mãos não tenho.”

Rei

Mas que pássaro virtuoso! Que ave de grande caráter!

Já o outro papagaio, ali falava muitas maldades:

‘Que eles não escapem, ataque-os e amarre-os!’

Assim mesmo ele gritava, porém chegamos aqui a salvo.

*O sábio
Papagaio:*

Somos irmãos, majestade. Da mesma mãe nós dois viemos.

Vivemos na mesma árvore, mas, separados, depois crescemos.

Sattigumba entre ladrões, já eu neste santuário. Ali corruptos, aqui puros. Diferentes somos em caráter.

Matança, sequestro, truque e violência, roubos e vandalismo, é isso que ali se treina.

Hospitalidade, autocontrole, abstinência, com tais valores eu cresci, verdade, Dharma e não violência.

Fascinado pela sabedoria do papagaio, o rei tirou o seu calçado, sentou-se em um canto e, de palmas juntas, pediu com sinceridade:

“Nobre ave, que sábias palavras!
Eu te peço, por favor, que me ensine mais
desse Dharma.”

*O sábio
Papagaio:*

Rei, seja bom, ou seja mau, virtuoso ou
desvirtuado,
seja lá com quem se convive, ali somos
influenciados.
Seja lá com quem se é íntimo, seja lá a pessoa
que se preza,
assim mudamos, igual nos tornamos. Tal a
influência da convivência.
Convivendo-se pouco a pouco,
influencia-se um ao outro.

Se a flecha é envenenada,
logo a aljava é contaminada.
Não deseja má companhia
o sábio que teme como ela o influencia.
Em uma folha de árvore, envolva um peixe
estragado,
e logo a folha fede, tal como o peixe nela
embrulhado.
Assim, nos tornamos tolos
estimando pessoas vulgares.
Enrole incenso em uma folha de árvore, e
perfumada ela se torna,
tão perfumada como o incenso que, embrulhado
nela, a toca.
Assim, nos tornamos sábios estimulando pessoas
nobres.

Sabendo, então o sábio, daquilo que o beneficia,

má companhia ele não estima; é o bom que ele valoriza.

Pois o mau rumo para baixo.

Já o bom, para cima se destina.



“Com o tolo, viver à parte.

Com o sábio, associar-se.

Reverência aos veneráveis.

O sinal da excelsa auspiciosidade.”



61. Com Esukári

Disse o Bhagavam Buda ao Brâmane Esukári:

Brâmane, eu não afirmo isto: “Uma pessoa deve se associar a todos”. Eu também não afirmo isto: “Uma pessoa não deve se associar a ninguém.”

Brâmane, ao se associar a alguém, se uma pessoa se torna pior e não melhor por causa disso, eu digo: “Não se associe a ela”. E, brâmane, ao se associar a alguém, se uma pessoa se torna melhor e não pior por causa disso, eu digo: “Se associe a ela.”

62. Circunstâncias (2º)

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, estas quatro circunstâncias podem ser conhecidas em

quatro situações:

Monges, a virtude de alguém pode ser conhecida associando-se com ela. Mas somente por muito tempo, não por pouco tempo. E somente com atenção, não sem atenção. E somente pelo sábio, não pelo sonso.

Monges, a pureza de alguém pode ser conhecida associando-se com ela. Mas somente por muito tempo, não por pouco tempo. E somente com atenção, não sem atenção. E somente pelo sábio, não pelo sonso.

Monges, a firmeza de alguém pode ser conhecida associando-se com ela. Mas somente por muito tempo, não por pouco tempo. E somente com atenção, não sem atenção. E somente pelo sábio, não pelo sonso.

Monges, a sabedoria de alguém pode ser conhecida conversando com ela. Mas somente por muito tempo, não por pouco tempo. E somente com atenção, não sem atenção. E somente pelo sábio, não pelo sonso.

63. Vivendo Confortavelmente

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem estes cinco modos da vida confortável. Quais cinco?

Aqui, monges, um monge vive consistentemente mantendo atos corporais, verbais e mentais bondosos, em público e em privado, em relação aos seus companheiros.

Ele vive mantendo os preceitos éticos, compartilhados com os seus companheiros, sem faltas, sem quebrá-los, robustos, impecáveis, libertadores, louvados pelas pessoas sensatas, bem aplicados e que conduzem à concentração da mente.

Ele vive seguindo a mesma crença, em público e em privado, compartilhada pelos seus companheiros. Uma crença nobre, libertadora, que conduz o seu praticante ao esgotamento do sofrimento.

Monges, esses são os cinco modos da vida confortável.

64. Fraternidade

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem estas seis qualidades memoráveis que levam ao amor, ao respeito, à conciliação, à harmonia e à união. Quais seis?

Aqui, monges, um monge vive consistentemente mantendo atos corporais, verbais e mentais bondosos, em público e em privado, em relação aos seus companheiros.

Ele compartilha, sem reservas, quaisquer de suas posses obtidas de forma legal e honesta — mesmo a comida de sua própria tigela — com os seus companheiros virtuosos.

Ele vive mantendo os preceitos éticos, compartilhados com os seus companheiros, sem faltas, sem quebrá-los, robustos, impecáveis, libertadores, louvados pelas pessoas sensatas, bem aplicados e que conduzem à concentração da mente.

Ele vive seguindo a mesma crença, em público e em privado, compartilhada pelos seus companheiros. Uma crença nobre, libertadora, que conduz o seu praticante ao esgotamento do sofrimento.

Monges, essas são as seis qualidades memoráveis que levam ao amor, ao respeito, à conciliação, à harmonia e à união.

65. Metade da Vida Santa

Assim ouvi. Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia com os Sákyas na cidade dos Sákyas, chamada Nagaraka, o venerável Ananda se dirigiu a ele, fez-lhe uma reverência e sentou-se em um canto. Sentado, ele disse ao Bhagavam Buda o seguinte:

— Mestre, isto é a metade da vida santa: admiráveis amigos, admiráveis companheiros, admiráveis camaradas.

— *Não é assim, Ananda. Não é assim. Isto é toda a vida santa, Ananda: admiráveis amigos, admiráveis companheiros, admiráveis camaradas.*

Epílogo

Uma vez, um grande grupo de jovens brâmanes, estudantes do clã Bharadvāja, se dirigiu a uma floresta selvagem para coletar lenha. Ao entrarem na floresta, no entanto, eles viram uma cena sublime: ali havia esse recluso, sentado de pernas cruzadas, com o seu corpo ereto e com a lucidez estabelecida a sua frente. Maravilhados com a cena, eles retornaram ao seu mestre e disseram-lhe o seguinte:

— Mestre, saiba disso: nessa mesma floresta há um recluso sentado de pernas cruzadas, com o seu corpo ereto e com a lucidez estabelecida a sua frente!

Ao ouvir o relato dos jovens, o brâmane partiu para a floresta e os seus estudantes o seguiram. Chegando no local silenciosamente, ele viu a cena que os seus pupilos descreveram. Se aproximando com cuidado, o brâmane curvou-se vagarosamente. Hipnotizado pelo que via, reverentemente ele se dirigiu ao recluso em versos:

“Na profunda, aterrorizante, tão vazia e deserta floresta,
meditando, eis que vive um monge inabalável – que vista
bela!

Solitário aqui, este santo do canto e melodia, distante.
Em êxtase imersa a mente. Mas que vista tão fascinante!

Eu presumo que tu desejas o supremo céu, o paraíso
ou, de Brâma, a sua companhia e na selva vive pra isso...
Austeridade é o que tu praticas dirigindo-se ao divino?”

Nesse momento insólito, os jovens escondiam-se atrás de seu mestre ansiosos pela reação do homem sentado dignamente diante de seus olhos. Então, em meio ao silêncio, o Bhagavam respondeu:

“Sempre atados aos vários reinos são tais desejos e tais deleites.

Do não-saber surge o anseio. Aboli todos com suas raízes.

Sem desejos, solto e alheio, o meu olhar sobre tudo é puro.

O sumo despertar atingido, medito escondido e seguro.”



“O que quer que surja de causas,

a sua causa, o Buda revela.

E como seu fim se dá, ele declara.

Isso é o que ensina o Grande Asceta.”



Notas de Tradução

Todos os textos traduzidos nesta obra (discursos, excertos, histórias e versos canônicos) fazem parte do *tipiṭaka pāli*, o cânone pāli budista que preserva os antigos ensinamentos do Bhagavam há mais de dois milênios em sua língua original. Em sua maior parte, os textos em pāli foram consultados no website suttacentral.net (Sujāto, 2005), que, por sua vez, hospeda uma cópia da edição do *tipiṭaka Mahasangīti*, da linhagem burmesa⁵¹. Ainda, foram consultadas traduções em inglês desses textos feitas por Sujāto (2005), Ñanamoli (1995), Bodhi (2012, 2000), Cowell et al. (1880) e Kawasaki et al. (2018), além de textos paralelos encontrados no cânone chinês. As histórias *jātakas* (Ja) foram traduzidas a partir de traduções do inglês, com leves adaptações, enquanto que os seus versos foram traduzidos do pāli. Textos em *itálico* que por vezes introduzem ou finalizam um texto não fazem parte do original, sendo meramente contextualizações fornecidas por este que escreve. Títulos foram dados aos discursos que, originalmente, não possuem título e, em alguns casos, o título foi alterado em nome da legibilidade.

Salvo quaisquer restrições impostas pelas obras que aqui se encontram derivadas, toda esta obra é de domínio público.

51. O texto original e outras traduções podem ser consultados seguindo a referência no *Sumário* de acordo com a seção *Abreviações*.

Bibliografia

- Bodhi, Bhikkhu. *The Connected Discourses of the Buddha : a Translation of the Samyutta Nikaya*. Wisdom Publications, 2000.
- Bodhi, Bhikkhu. *The Numerical Discourses of the Buddha : a Translation of the Anguttara Nikaya*. Wisdom Publications, 2012.
- Kawasaki, Ken. Kawasaki, Visakha. *Jataka Tales of the Buddha - Volume I-III*. Pariyatti Press, 2018.
- Ñānamoli, Bhikkhu. *The Middle Length Discourses of the Buddha: A Translation of the Majjhima Nikaya*. Wisdom Publications, 1995.
- T.W. Rhys Davids, et al. *The Jataka or Stories of the Buddha's Former Births*. Cambridge, 1895-1907.
- Sujāto, Bhikkhu. *Suttacentral*. <https://suttacentral.net>.